

2023 - 2024

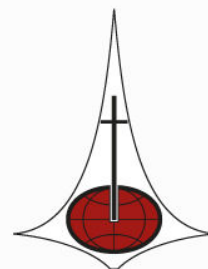
IECLB. Igreja de Jesus Cristo.

Vocês são
o sal da terra.
Vocês são a luz
do mundo.

(Mateus 5. 13-14)

200 ANOS
1824 - 2024 **Presença
Luterana
no Brasil**

   [ieclboficial](#) [luteranos.com.br](#)



Igreja Evangélica
de Confissão Luterana no Brasil

CADERNO DE ESTUDOS

Ficha Técnica

Subsídios para o estudo do Tema e Lema do Biênio 2023-2024

Arte do Tema e Lema 2023-2024:

Mythos Comunicação

Elaboração dos textos:

Clovis Horst Lindner, Joni Schneider, Wilhelm Wacholz, Martin Dreher, Mário Tessmann, Rodolfo Gaede, Roger Wanke, Soraya Eberle, Osmar Witt, Lucia Roesel, Márcia Paixão, Leonídio Gaede, Renato Raasch, Gérson Acker, Edson Márcio Reginaldo, Bianca Daiane Ucker Weber, Eloir Enio Weber, Valdemar Schultz, Maira Weyrich Sträher, Leandro Luis da Silva, Daniel Pagung.

Equipe de coordenação e revisão:

Carla Vilma Jandrey, Carmen Michel Siegle, Daniela Hack, Emílio Voigt, Erli Mansk, Joni Roloff Schneider, Gabriela Giese, Margret Reus, Maria Dirlane Witt, Martina Wrasse Scherer, Odair Braun, Olmiro Ribeiro Júnior, Paulo Afonso Butzke, Simone Engel Voigt e Wagner Petry Moraes.

Coordenação geral:

Paulo Afonso Butzke – Núcleo de Produção e Assessoria da IECLB (NPA)

Revisão ortográfica:

Luis Marcos Sander

Projeto gráfico:

Mythos Comunicação

Acesse os materiais da campanha no Portal Luteranos: www.luteranos.com.br

Sumário

| | |
|---|-----|
| Apresentação | 4 |
| Texto-base - Tema do Ano 2023-2024 | 5 |
| Liturgia do Tema do Biênio 2023-2024 | 9 |
| Somos Igreja de Cristo - Melodia Cifrada | 14 |
| Somos Igreja de Cristo - Arranjo para Coro e Acompanhamento | 15 |
| Somos Igreja de Cristo - Arranjo para Grupos de Metais | 16 |
| Leitura e Releitura do Cartaz | 17 |
| Linha do Tempo | 24 |
| Reflexões sobre o Tema do Biênio e a Constituição da IECLB | 29 |
| História e Teologia do Primeiro Artigo da Constituição da IECLB | 30 |
| Teologia do 3º e 6º Artigos da Constituição da IECLB | 35 |
| O Lema Bíblico do Biênio 2023-2024 | 41 |
| Subtemas e Subsídios | 47 |
| A Gratidão pela Nossa História | 47 |
| 1. A Gratidão pela Ação de Deus - Salmo 106 | 47 |
| 2. Até aqui me Trouxe Deus - Reflexão sobre o Hino LCI 470 | 53 |
| 3. A História da IECLB e a História de Nossa Comunidade - Um Seminário para a comunidade local | 59 |
| A identidade da IECLB e sua participação na missão de Deus hoje | 63 |
| 1. Comunhão solidária: A identidade da Igreja e seu propósito segundo Atos 2.42-47 | 63 |
| 2. Casa de pedras vivas: A identidade da Igreja e seu propósito, segundo 1 Pe 2.4-10 | 69 |
| 3. A identidade de nossa comunidade na missão de Deus: Um seminário para a comunidade local | 72 |
| Nosso Compromisso com o Futuro | 79 |
| 1. Olhos voltados para o futuro: A Grande Comissão em Mateus 28.16-20 | 79 |
| 2. Sonhar igreja e atravessar o teto | 84 |
| 3. O futuro da IECLB e o futuro de nossa comunidade: Um seminário para a comunidade local | 86 |
| Atividades relacionadas ao tema e ao lema do ano para instituições educacionais da rede sinodal de educação e outros grupos | 91 |
| Apresentação | 92 |
| 1. Introdução geral sobre o tema e o lema | 93 |
| 2. Atividades para a Educação Infantil | 95 |
| 3. Atividades para o Ensino Fundamental - Anos iniciais | 98 |
| 4. Atividades para o Ensino Fundamental - Anos finais | 102 |
| 4. Atividades para o Ensino Médio | 104 |
| Celebração com professoras e professores | 107 |

Apresentação

Com o Tema do Biênio 2023-2024 ingressamos definitivamente na celebração dos 200 anos de história da IECLB. Tema e lema escolhidos são os seguintes:

Tema do Ano 2023-2024: **IECLB. Igreja de Jesus Cristo.**

Lema bíblico de 2023-2024: *Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo.*

(Mt 5. 13-14)

Em 2024 a IECLB celebra com gratidão o jubileu de 200 anos da fundação de suas primeiras comunidades, em Nova Friburgo (RJ) e em São Leopoldo (RS). Assim iniciou o caminho da IECLB, sempre movida pelo desejo de suas comunidades de ser sal em terras brasileiras e luz a apontar para o evangelho de Jesus Cristo. Ao longo da caminhada, sua identidade foi ficando cada vez mais clara: somos igreja de Jesus Cristo em nosso país. De igual forma, a IECLB sempre se sentiu desafiada pelo Senhor da igreja a viver a missão que dele recebeu: ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5. 13-14). Tema e Lema do Biênio 2023-2024, portanto, nos convidam a refletir sobre a identidade e a missão da IECLB.

Vamos louvar a Deus, pela sua presença amorosa junto à vida de pessoas, vindas de terras distantes ao Brasil, que não abriram mão da vivência de fé evangélico-luterana. Hoje, como IECLB, ao celebrar 200 anos de presença luterana no Brasil, agradecemos a Deus pela sua ação na história, pela sua força, luz na vida das pessoas e comunidades. Na certeza da presença de Deus desde o início, queremos pedir que nos fortaleça para continuarmos a ser IGREJA EVANGÉLICA de CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL- Igreja de Jesus Cristo, agora e no futuro, reafirmando nossa identidade, participando na missão de Deus.

A cada ano o caderno de estudos do Tema do Ano auxilia comunidades, paróquias, sínodos e instituições da IECLB a refletirem a respeito do Tema e do Lema bíblico propostos. É importante instrumento na formação e na construção da unidade da igreja. Alegramo-nos em colocar o presente caderno de estudos em suas mãos. Agradecemos a todas as pessoas que se engajaram e contribuíram para que ele se tornasse realidade. E desejamos a todas as pessoas que utilizarem os textos, estudos, subsídios, liturgias e propostas metodológicas um uso abençoado que promova o diálogo e a ação.

Pa. Sílvia Beatrice Genz
Pastora Presidente da IECLB

Texto-base – Tema do Biênio 2023-2024

Presidência da IECLB, Porto Alegre/RS

TEMA: **IECLB. Igreja de Jesus Cristo.**

LEMA: *Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo.* (Mateus 5.13-14)

PALAVRAS INTRODUTÓRIAS

1. Em 2024, as comunidades da IECLB irão celebrar o jubileu de 200 anos de história em nosso país. O objetivo geral do planejamento do jubileu afirma o caráter desta celebração: “celebrar, com gratidão, os 200 anos de presença luterana no Brasil, fortalecendo sua visibilidade, relevância e crescimento integral”. Além da ação de graças pela história percorrida e da afirmação da identidade de nossa igreja na missão de Deus no presente, também desejamos refletir a respeito de nossos caminhos futuros.
2. Em abril de 2022, por ocasião do lançamento do selo comemorativo do jubileu de 200 anos da IECLB, foi estabelecido o slogan **“IECLB. Igreja de Jesus Cristo”** para nortear a celebração. Trata-se de citação direta do artigo 1º da Constituição da IECLB.¹ Ao definir o tema do ano, a Presidência da Igreja julgou importante utilizar o mesmo slogan como Tema para o Biênio 2023-2024. Desta forma, as ações previstas no planejamento do jubileu de 200 anos e a reflexão do Tema e Lema do Biênio estarão em sintonia, apoiando-se mutuamente.
3. O Tema do Biênio afirma a identidade da IECLB: ser igreja de Jesus Cristo. Ele

é o fundamento e o Senhor da igreja. Como Lema bíblico, a Presidência da IECLB escolheu uma palavra de Cristo com a qual ele desafia seus discípulos e discípulas: “Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo” (conforme Mateus 5.13-14). Tema e Lema bíblico, portanto, se complementam. Enquanto que o tema declara o que é a igreja e o que a constitui, o lema bíblico afirma para que ela existe neste mundo. Ao longo do Biênio 2023-2024, teremos a oportunidade de refletir no contexto do jubileu de 200 anos, a respeito da identidade e do propósito da IECLB.

IECLB. IGREJA DE JESUS CRISTO.

4. Quando em 1949 foi constituída a Federação Sinodal - IECLB, as pessoas representantes dos sínodos afirmaram que a IECLB é igreja de Jesus Cristo no Brasil. Expressavam, assim, a convicção de que as comunidades, sínodos e igreja de abrangência nacional não tem sua origem na decisão e no empenho de seus membros, mas na intenção salvadora de Deus manifestada em Jesus Cristo. Naqueles tempos de redefinição teológica, o texto de 1 Coríntios 3.11 – **“ninguém pode lançar outro fundamento, além do que foi posto, o qual é Jesus Cristo”** – adquiriu função programática. A partir deste texto, redefiniu-se a base teológica da igreja e elaborou-se a visão para seu futuro.
5. O P. Ernesto Schlieper, primeiro vice-presidente da IECLB naqueles anos,

disse: “Cristo é o único fundamento da igreja. E pertencer a esta igreja é saber-se edificado sobre este fundamento, não por nossa vontade ou decisão (...) A igreja em sua ação só pode querer tornar visível o fundamento no qual tem a sua existência; ela quer ser um sinal no mundo, quer ser testemunha (...) que em Jesus Cristo Deus vem ao nosso encontro e nos salva em sua morte e ressurreição. Dessa mensagem, dessa palavra que Deus pronunciou em Cristo, vive a igreja”.² Cada nova geração da IECLB tem a tarefa de continuar edificando sobre este fundamento. É necessário que tenham o discernimento humilde para o fato de “que a tarefa de edificarmos a sua igreja ... é uma tarefa além e acima de todas as nossas possibilidades. Mas somente assim, Cristo quer utilizar-se de nós. Lembremo-nos, pois, sempre, de que o fundamento já foi posto por Deus mesmo, e esse fundamento é tal que todo nosso fazer e edificar só pode consistir em segui-lo...”.

6. Em suas cartas, o apóstolo Paulo deixa claro que o fundamento da igreja não é algo estático como nas demais construções humanas. Ele é o “poder de Deus” (Rm 1.16; 1Co 1.24), é a presença do Cristo vivo na igreja. Na tradição confessional luterana, expressamos esta presença salvadora de Cristo apontando para a pregação da Palavra e a administração os Sacramentos. Através destes meios, o Espírito Santo cria a fé e a comunhão do corpo de Cristo. A igreja e cada uma de suas comunidades é templo, santuário do Deus vivo, um espaço de salvação neste mundo (1 Co 3.16). Este templo destinado ao encontro com Deus, igualmente não é uma construção estática. É um santuário edificado com “pedras vivas” (1 Pe

2.5), pessoas que pela fé em Cristo tornam-se sacerdotes e sacerdotisas e se engajam com seus dons pessoais na igreja e na sociedade. A igreja de Cristo é uma comunhão sacerdotal à serviço da missão de Deus neste mundo. A definição da missão que a IECLB assume está descrita nos artigos 3º e 6º de sua Constituição.

VOCÊS SÃO O SAL DA TERRA. VOCÊS SÃO A LUZ DO MUNDO (conforme Mateus 5.13-14)

7. Após o seu batismo, Jesus inicia seu ministério na Galileia. Anuncia que as pessoas que vivem na escuridão e à margem, irão experimentar grande luz, assim como prometido em Isaías 8: “O povo que vivia em trevas viu grande luz, e aos que viviam na região e sombra da morte resplandeceu-lhes a luz.” A luz que a partir de agora irá brilhar na vida das pessoas, provém da graça de Deus presente na atuação de Jesus. Ele resume seu ministério com a proclamação desafiadora: “Arrependam-se, porque está próximo o Reino dos Céus” (Mt 4. 17). A presença salvadora de Deus em Jesus traz uma nova realidade e exige conversão e mudança de vida.
8. Jesus chama pessoas para deixarem suas vidas cotidianas e acompanhá-lo em seu ministério. “Venham comigo, e eu os farei pescadores de gente”, diz aos irmãos Pedro e André, pescadores de profissão no mar da Galileia. Depois, chamou Tiago e João e muitas outras pessoas – e todas “seguiram Jesus” (Mt 4.18.-22). Os Evangelhos narram que Jesus percorria as vilas e as cidades pregando a boa nova do Reino de Deus, ensinando a vontade de Deus, curando doentes e restaurando pessoas. Não é por acaso que muitas pesso-

as, multidões, queriam estar com Jesus e buscavam a sua presença salvadora.

9. No capítulo 5 do Evangelho de Mateus, a cena muda totalmente. Jesus não está mais em meio ao povo, cercado por multidões. Procurou um lugar solitário para estar a sós com seus discípulos. É provável que bem mais pessoas do que os doze discípulos nominados nos Evangelhos estivessem presentes neste momento. Pois, ao lado destes ainda havia muitas pessoas que seguiam Jesus - homens e mulheres que, no entanto, permaneceram em suas vidas cotidianas, em suas famílias e profissões. O Sermão da Montanha que se segue (Mt 5-7), é ensino para as pessoas discípulas. O ensino de Jesus inicia com as bem-aventuranças. Elas falam do estilo de vida de quem segue a Jesus e vive na luz do Reino de Deus. Não são legalistas. Cativam pela promessa de uma vida feliz, bem-aventurada. Não obstante, estão em contraposição com o mundo. Jesus propõe humildade, esperança em meio a lágrimas, anima a manter acesa a chama por paz e justiça, a praticar misericórdia, a sensibilidade, a paz, a pureza, mesmo que isto signifique inimizade e perseguição por parte do mundo.

10. Para Jesus, discípulas e discípulos que vivem as bem-aventuranças são “sal da terra” e “luz do mundo”.⁴ Ele afirma “você são” – uma expressão que denota encargo e mandato. Sal e luz são símbolos poderosos para descrever a missão da igreja neste mundo. O sal na antiguidade tinha importantes funções: impedir a deterioração de alimentos, servir como antisséptico, melhorar a fertilidade do solo, expressar amizade, fidelidade e acolhida, entre outras. Todas estas funções são metáforas para

o testemunho cristão no mundo. Um grande desafio!

11. Ser luz do mundo não é menos desafiador. Porém, é preciso levar em conta que aquele que dá este encargo é, em verdade, a luz do mundo (Jo 8.12; Mt 4.16). Discípulos e discípulas refletem a luz de seu Senhor e assim cumprem importante função de dissipar as trevas do mundo. Esta metáfora também é plena de significados para o discipulado. A luz, por mais tênue que seja, oferece orientação em meio à escuridão. O testemunho cristão, através de palavras, obras e atitudes serve de guia para que as pessoas encontrem o caminho da vida, encontrem a Deus. Assim, o que está predito em Mt 4.15-16 acontece, ainda hoje, em nossa realidade.

12. Tema e Lema do Biênio 2023-2024 desejam guiar a IECLB na celebração de seu jubileu de 200 anos de história em terras brasileiras. Desta forma, o jubileu também adquire um caráter de meditação sobre a jornada feita. Além da ação de graças pela história percorrida e da afirmação da identidade de nossa igreja na missão de Deus hoje, também será uma oportunidade para refletir a respeito dos caminhos futuros.

13. O presente caderno de estudos deseja fomentar esta reflexão através de uma série de subsídios. Após a liturgia do Tema do Biênio e a interpretação do cartaz, o caderno traz uma linha do tempo dos 200 anos da IECLB. Após, subsídios que auxiliam na compreensão do significado do Tema do Biênio a partir da exposição da história dos Artigos 1º, 3º e 6º da Constituição da IECLB, artigos que definem a sua identidade e a sua missão. Na sequência, há a

reflexão a respeito do Lema bíblico do Biênio, o desafio de Jesus à sua igreja em ser sal da terra e luz do mundo. A inter-relação entre o Tema do Biênio e o jubileu dos 200 anos também é refletida nas seções que vem a seguir e que versam sobre os pontos já citados: a) a gratidão pela nossa história; b) a identidade de nossa igreja em sua participação na missão de Deus hoje; c) nosso compromisso com o futuro. Também neste ano, a Rede Sinodal elaborou subsídios para uso nas instituições educacionais que, no entanto, também podem ser utilizados com grande proveito nas comunidades e sínodos.

14. A reflexão sobre o passado enseja gratidão pela ação de Deus em nossa história. Nesta seção o caderno de estudos oferece um estudo sobre o Salmo 106, um salmo que tematiza a gratidão pela ação de Deus ao longo da história do povo de Israel, mas também deixa claro a importância da confissão de pecados por erros cometidos. Ademais, oferece a meditação do hino “Até aqui me trouxe Deus” (LCI 470), um hino inspirado em 1 Samuel 7.12 e muito utilizado em jubileus ao longo da história do luteranismo. Outro subsídio desta seção é a oferta de um seminário comunitário intitulado “A história da IECLB e a história de nossa comunidade”. A realização deste seminário permitirá a comunidade local recontar a sua própria história e refletir sobre ela.
15. A reflexão sobre a identidade de nossa igreja e sua participação na missão de Deus hoje deseja compreender o presente, o momento atual da IECLB.

Os subsídios oferecidos refletem sobre textos do Novo Testamento a respeito da identidade e do propósito da igreja: 1 Pe 2. 4-10 e Atos 2.42-47. Estes textos oferecem imagens a respeito da igreja de Jesus Cristo. Nestas imagens, podemos refletir nossos próprios anseios e sonhos, bem como encontrar orientações e desafios para a atuação da igreja hoje. Outro subsídio desta seção é a oferta de um seminário comunitário intitulado “A Identidade de nossa comunidade na missão de Deus”. O seminário convida a comunidade local a refletir sobre sua atuação atual na realidade em que está inserida.

16. Um jubileu de 200 anos também é uma grande oportunidade para refletir a respeito de nosso compromisso com o futuro de nossa igreja. Nesta seção, a inspiração também vem de textos do Novo Testamento: Marcos 2.1-11 e Mateus 28.16-20. Enquanto que o Marcos 2 nos desafia a encontrar soluções inusitadas que abram perspectivas de futuro, o texto de Mateus nos convida a sermos igreja missionária. Outro subsídio desta seção é a oferta de um seminário comunitário denominado “O futuro da IECLB e o futuro de nossa comunidade”. Objetivo é refletir a respeito de visões e perspectivas de futuro para a comunidade local e para toda a igreja.
17. Desejamos às comunidades, paróquias, sínodos e instituições da IECLB uma reflexão frutífera sobre o Tema e o Lema do Biênio 2023-2024. Que sirva de fomento para uma celebração significativa do jubileu dos 200 anos de nossa igreja.

Liturgia do Tema do Biênio 2023-2024

Tema: “Vocês são o sal da Terra” Mateus 5. 13

Pela equipe do CONALIC (Conselho Nacional de Liturgia):
P. Daniel Pagung e P. Leandro Luís da Silva

PREPARAÇÃO DO AMBIENTE

- Propomos entregar para cada pessoa, na recepção do culto, um pequeno saquinho de pipocas sem sal. Convide jovens, ou confirmandos e confirmandas, para fazer a distribuição.
- Providencie uma parte de pipoca com sal e outra sem sal e sacos pequenos de papel.
- Faça uma procissão de entrada com a vela, a Bíblia e sal. Essa procissão pode ser feita por crianças maiores, juntamente com o ministro ou a ministra.
- Preparar a Santa Ceia com antecedência e solicitar que duas pessoas tragam os elementos, o pão e o suco de uva, para o altar, no momento da música do ofertório.
- No final do culto as pessoas presentes receberão novamente um saquinho de pipoca, mas agora salgada e saborosa (cuidado para não salgar demais por causa de pessoas hipertensas). A proposta é que saibam diferenciar a primeira desta última.

LITURGIA DE ABERTURA

Acolhida

L.: **“Vocês são o sal da Terra”**. Essas palavras, que encontramos no Evangelho de Mateus 5.13, querem ser nossa inspiração para este culto do Tema do Ano da nossa Igreja (IECLB).

O sal é um elemento que dá sabor aos alimentos. Vocês já tiveram a oportunidade de comer um pouco de pipoca quando aqui chegaram. O que perceberam? Sim, a pipoca estava sem sal. E como é um mundo sem sabor? No Evangelho de Mateus, Jesus diz para os discípulos e discípulas: *Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo!*

Neste culto queremos meditar mais sobre “ser sal” neste mundo. Sejam todos e todas bem-vindos e bem-vindas.

Hino: LCI - 341 Amanhecer

Saudação apostólica

L.: Em nome e na presença de Deus criador, salvador e mantenedor da vida nos reunimos (+). Amém!

Hino: LCI - 15 Em Tuas mãos

Confissão de pecados

L.: Jesus Cristo diz que somos “sal da terra”. A função do sal consiste em dar sabor à comida e conservar os alimentos. O sal evita o apodrecimento da comida e o gosto insípido. Como comunidade cristã, chamada a ser sal da terra, assistimos no dia a dia à deterioração dos valores éticos no mundo e na nossa sociedade. Diante disso, o que fazemos ou deixamos de fazer?

Primeiramente, cada qual faz sua oração individual silenciosa; em seguida, oremos em conjunto.

(Silêncio!)

Oremos:

L.: Misericordioso Deus, chegamos diante de ti com o coração pesado e sobrecarregado pela culpa que nos aflige. Sabemos muito bem que não fazemos a tua vontade, somos fracos e fracas em nosso testemunho. Deixamos nossa timidez na fé falar mais alto. Sabemos que não nos empenhamos na missão que nos deste de ser sal da terra e luz do mundo. Deixamos de dar mais sabor a esse mundo com nossas ações e, assim, contribuimos para que a nossa realidade seja insípida. Perdoa-nos, ó Deus, pelas vezes que deixamos a correria do dia a dia ocupar o espaço que tu deverias ocupar. Reconhecemos que pecamos contra ti e contra as pessoas quando deixamos de promover a vida digna, coerente com os valores do teu evangelho. Por isso, te pedimos, tem misericórdia de nós e perdoa nossos pecados, quando juntos e juntas cantamos.

Hino: LCI 34 – Concede o teu perdão

Palavra de absolvição

L.: “Portanto, aproximemo-nos do trono da graça com confiança, a fim de recebermos misericórdia e encontrarmos graça para ajuda em momento oportuno”. Hb 4.16

L.: A todas as pessoas que confessaram sinceramente os seus pecados e deles se arrependeram, eu anuncio o perdão e a graça de Deus, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (+). Amém.

Kyrie

L.: A deterioração dos valores do evangelho se mostra diante das situações de dor e sofrimento especialmente causados pelas ações humanas. São sinais de que a vida perde o bom sabor dado pelo Criador. Como

pessoas de fé, chamadas a ser sal da terra, não nos conformamos com a violência, a injustiça, os preconceitos e as mentiras destruidoras, transformadas em verdades. Por isso, nos inclinamos diante de Deus e oramos:

Hino: LCI 53 – Kyrie

Glória

Louvemos a Deus pelo seu amor, sua bondade e misericórdia. É Ele quem, por meio do seu Filho Jesus, restaura a vida, e com o Espírito Santo espalha o bom sabor da sua palavra no mundo. Na certeza de que o trino Deus nos ampara e nos sustenta em todos os momentos da vida, sigamos no testemunho dessa fé.

Hino: LCI 69 – Povos da Terra

Oração do dia

Bondoso Deus, orienta-nos através da tua palavra. Que ela nos dê sabedoria e discernimento para desempenharmos nosso papel de ser sal e dar um sabor diferente em meio à realidade na qual vivemos, que, por vezes, é dolorosa e sofrida. Abre nossos corações e ouvidos para aquilo que tens a nos ensinar. Por Cristo Jesus, teu Filho, nosso Salvador. Amém.

LITURGIA DA PALAVRA

Hino: LCI - 152 Pela Palavra de Deus

Leituras bíblicas

Primeira leitura – Salmo 106

Segunda leitura – 1Pe 2.4-10

Leitura do Evangelho – Mateus 5.1,13 -16

Hino: LCI - 186 Aleluia

Mensagem (Leia os subsídios no Caderno

de Estudos do Tema do Ano 2023-2024, em especial, o estudo do Lema)

Confissão de fé

Hino (composição referente ao Tema do Ano)

Motivação e recolhimento das ofertas

Hino para as ofertas: LCI - 477 Obrigado Pai Celeste

Oração de intercessão

Nossa gratidão:

Senhor Deus, agradecemos pelas dádivas que dás criando e recriando a natureza e tudo que existe. Somos imensamente gratos e gratas pela dádiva da vida, pela certeza do teu cuidado para com todos e todas nós. Somos gratos e gratas por nos fazeres teus discípulos e discípulas, sal e luz neste mundo carente de bons exemplos e de bons testemunhos. Graças te damos, Senhor.

Senhor de bondade e graça, nós te agradecemos pela igreja que nos dás e, através da qual, nos chamas a sermos sal que dá sabor ao mundo por meio de ações justas, por meio da solidariedade para com as pessoas que sofrem. Graças te damos, Senhor.

Senhor misericordioso e amoroso, nós te agradecemos pela oportunidade de sermos sal, restaurados e restauradas por ti para servir-te nesta sociedade. Dá-nos coragem e determinação no servir. Graças te damos, Senhor.

Nossos pedidos:

Senhor, nós intercedemos por todas as pessoas que perderam o gosto pela vida, que caminham errantes neste mundo, sem coragem para mudar, muitas vezes já desgastadas pela dor e pelo sofrimento. Acode-nos, Senhor.

Senhor, nós intercedemos pelas lideranças de nossas comunidades e igreja, que estão cansadas e sobrecarregadas ao ponto de desistir do chamado ao serviço. Acode-nos, Senhor.

Senhor, nós intercedemos e pedimos para que renoves em nós a alegria e o encantamento para sermos luz e sal neste mundo escuro e sem sabor Acode-nos, Senhor.

Senhor, nós intercedemos por todas as pessoas que sofrem, incluindo (...). Acode-nos, Senhor.

Amém!

LITURGIA DA CEIA

(Durante o hino que segue, os elementos da Ceia (pão e suco do fruto da videira) são levados ao altar. Pode-se convidar um casal da comunidade, bem como confirmandos ou mesmo crianças, para este momento.)

Hino: LCI - 218 Trazemos os frutos da Terra

Preparo da mesa (pode ser dito pelo casal que trouxe os elementos ou pela dupla de confirmandos e confirmandas)

Primeira pessoa: (apresenta o pão) Aqui trazemos o pão. Ele veio do trigo, dádiva da terra, sinal de tudo o que Deus nos dá para o sustento de nossas vidas. Seus grãos foram moídos e sua massa bondosamente preparada. Colocamos este pão neste altar, nas mãos de Deus, para que Ele o use e, na Ceia do Senhor, seja para nós o corpo de Cristo.

Segunda pessoa: (apresenta o suco do fruto da videira) Aqui também trazemos o suco do fruto da videira, que para nós é sinal de tudo que nos alegra na vida. Este fruto é dádiva de Deus e resultado do trabalho humano. Aqui o colocamos no altar do Senhor para que Deus o use e, na Ceia do Senhor, seja para nós bebida da salvação.

Hino: LCI – 223 Assim como as espigas

Oração eucarística

L.: Querido Deus generoso e bondoso, és digno de todo o nosso louvor, pois é da tua vontade que todas as pessoas tenham o pão diário e uma vida digna. Por isso nos chamas para sermos luz neste mundo escuro de tantas injustiças e medos, e para sermos sal, que dá sabor à vida, testemunho e coragem para ser influência de paz e de justiça para todas as pessoas e para toda a tua boa criação. Por isso, juntos e juntas, cantamos o sempre eterno hino:

Hino: LCI - 237 Santo, Santo, Santo

L.: Nós te bendizemos e te adoramos, pois sabemos que vens a nós e te tornas presença real nesta comunhão, de acordo com a ação de Jesus, que, na noite em que foi traído, tomou o pão, e tendo dado graças, repartiu com os seus discípulos e discípulas, dizendo: “Este é o meu corpo dado por vocês, façam isso, todas as vezes que comerem, em memória de mim”. De semelhante modo, após cear, tomou o cálice e o repartiu com seus discípulos e discípulas dizendo: “Tomam e bebam dele todos, este cálice é a nova aliança no meu sangue, que é derramado em favor de vocês, para a remissão dos pecados de vocês, façam isso, todas as vezes que beberem, em memória de mim.”

L.: Deus de bondade, alimenta nossa fé e fortalece a nossa comunhão contigo.

C.: Alimenta-nos com coragem e ousadia para sermos sal e luz neste mundo.

L.: Sustenta-nos, Senhor, com a tua Ceia, para que no dia a dia possamos ser testemunhas vivas em tua seara, como sal da terra e luz do mundo. Por Cristo, com Cristo e em Cristo, seja a ti, Pai todo-poderoso, na unidade do Espírito Santo, toda a honra e toda a glória, agora e para sempre. Amém.

Pai Nosso

Fração: (elevando os elementos enquanto diz as Palavras...)

L.: O pão que partimos e acolhemos é a comunhão do corpo de Cristo. O cálice que compartilhamos é a comunhão do sangue de nosso Senhor Jesus Cristo.

C.: Nós, embora muitos e muitas, somos um só corpo.

L.: Cristo nos convida a nos alimentar com a Ceia que Ele próprio nos oferece. Ele é quem nos diz: “Venham a mim vocês que estão desanimados e desanimadas e eu aliviarei vocês.” (Mateus 11.28). Venham, pois tudo já está preparado.

Comunhão

Oração pós-comunhão:

L.: Nós te agradecemos, Senhor Deus, pela dádiva da Ceia e pela comunhão recebida. Abençoa nossa vida e caminhada de fé. Por meio de Jesus Cristo nosso Senhor e salvador. Amém.

LITURGIA DE SAÍDA

Avisos comunitários

Bênção e envio:

L.: Neste dia recebemos o alimento pela Palavra de Deus e pela Ceia do Senhor. Temos o desafio de sermos sal para este mundo sem sabor e sem gosto. O reformador Martim Lutero disse: “É uma função maravilhosa e uma grande e esplêndida honra que Deus nos chama de Seu sal”. Que Deus nos sustente nesta maravilhosa função. Por isso, queremos abrir nossas mãos para receber a bênção de Deus:

Abençoados e abençoadas sejam vocês, que confiam no Senhor e, por Ele são chamados e chamadas a serem sal neste mundo. Vocês são o sal da terra, vocês dão sabor para este mundo, vocês são instrumentos de ajuda para quem está doente, vocês são testemunhas vivas de Deus para o mundo. Por isso vão, e saibam que Deus vai junto de vocês, preparando o caminho. Estejam atentos e atentas, preparados e preparadas para servir e ser testemunhas de Deus neste mundo. Assim sejam vocês abençoados e

abençoadas em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo. Amém.

Hino Final: LCI - 289 Bênção da Irlanda

Pósludio

(Neste momento, um grupo está na saída da igreja e distribui pequenos saquinhos de pipoca, agora com sal. Ao entregar, as pessoas podem dizer: "Você é sal da terra, seja sal". Assim, damos um encerramento para a atividade realizada no início do culto)

Somos igreja de Cristo

Melodia cifrada

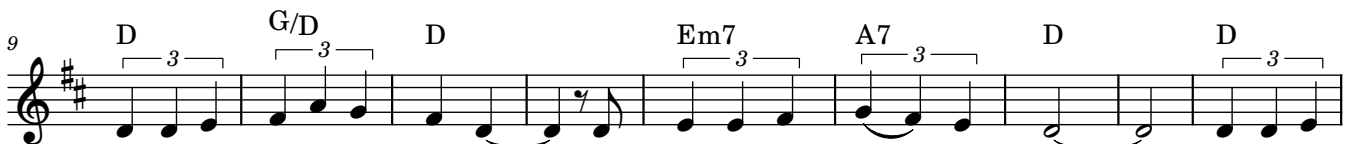
Louis Marcelo Illenseer
Outubro/2022

Baião

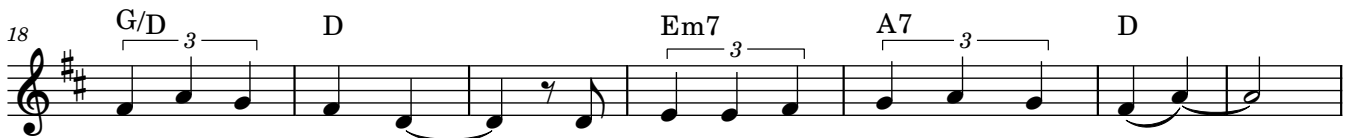
♩ = 100



1. So-mos i - gre-ja de Cris-to, do Cris-to que'é mi-se-ri - cór-dia.
2. So-mos i - gre-ja de Cris-to, do Cris-to que'é paz e jus - ti - ça.



So-mos i - gre-ja de Cris-to, do Cris-to que'é li-ber-ta - ção. So-mos i -
So-mos i - gre-ja de Cris-to, do Cris-to que'é co - mu - nhão. So-mos i -



gre - ja que pre - ga, o Cris - to que so - fre na cruz. _____
gre - ja que so - fre, com fal - ta de com - preen - são. _____



So-mos i - gre-ja que'a - pon-ta, a gra-ça e'o'a - mor de Je - sus. Sal da
So-mos i - gre-ja que'in - sis-te, que'oa - mor ge-ra mais co-mu - nhão.



ter - ra'e luz do mun - do, é nos - sa mis - são.



Que tem - pe - ra e re - fle - te, o Cris-to que traz sal - va - ção.

Somos igreja de Cristo

Arranjo para Coro e acompanhamento

Baião

Louis Marcelo Illenseer

♩ = 100

D G/D D Em7 A7 D

1. So-mos i gre-ja de Cris-to, do Cris-to que'é mi-se-ri - cór-dia.
 2. So-mos i gre-ja de Cris-to, do Cris-to que'é paz e jus ti - ça.

Uh uh uh uh uh

9 D G/D D Em7 A7 D D

So-mos i gre-ja de Cris-to, do Cris-to que'é li-ber-ta ção. So-mos i -
 So-mos i gre-ja de Cris-to, do Cris-to que'é co - mu nhão. So-mos i -

uh uh uh uh uh uh

18 G/D D Em7 A7 D D

gre-ja que pre - ga, o Cris-to que so - fre na cruz. So-mos i -
 gre-ja que so - fre, com fal - ta de com - preen - são. So-mos i -

uh uh uh uh uh

Somos igreja de Cristo

Arranjo para Grupos de Metais

Baião

Louis Marcelo Illenseer

♩ = 100

The first system of music consists of two staves. The upper staff is in treble clef and the lower in bass clef. The key signature has two flats (B-flat and E-flat), and the time signature is 2/4. The tempo is marked as quarter note = 100. The melody in the upper staff features a repeating eighth-note triplet pattern. The bass line provides a steady accompaniment with chords and single notes.

14

The second system continues the piece from measure 14. It maintains the same musical structure as the first system, with the triplet melody in the upper staff and the accompaniment in the lower staff.

28

The third system begins at measure 28. It features a repeat sign at the start of the system. The melody in the upper staff continues with the triplet pattern, while the bass line has a more active accompaniment with eighth-note chords.

41

The fourth system starts at measure 41. The melody in the upper staff is now primarily composed of chords and rests, while the bass line continues with a rhythmic accompaniment. The system concludes with a double bar line and repeat dots.

Leitura e Releitura do Cartaz

Cat. Ma. Joni Roloff Schneider – São Leopoldo/RS

INTRODUÇÃO

Você já elaborou um cartaz em algum momento da vida? Dificilmente vai dizer “não”. Provavelmente foi na escola! Talvez quando estudou os gêneros textuais ou na aula de artes para aprender composição. Ou fez na comunidade, para divulgar uma festa, informar o horário do culto ou para passar uma mensagem de fé e de esperança.

O cartaz é um gênero textual que tem como objetivo transmitir uma mensagem. Ele é um meio muito antigo. Há relatos de que o primeiro cartaz comercial foi criado pelo impressor William Caxton na Inglaterra, em 1477, através das novidades técnicas trazidas da Alemanha. As impressões de cartazes possuíam características de livro, com tipografia pequena e em cor preta.

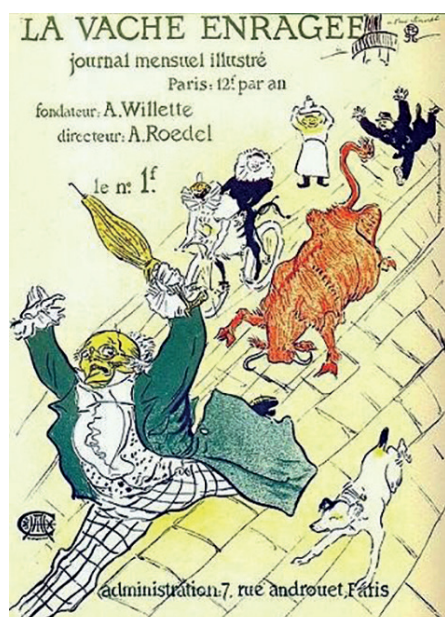
Rabaça e Barbosa apud Abreu (2011, p.3) explicam que, “embora haja registros sobre

o uso de cartazes desde a antiga Mesopotâmia, esse recurso de comunicação consagrou-se principalmente a partir do século 19 (sic), com o desenvolvimento das artes gráficas. Exemplos expressivos desse período são os cartazes criados por Toulouse-Lautrec, Bonnard e Chéret, reconhecidos hoje como legítimas peças de arte”.

Mesmo o cartaz sendo uma peça muito antiga, como estes cartazes de artistas franceses do século XIX, e apesar de todas as inovações na área da comunicação, ele não sai de moda. A IECLB produz cartazes para e sobre o Tema do Ano desde 1980. Você tem acesso a todos eles no Portal Luteranos (veja abaixo). É muito interessante ver como a



Conheça todos os Cartazes dos Temas do Ano já lançados pela IECLB, acessando o **Portal Luteranos** pelo QR-Code ao lado. Aproxime o seu celular, que ele leva você direto à página dos cartazes.



Pierre Bonnard



Toulouse-Lautrec



Jules Chéret

Igreja foi desenvolvendo os temas e lemas e como foi representando os mesmos de forma visual, através dos cartazes. No início, quando ainda não havia os recursos tecnológicos de hoje, eles eram feitos de forma bastante manual, através de diferentes técnicas, como desenho ou pintura à mão livre, rasgadura e colagem, fotomontagem, xilogravura e outras, e o processo era bastante trabalhoso, principalmente quando se desejava fazer alguma modificação antes da publicação. De uns anos para cá, com o advento de diferentes ferramentas tecnológicas para a criação, há uma facilidade muito grande para modificar cores, formas e letras até chegar à imagem desejada.

Há diferentes profissionais que se dedicam à área de criação de cartazes, posters, banners, flyers e outros, como designers, publicitários, artistas plásticos. O cartaz é uma das formas de transmitir mensagens e, tendo em conta as suas características, é um meio de comunicação que consegue atingir de forma eficaz um grande público. O cartaz do Tema da IECLB de 2023-2024 foi criado pela Mythos Comunicação, que usou seu conhecimento sobre a história da IECLB, a sua vivência com o contexto atual, a sua experiência com a criação de peças de comunicação e trouxe este resultado. Utilizando-se de recursos e ferramentas para a edição da arte, fez diversos estudos até chegar ao objetivo que a IECLB tem com o Tema e o Lema, aliado às comemorações dos 200 Anos de Presença Luterana no Brasil. Eis aí o resultado, que agora fica a critério da interpretação pessoal e grupal.

LEITURA E RELEITURA DO CARTAZ – ALGUMAS ORIENTAÇÕES

Fazer uma leitura de uma obra de arte, no caso o cartaz do Tema do Ano, é um processo idêntico ao da decodificação da linguagem verbal, ou seja, idêntico a quando apren-

demos a ler letras, palavras e frases. Ler é atribuir significados ao que vemos na tentativa de interpretar e compreender o que está sendo transmitido.

A autora Eni Orlandi, no livro *Interpretação; autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico*, diz que “a interpretação está presente em toda e qualquer manifestação da linguagem. Não há sentido sem interpretação. Mais interessante ainda é pensar os diferentes gestos de interpretação, uma vez que as diferentes linguagens, ou as diferentes formas de linguagem, com suas diferentes materialidades, significam de modos distintos” (Orlandi, 2007, p. 9).

Para fazer a leitura ou a interpretação de uma obra de arte, há alguns aspectos a serem considerados, como os seguintes:

Leitura formal: é a observação dos elementos expressivos que compõem e formam a obra de arte, como a linha, a cor, o volume, a perspectiva.

Leitura interpretativa: é a percepção individual do que se vê, sente e pensa sobre a obra que se está vendo. Neste aspecto não há certo ou errado, pois cada pessoa faz a interpretação conforme a sua história de vida.

Contextualização histórica: é a localização da obra no tempo histórico e no espaço, observando o tema, os significados, ou seja, os contextos em que foi criada, auxiliando na compreensão e no significado da obra em questão.

Conforme Orlandi, quando se realiza uma leitura produzem-se sentidos, que depois são reproduzidos ou transformados, através da releitura. A releitura de uma obra de arte é dar a sua própria visão e acrescentar elementos novos a esta obra, mantendo a conexão com a obra original. A releitura

não é cópia ou plágio, mas é dar uma visão diferente, um novo significado, através de uma visão crítica, de humor, ou simplesmente visando inspirar para um novo contexto de releitura. As releituras permitem unir estilos, técnicas, materiais, gerando formatos inéditos de arte.



No último Caderno do Tema do Ano já colocamos algumas orientações sobre a leitura e a releitura de um cartaz ou outra obra de arte. Se desejar ler o que consta lá, é só acessar o Portal Luteranos, e abrir a página 15.

ATIVIDADES SUGESTIVAS PARA A LEITURA DO CARTAZ

Convido você ou seu grupo a se debruçar sobre a imagem do cartaz para extrair dele o máximo de ideias e percepções. Sugerimos seguir os seguintes passos:



200 ANOS
1824 - 2024
Presença Luterana no Brasil
ieclboficial luteranos.com.br



A Leitura do Cartaz

- Obtenha uma primeira impressão avaliando se o cartaz desperta alguma emoção, sentimento ou sensação. Se sim, qual?
- Observe a composição: as linhas (se dão força e condução, se são suaves e leves ou escuras e fortes), as cores e os tons (são quentes ou frias, que sentimento passam), as formas dos objetos (dão equilíbrio ou instabilidade, são simétricas ou assimétricas, se conectam ou são isoladas, há sobreposições), a luz e a sombra (há contrastes luminosos, é luz própria ou é projetada).
- Procure e liste símbolos que aparecem no cartaz.
- Agora atente para o tema, lema, frases e números que constam no cartaz. Qual a relação destes com a composição do cartaz (item b)?

Possíveis Interpretações da Leitura da Imagem do Cartaz

- O cartaz traz matizes das cores primárias amarelo e azul, e da secundária verde, formando entre elas derivações e tonalidades, numa relação de equilíbrio, harmonia e serenidade.

Podemos atribuir várias explicações às cores utilizadas no cartaz, pois a reação a cores é particular e subjetiva, dependendo das vivências e da cultura de cada pessoa. No caso do cartaz deste tema, é provável que o mais citado seja a lembrança das cores da bandeira do Brasil. Por isso, é importante lembrar a derivação destas cores:

Originalmente, simbolizavam as cores das casas reais da família de D. Pedro I, sendo o verde a cor símbolo da casa real dos Bragança e o amarelo da casa real dos Habsburgo. No entanto, ao longo dos anos os brasileiros associaram outros significados a cada uma das cores, mesmo que estes não sejam considerados oficiais:

Branco: significa o desejo pela paz

Azul: simboliza o céu e os rios brasileiros

Amarelo: simboliza as riquezas do país

Verde: simboliza as matas (a rica floresta brasileira)

As diferentes tonalidades de azul, verde e amarelo do cartaz quebraram com as cores tradicionais da bandeira, fazendo com que todos os atributos do cartaz operem cooperativamente - forma, cor, movimento, tema, lema e a data comemorativa.

- b) Os círculos, de diferentes cores e tamanhos, podem ser comparados às comunidades que se formaram ao longo destes dois séculos, desde 1824 até a mais nova comunidade formada em 2022, em Iguatu/CE, no Sínodo Brasil Central.

Estas comunidades da IECLB espalhadas pelo Brasil estão conectadas umas às outras, formando novos matizes (comunidades, instituições, trabalhos) na medida em que se encontram, se relacionam, se interligam com a cultura e a realidade local, cumprindo a sua missão de ser Igreja de Jesus Cristo no mundo.

- c) Os círculos também podem ser entendidos como facho de luz que resplandece ou que pisca quando ela é colocada em lugares visíveis (Mt 5.15). Ou podem ser comparados a cristais

de sal que, como as luminárias de sal rosa, iluminam e contagiam com a sua beleza. Ou ainda, comparados com os pequenos cristais de sal que dão sabor quando espalhados em meio a alimentos.

- e) Os símbolos que aparecem no cartaz – o logo da IECLB e o numeral 200, têm relação com o primeiro artigo da Constituição da IECLB - “A IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, a seguir denominada por abreviação ‘IECLB’, é Igreja de Jesus Cristo no País, formada por Comunidades e pelos membros a elas filiados”. O P. Martin Dreher pormenoriza esta formulação em um belo texto, sob o título História do Primeiro Artigo da Constituição da IECLB, neste caderno.
- f) O tema, IECLB: Igreja de Jesus Cristo, tem um destaque em tamanho e cor no nome JESUS CRISTO. O destaque é justamente para deixar claro que para a IECLB não há outro nome maior que este – JESUS CRISTO. A IECLB não se utiliza de apelidos, de nomes de pessoas ou de coisas porque o nome de nossa Igreja não é negociável. Por isso, proclamamos o nome daquele que é o Salvador do mundo, o centro da nossa vida e o centro da nossa Igreja. Esta nossa afirmação se baseia nos testemunhos bíblicos como de Atos 4. 12: “E não há salvação em nenhum outro, porque debaixo do céu não existe nenhum outro nome, dado entre os homens, pelo qual importa que sejamos salvos”.
- g) O lema da IECLB, de Mateus 5.13-14 – Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo, é uma afirmação de Jesus para todas as pessoas que o seguem. As comunidades da IECLB,

formadas por pessoas que confessam Jesus Cristo como único Senhor e Salvador, são como o sal da terra e a luz do mundo; por isso mesmo, fazem ou devem fazer a diferença no Brasil (dão sabor e iluminam na escuridão). Leia o profundo texto do P. Rodolfo Gaede sobre o lema, neste caderno.

Uma dica valiosa: as Agendas Escolares da Rede Sinodal de Educação trazem bonitas curiosidades sobre sal e luz e a sua relação com a tarefa do ser humano no mundo. Você pode acessar estes textos a cada início de mês, nas agendas físicas ou no Portal Luteranos.

ATIVIDADES SUGESTIVAS PARA A RELEITURA DO CARTAZ

A Colorimetria do Brasil

Todos os dias centenas de milhões de pessoas tomam decisões de compra baseadas nas cores dos produtos... 93% das decisões de compra são baseadas na avaliação visual e cor, 6 % na textura e 1% no cheiro ou som, sendo que 85% dos compradores apontam a cor como o primeiro item avaliado em uma compra. (dados da Kissmetrics, disponível em: https://www.deltacolorbrasil.com/palestra_colorimetria.html, acesso em 20.08.2022).

Para compreender quais são as cores que mais impactam as diferentes pessoas, existe uma ciência chamada colorimetria. Esta ciência analisa as cores com o objetivo de entender os tipos de cores e a reação que produzem ao serem misturadas com outras cores e texturas. Além de artistas, também estilistas, cabeleireiros e maquiadores se utilizam da colorimetria para alcançar resultados cada vez mais próximos da cor da pele e dos interesses de seus clientes.

Proposição de atividade:

- a) Utilizando a ciência da colorimetria, criar um cartaz sobre os 200 Anos de Presença Luterana no Brasil, observando as pessoas que constituíram o país ao longo dos dois séculos, utilizando símbolos e cores que representam os povos, a natureza, os animais.
- b) Você pode utilizar a técnica e os materiais de sua preferência: rasgadura ou recorte e colagem, desenho ou pintura; tintas aquarela, guache ou acrílica, giz de cera, lápis de cor ou hidrocor...

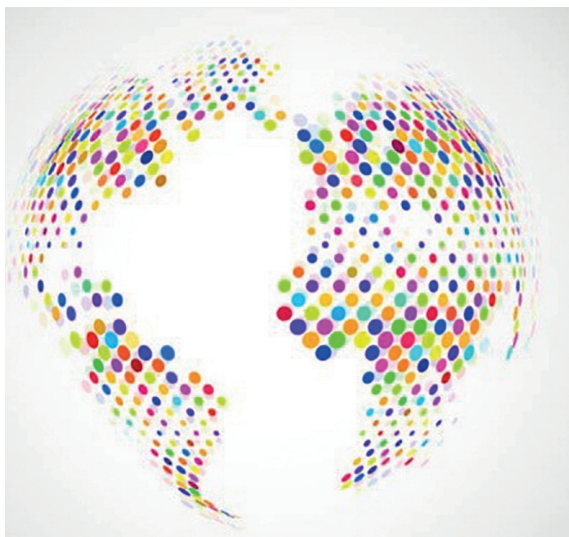
Comunidades Conectadas

Como colocado anteriormente, uma das interpretações dos círculos no cartaz é que significam as comunidades da IECLB espalhadas pelo Brasil, que foram se formando ao longo desses dois séculos. As comunidades são compostas por diferentes grupos, serviços, instituições, organizações, que se conectam em vários momentos e situações. Lembramos os grupos da OASE, grupos de jovens, Culto Infantil, Ensino Confirmatório, grupos da LELUT, grupos de música, coral, grupos de liturgia, grupos de oração, grupos de visitação e instituições como hospitais, lares, creches, escolas e muitos outros. Todos esses grupos e instituições são como pequenas comunidades, que se conectam através do trabalho missionário que realizam, sendo sal e luz para o mundo!

Proposição de atividade:

- a) Pensando no seu grupo, instituição, turma de alunos... como contribuimos para a missão da Igreja de Jesus Cristo, para ser sal e luz no mundo? Formar duplas ou trios para dialogar sobre esta pergunta.

- b) Preparar diversos círculos, de tamanhos diferentes, de cor branca. Também disponibilizar lápis de cor, tinta guache, papel colorido de revistas ou outro e cola. Cada dupla pega um círculo e nele representa o que conver-
sou, utilizando os materiais disponíveis.
- c) Após concluírem, formar um mural no formato do globo terrestre, colando os círculos. Mas, a colagem deve ser gradativa para que haja conexão entre os círculos, deixando alguns espaços em branco. Segue um exemplo de imagem:



IECLB. Igreja de Jesus Cristo.

Hoje muitas pessoas usam o nome de Jesus Cristo, dizendo que são suas seguidoras, afirmando serem evangélicas, mas na vida do dia a dia não praticam os ensinamentos de Jesus. Conforme o PAMI – Plano de Ação Missionária da IECLB, “só faz sentido sermos igreja cristã se assumimos o dom de Deus como serviço evangelizador e solidário ao povo brasileiro, sem fazer distinção de classe, etnia, gênero ou credo religioso. Deus nos

chamou para ser igreja no Brasil e para servir a este povo, compartilhando a fé em Cristo que recebemos por graça, para vivermos em amor e solidariedade com todas as demais pessoas no caminho das quais somos enviados como crentes e como comunidade missionária que anuncia esperança”.

Proposição de atividade:

- a) A partir desta compreensão de Igreja de Jesus Cristo, criar slogans que transmitam, na prática, o que significa esta afirmação. Slogan é uma frase curta, construída para fixar algo na mente de quem lê, utilizada para gerar identificação com o que se quer transmitir.
- b) Após a frase pronta, criar um símbolo que possa acompanhar o slogan.
- c) Criar um novo cartaz, juntando o slogan e o símbolo.

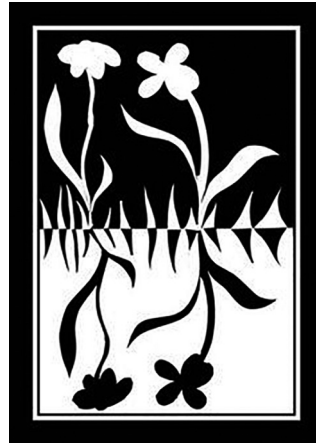
Sal e Luz – Uma Vida com Sentido

A partir das leituras dos textos deste caderno sobre o Lema do Ano baseado em Mateus 5.13-14, crie cenas onde aparecem “vida insossa” e “vida com sabor”; “vida privada de luz” e “vida iluminada”.

Proposição de atividade:

- a) Através de dramatizações, criar cenas opostas estáticas das situações acima. Cada grupo apresenta as duas cenas. Ao apresentar a primeira cena, posicionar-se de forma estática e esperar que as pessoas observadoras relatem o que estão vendo. Depois, apresentar a cena oposta e novamente aguardar as demais pessoas relatarem o que estão vendo.

b) Utilizando a técnica do positivo e negativo, escolher uma cena citada acima e desenhá-la duas vezes, do mesmo jeito. O espaço positivo é aquele espaço que ocupa o objeto e o negativo é o espaço em volta do objeto (o fundo), a exemplo do desenho ao lado. É importante que as cores utilizadas condizam com a cena.



Bibliografia

ABREU, Karen. Cartaz Publicitário: um resgate histórico. Guarapuava, PR. Dissertação (doutoranda e mestre em Ciências da Linguagem) - Universidade do Sul de Santa Catarina.
ORLANDI, Eni P. Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico. 5. Ed. Campinas: Pontes, 2007.

200 ANOS
1824 - 2024

Presença Luterana no Brasil

IECLB. Igreja de Jesus Cristo.

LINHA DO TEMPO

PRIMÓRDIOS DA IMIGRAÇÃO



O casamento de D. Pedro I com a Imperatriz Leopoldina, levou a uma política oficial de imigração para os alemães.



SÉC.
XVI

No período Colonial já existem registros de alemães no Brasil

1822

1824

A partir deste ano, muitas famílias vieram para o Brasil a partir de portos alemães e holandeses.

1808

Comerciantes, mercenários e diplomatas alemães começaram a se estabelecer no Rio de Janeiro para fazer negócios após a abertura dos portos. Os mercenários eram contratados do exército imperial e muitos deles se juntaram aos colonos após um período de serviço militar.

1822

Um grupo de 40 famílias de alemães contratado pelo médico alemão Georg Heinrich von Langsdorff inicia atividade na "Fazenda da Mandioca", em Petrópolis/RJ.

O COMEÇO DE TUDO

NOVA FRIBURGO – Em 3 de maio chega o primeiro grupo de 324 alemães a Nova Friburgo/RJ. Outras levas vieram depois, e foram se espalhando pelo Sudeste brasileiro: Rio de Janeiro (1827), Petrópolis (1846), Campinho (1847), Juiz de Fora (1858), São Paulo (1863), Rio Claro (1870), Campinas (1891), Califórnia (1892), Santos (1907).

Em 14 de julho, o Pastor Friedrich Otto Sauerbronn, que veio com os imigrantes, celebra o primeiro culto luterano no Brasil, em Nova Friburgo/RJ.

SÃO LEOPOLDO

Em 25 de julho chega o primeiro grupo de 39 imigrantes ao Rio dos Sinos e funda São Leopoldo/RS, sendo 33 luteranos.



Após a chegada dos primeiros imigrantes, os assentamentos foram se estabelecendo pelo interior gaúcho. São Leopoldo (1824), Três Forquilhas (1826), Campo Bom (1829), Hamburgo Velho (1845), Dois Irmãos (1845), Santa Maria do Mundo Novo (1846), Picada 48 (1848), Santa Cruz do Sul (1850) e outros.

A primeira Constituição do Brasil declara o catolicismo religião oficial do país e proíbe outras religiões de ter construções com torre e sinos (Art. 5º). Esta lei só é revogada na República, pela Constituição de 1891.

1827

SÃO PAULO

Entre 1827 e 1829, quase mil colonos vieram para as fazendas de Santo Amaro, além de técnicos industriais, comerciantes, professores, sacerdotes, pastores e médicos.



FUNDAÇÃO DA COLÔNIA DE SANTA ISABEL, em Rancho Queimado/SC. Colonização de imigrantes do Hunsrück foi a pioneira da colonização alemã em Santa Catarina, ao lado da Colônia de São Pedro de Alcântara, que não prosperou.

BLUMENAU
Em 2 de setembro chegaram, com o Dr. Bruno Otto Hermann Blumenau, os primeiros 17 imigrantes, todos luteranos, e fundaram a Colônia Blumenau/SC. Em 28 de agosto de 1852 chegaram mais 132 pessoas, data que o próprio Dr. Blumenau considerou o início da colonização. A Colônia Blumenau abrangia o médio e o alto Vale do Itajaí.

PRIMEIROS POMERANOS NO ESPÍRITO SANTO
Em 28 de junho aportaram, em Vitória/ES, 27 famílias de pomeranos (117 pessoas), vindas de Hamburgo ao Rio de Janeiro com o navio Eleonor, e subiram a serra para Santa Leopoldina.

INSTITUTO DE CONFIRMANDOS é inaugurado em Santa Isabel-SC, onde o pastor dava aos jovens ensino em regime de internato e orientação agrícola e a esposa do pastor dava educação às moças.

FUNDAÇÃO DO DEUTSCHE POST em São Leopoldo – Fundado pelo pastor Wilhelm Rotermund, que comprou a tipografia do finado jornal Neue Zeit. Teve o primeiro exemplar editado em 18 de dezembro de 1880, circulava duas vezes por semana e tinha 300 assinantes. Entre outros, o jornal propunha a criação de um sínodo de comunidades luteranas no Rio Grande do Sul.

1847

1850

1856

BRUSQUE
No dia 4 de agosto chegaram 55 imigrantes alemães que instalaram a Colônia Itajahy, às margens do Rio Itajaí-Mirim.

1863

1880

1849

Fundação da Sociedade Colonizadora de Hamburgo (depois denominada de Sociedade Colonizadora Hanseática), que no ano seguinte celebrou o primeiro contrato com o Império do Brasil para trazer colonos a Santa Catarina e fundar uma colônia.

1851

JOINVILLE
Em março, 118 imigrantes suíços e alemães e 61 noruegueses chegaram à Colônia Dona Francisca, dando início à colonização na região de Joinville.

1857 PRIMEIROS POMERANOS NO SUL

Na região sul, a chegada de pomeranos começou em outubro, por São Lourenço/RS.

1861

POMERANOS NO VALE DO ITAJAÍ
Os pomeranos em Santa Catarina se estabeleceram na Itoupava Central (Blumenau), Warnow (Indaial), Estrada Pomeranos (Timbó) e no Vale do Rio do Testo (atual Pomerode).

1864

A MISSÃO DE BARMEN
Foi fundado o Comitê para os Alemães no Sul do Brasil (Barmen) que passou a enviar pastores ao Brasil.

1881

Lei Saraiva permite luteranos a votar e ser eleitos.

LEI DOS MATRIMÔNIOS DE NÃO CATÓLICOS:

A Lei 1.144, de 11 de setembro de 1861, regulou o casamento dos não católicos, a dispensa de impedimentos e a nulidade desses casamentos.

A MISSÃO DA BASILEIA, fundada na Suíça em 1817 para fazer missão na África e na Ásia, se preocupou com a situação dos colonos alemães no Brasil e passou a enviar missionários. Em duas décadas, enviou 23 missionários ao Brasil. O primeiro foi **Karl Wagner** (Santa Isabel-SC). Seus pastores atuaram em Minas Gerais, Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande do Sul.



PRIMEIROS SÍNODOS



Em junho é lançado o jornal *Sonntagsblatt der Riograndenser Synode* (Folha Dominical do Sínodo Riograndense), o primeiro semanário de comunidades luteranas no Brasil, e que veio a ser um dos jornais mais importantes do Rio Grande do Sul.

1888



LUTHERISCHER GOTTESKASTEN (Associação Luterana Caixa de Deus), da Alemanha, enviou o **Pastor Otto Kuhr** ao Brasil, formado pela Escola de Missionários de Neuendettelsau, na Baviera. Ele chegou a Joinville no Natal daquele ano. Outros pastores do Gotteskasten vieram, assumindo comunidades em Joinville, Dona Francisca e outras, no Paraná, Santa Catarina e Espírito Santo.

1897

FUNDAÇÃO DO SÍNODO EVANGÉLICO LUTERANO DE SANTA CATARINA, PARANÁ E OUTROS ESTADOS DA AMÉRICA DO SUL
O Pastor Otto Kuhr foi seu primeiro Presidente Sinodal (Präses), cargo que exerceu até 1923 ao lado de seu ministério como pregador itinerante. Em 1911, em Blumenau, sob a presidência do Pastor Walther Mummelthey, foi **FUNDADA A ASSOCIAÇÃO DE COMUNIDADES EVANGÉLICAS DE SANTA CATARINA.**

1905

CHEGADA DAS DUAS PRIMEIRAS IRMÃS DIACONISAS AO BRASIL
enviadas da Alemanha para Blumenau/SC. A atividade principal da Schwester Lina Jaguschke e da Schwester Gertrud Vogt era com parturientes e com jardins de infância. Em 1932 já há 32 irmãs diaconisas estrangeiras no Brasil.

1913

Início das atividades da Missão Evangélica União Cristã (MEUC), em São Bento do Sul/SC, com a chegada do missionário Alfred Pfeiffer, que se muda para Blumenau/SC dois anos depois. A entidade é oficialmente fundada em 1936.

1927

1886

SÍNODO RIOGRANDENSE
Fundado em 20 de maio de 1886, em São Leopoldo, com a presença de sete pastores e sete delegados leigos das comunidades de São Leopoldo, São Sebastião do Caí, Santa Cruz do Sul, Igrejinha, Santa Maria, Dois Irmãos e Teutônia. Em 1875 o Sínodo Teuto-Evangélico da Província do Rio Grande do Sul havia fracassado. Para a refundação a liderança do pastor Wilhelm Rotermond foi fundamental.

1892

FUNDAÇÃO DO PELLA E BETHÂNIA (orfanato e ancianato) em Taquari/RS, foi a primeira instituição de ação diaconal da igreja luterana no Brasil.

1899

Fundação do primeiro grupo da OASE, em Rio Claro/SP.

1912

FUNDAÇÃO DO SÍNODO EVANGÉLICO DO BRASIL CENTRAL com sede no Rio de Janeiro e paróquias em São Paulo, Rio, Minas Gerais e Espírito Santo.

1921

FUNDAÇÃO DO INSTITUTO PRÉ-TEOLÓGICO (IPT), pelo Pastor Hermann Dohms, em sua própria casa pastoral, em Cachoeira do Sul/RS. Em 1927, o curso preparatório para a formação teológica foi transferido para São Leopoldo/RS.

1939

Fundação da Casa Matriz de Diaconisas, em São Leopoldo/RS. O dia 17 de maio, quando a primeira jovem veio morar na casa, é considerado a data de fundação.





PASTOR MARTIN HILTE
é eleito 1º Secretário-Geral de tempo integral da Secretaria Nacional da Juventude Evangélica, no dia 1º de setembro.

Em junho, Elisabeth Dietschi torna-se a primeira mulher a concluir o curso de graduação em Teologia na IECLB.

TRANSFERÊNCIA DA ASSEMBLEIA DA FLM PARA A FRANÇA

Em meio a insegurança pelo fechamento do regime militar, a Federação Luterana Mundial (FLM) cancela a Assembleia Geral em Porto Alegre e transfere o evento para Evian/França. A decisão leva a importantes mudanças de postura na IECLB.

MANIFESTO DE CURITIBA

A IECLB entrega ao Presidente Emílio Garrastazu Médici um manifesto que pede verificação sobre a verdade de torturas no Brasil e medidas para conter os abusos do regime. Um dos redatores do manifesto foi o **Dr. Lindolfo Weingärtner**.



INÍCIO DA MISSÃO NAS NOVAS ÁREAS DE COLONIZAÇÃO-NAC

com o **Pastor Geraldo Schach**, iniciando missão em busca dos migrantes luteranos em Rondônia. Na foto acima vemos em primeiro plano o coordenador da NAC, Pastor Arteno Spellmeier e ao fundo o Pastor Geraldo Schach.

criação DO CONIC E DO CLAI

O Conselho Nacional de Igrejas Cristãs-CONIC e o Conselho Latino Americano e Caribenho de Igrejas-CLAI são fundados com intensa participação da IECLB.

ORDENAÇÃO DA PRIMEIRA MULHER ao ministério na IECLB (Pa. Edna Moga Ramminger)



1982

1990

8ª ASSEMBLEIA DA FLM

em Curitiba. No encontro mundial de igrejas luteranas em terras brasileiras, o Dr. Gottfried Brakemeier, Pastor Presidente da IECLB, é eleito Presidente da FLM.



1979

A REDEMOCRATIZAÇÃO DO BRASIL

inicia um processo de envolvimento da igreja com questões como a terra e as minorias. O Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), o Conselho de Missão entre Índios (COMIN) e os Temas do Ano são fruto deste período. Há diversidade teológica, com tensões na Faculdade de Teologia, na Igreja e nas Comunidades, com destaque para o Movimento Encontrão e a Pastoral Popular Luterana. A direção apregoava a necessidade de Pluralidade na Diversidade.

1973

1972

VIII CONCÍLIO GERAL DA IGREJA, EM PANAMBI/RS,

aprovou o Guia da vida comunitária "Nossa Fé - Nossa Vida"; criou programa de acompanhamento aos membros migrantes do sul para as Novas Áreas de Colonização e implementou Missão Suburbana em grandes cidades.

1968

CONSTITUIÇÃO DA IECLB

O Concílio Extraordinário em Santo Amaro/SP em outubro, extingue os antigos sínodos e aprova a Constituição que rege a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil-IECLB, um corpo eclesialístico com estrutura centralizada e sede administrativa em Porto Alegre/RS, dividida em quatro Regiões Eclesiásticas e 21 Distritos Eclesiásticos. Esta estrutura perdurou até 1977.



CURSO INTENSIVO PARA PASTORES

A Federação Sinodal-IECLB enfrentava uma falta crônica de pastores. Em 18 de março de 1968, 33 homens casados de diversas profissões iniciaram um curso Intensivo para formação de pastores, que passavam meses longe das famílias para se tornarem pastores.



Iniciam as Escolas de Líderes da JE, com professor Ernest Sarlet, que era o Secretário Geral da JE de tempo parcial.

1960

FUNDAÇÃO DA ESCOLA DE TEOLOGIA

No dia 26 de março, o Pastor Hermann Dohms, presidente do Sínodo Riograndense, instalou oficialmente a Escola de Teologia, no Morro do Espelho, em São Leopoldo/RS. Em 19 de agosto foi inaugurado um chalé de madeira como sala de aula e biblioteca. Começava a formação de pastores em solo brasileiro, que antes tinham que estudar na Alemanha.

1946

1949

criação DA FEDERAÇÃO SINODAL

No dia 26 de outubro, a Federação Sinodal é a primeira entidade que junta os antigos sínodos, abrindo caminho para uma igreja luterana nacional. As conversações sobre a formação de pastores no Brasil e a criação da Faculdade de Teologia contribuíram para isso, com o empenho do Práses **Hermann Dohms**, que também foi o primeiro presidente da Federação Sinodal. Em 1950 ocorreu a filiação da Federação Sinodal ao Conselho Mundial de Igrejas (CMI) e em 1953 à Federação Luterana Mundial (FLM)



REDE SINODAL DE EDUCAÇÃO

Unidas em uma associação desde 1981, as escolas evangélicas em todo o Brasil se unem na Rede Sinodal de Educação, que tem 50 escolas filiadas.



9ª ASSEMBLEIA DO CMI

Conselho Mundial de Igrejas, em Porto Alegre. O evento foi hospedado pela IECLB. O **Pastor Presidente Dr. Walter Altmann** foi eleito o Moderador do Comitê Central do CMI.

FÓRUM NACIONAL DE MISSÃO

Em Florianópolis/SC, aconteceu o primeiro Fórum de Missão da IECLB, no qual foi lançado o Documento do Campeche, um compromisso com a missão da IECLB na realidade brasileira. Um segundo Fórum aconteceu em 2017 em São Leopoldo.

PLANO DE AÇÃO MISSIONÁRIA – PAMI:

Nenhuma comunidade sem missão - nenhuma missão sem comunidade!

Este era o slogan do PAMI 1, lançado no ano de 2000. Em 2008, o PAMI 2 estipulou que a igreja participa da missão de Deus através da evangelização, comunhão, da diaconia e da liturgia, eixos que norteiam o planejamento das comunidades.

2000

2006

2004

IRMÃ DORACI EDINGER, diaconisa que atuou em Missão na Igreja Evangélica Luterana de Moçambique, foi brutalmente assassinada no dia 21/02/2004, em um crime nunca elucidado. A Irmã Doraci é mártir da missão da IECLB.



1997

A década de 1980 foi consumida em parte com o debate e os estudos em torno da reestruturação. Esta foi aprovada em 1997, com a dissolução dos distritos e das regiões eclesiais e a criação de 18 sínodos.

IECLB ELEGE A PRIMEIRA PASTORA PRESIDENTE

O 31º Concílio da Igreja, em Curitiba/PR, faz história e elege a **Pastora Silvia Beatrice Genz** para presidir a IECLB no quadriênio 2019-2022. No 33º Concílio em Cacoal/RO a pastora Silvia foi reeleita para mais um quadriênio na Presidência.

2018



2017

500 ANOS DA REFORMA

A IECLB celebrou ao longo de todo o ano os cinco séculos da Reforma Protestante, com materiais e publicações comemorativos, palestras, eventos e cerimônias, muitas delas de forma ecumênica com diversas igrejas.



2022

PRIMEIRO CONCÍLIO DA IGREJA NA AMAZÔNIA

De 19 a 23 de outubro de 2022, aconteceu o 33º Concílio da IECLB em Cacoal, Rondônia.

Reflexões sobre o Tema do biênio 2023-2024, jubileu de 200 anos da IECLB e a Constituição da IECLB

TÍTULO I

DA DENOMINAÇÃO, COMPOSIÇÃO, FIM, SEDE E DURAÇÃO

Art. 1º - A IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISÃO LUTERANA NO BRASIL, a seguir denominada por abreviação "IECLB", é igreja de Jesus Cristo no País, formada por Comunidades e pelos membros a elas filiados.

Art. 2º - A IECLB é organização religiosa, pessoa jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, organizada com a autonomia estabelecida na Constituição Federal e no Código Civil e demais legislações pertinentes, e se rege por esta Constituição e pelas normas complementares estabelecidas em Concílio da Igreja e por normas regulamentares estabelecidas pelo Conselho da Igreja.

Art. 3º - Em obediência ao mandamento do Senhor, a IECLB tem por fim e missão:

- I - propagar o Evangelho de Jesus Cristo;
- II - estimular a vivência evangélica pessoal, familiar e comunitária;
- III - promover a paz, a justiça e o amor na sociedade;
- IV - participar do testemunho do Evangelho no País e no mundo.

Art. 4º - A IECLB tem sede e foro jurídico na Rua Senhor dos Passos, 202, na cidade de Porto Alegre, no Estado do Rio Grande do Sul, e é constituída por tempo indeterminado.

TÍTULO II

DO FUNDAMENTO E DOS OBJETIVOS

Art. 5º - A IECLB tem como fundamento o Evangelho de Jesus Cristo, pelo qual, na forma das Sagradas Escrituras do Antigo e do Novo Testamentos, confessa sua fé no

Senhor da una, santa, universal e apostólica Igreja.

§ 1º - Os credos da Igreja Antiga, a Confissão de Augsburgo ("Confessio Augustana") inalterada e o Catecismo Menor de Martin Lutero constituem expressão da fé confessada pela IECLB.

§ 2º - A natureza ecumênica da IECLB se expressa pelo vínculo de fé com as igrejas no mundo que confessam Jesus Cristo como único Senhor e Salvador.

Art. 6º - Constituem objetivos fundamentais da IECLB, além do disposto no art. 3º desta Constituição:

- I - fortalecer e aprofundar a comunhão entre as Comunidades em sua ação evangelizadora;
- II - zelar pela unidade na vida eclesial, no testemunho e na pura pregação da Palavra;
- III - promover o ensino, a missão e a diaconia;
- IV - proporcionar o aprofundamento teológico e o crescimento espiritual nas Comunidades;
- V - propiciar condições para que os membros das Comunidades possam exercitar seus dons na missão da Igreja, na perspectiva do sacerdócio geral de todos os crentes e do ministério compartilhado;
- VI - zelar pela formação de ministros ordenados e colaboradores em todos os níveis para seus diferentes campos de atividade ministerial;
- VII - zelar pela ordem e disciplina evangélica a serem observadas por suas Comunidades, seus membros, ministros e instituições, de acordo com a presente Constituição e outros documentos normativos da Igreja.

História e teologia do primeiro artigo da Constituição da IECLB

P. Dr. Martin N. Dreher, São Leopoldo/RS

O tema do biênio 2023-2024 e da celebração dos 200 anos de história das comunidades da IECLB é uma citação direta do primeiro artigo de sua Constituição: “A IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL, a seguir denominada por abreviação ‘IECLB’, é Igreja de Jesus Cristo no País, formada por Comunidades e pelos membros a elas filiados”. Por trás desta formulação há uma longa história e decisões teológicas fundamentais, que queremos contar nas linhas que seguem.

OS INÍCIOS DA IMIGRAÇÃO

Sempre é bom lembrar que o luteranismo foi trazido ao Brasil por imigrantes falantes principalmente de dialetos alemães, mas também de outras procedências, como letos, suecos, húngaros, romenos, japoneses, entre outros.

Esse processo teve história continuada desde 1824, quando imigrantes da localidade de Becherbach junto a Kirn, no território da atual República Federal da Alemanha, foram instalados em Nova Friburgo/RJ, em maio daquele ano. Ali encontraram imigrantes suíços de língua francesa chegados em 1818, entre os quais se encontravam alguns protestantes de origem reformada, tradição que remonta a Zwínglio e Calvino. Seu primeiro culto foi um ato de sepultamento do filhinho do Pastor Sauerbronn.

Em dezembro do mesmo ano foi celebrado culto de Natal em São Leopoldo/RS com imigrantes que provinham da Dinamarca, do Grão-Ducado de Mecklenburg-Schwerin,

de Hamburgo e de aldeias do Palatinado. O celebrante foi o Pastor Ehlers.

O idioma em que sepultamento e culto foram celebrados era o alemão padrão surgido a partir da tradução da Bíblia por Lutero.

A LÍNGUA ALEMÃ E O ENSINO BILÍNGUE

A esses primeiros luteranos e suas comunidades acresceram-se outros imigrantes protestantes, majoritariamente falantes de dialetos alemães provenientes da Rússia, da Ucrânia, da Romênia, da República Checa, da Áustria, da Hungria, de Luxemburgo, da França, da Suíça, do Tirol, da Holanda, da Polônia, da região do mar Báltico, mas também da Suécia e de territórios que em 1871 formaram o Império Alemão.

Esse predomínio de falantes da língua alemã fez com que a língua de culto permanesse o alemão padrão, ainda mais que, seguindo exigência de Lutero, as comunidades criassem e mantivessem escolas e centros de formação de professores, visto que o Estado brasileiro muito pouco investia na educação formal. Já preocupadas com o futuro da Igreja em terras brasileiras, o ensino ministrado nessas escolas era bilíngue, bem como o material didático que para elas ia sendo preparado no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina.

A IECLB que se formava era igreja de descendentes de falantes do alemão, o que não impediu que pessoas provenientes de outras etnias e idiomas se filiassem às incipientes congregações.

AS PRIMEIRAS LIDERANÇAS TEOLÓGICAS

Como eram imigrantes os que traziam o luteranismo ao Brasil e não missionários, como aconteceu com outras denominações, houve falta de lideranças teológicas para as comunidades. Ocasionalmente houve pastores empregados pelo Império, por colonizadoras ou por comerciantes, como no caso do Rio de Janeiro. Muitas das congregações elegeram pastores de seu meio, mais tarde desqualificados como “falsos pastores”, o que não confere.

A situação se alterou, quando houve comoção internacional por causa da denúncia de escravização de pessoas luteranas e outros imigrantes em São Paulo. Embaixadores da Suíça e da Prússia percorreram as áreas de imigração e motivaram sociedades missionárias a enviar jovens que se preparavam para a missão na África, na Oceania e na Ásia para que viessem a atuar no Brasil.

Foi assim que pastores oriundos de casas de missão passaram a atuar no Brasil nas comunidades que até então haviam existido sem a sua presença. Esses pastores missionários vinham de Basiléia/Suíça e de territórios alemães como Barmen, Breklum, Hermannsburg, Leipzig, Neuendettelsau. Ocasionalmente vieram pastores formados em universidades ou dos Estados Unidos. No século 20 ainda vieram missionários e missionárias avulsos em busca da criação de círculos de piedade nas congregações existentes e de sociedade missionária dos Estados Unidos que havia perdido seu campo de missão na China, após a vitória de Mao Tse Tung, ou da Noruega.

As muitas procedências dos fiéis, dos pastores e missionários e as ideologias políticas trazidas por imigrantes e as que existiam no Brasil produziram pluralidade no corpo eclesial que ia se formando e que culminou

na criação da IECLB em 1949, que teve seu primeiro concílio no ano seguinte, ainda com o nome de Federação Sinodal.

A ALEMANHA IMPÕE O GERMANISMO

A questão da língua passou a ficar complicada e tomou proporções ideológicas após a fundação do Império Alemão, em 1871. Em busca de mercados para a Alemanha em expansão, aquele país passou a desenvolver agressiva política de preservação da germanidade, da cultura e das tradições alemãs no exterior, pensando que assim os falantes do alemão se tornariam compradores dos produtos alemães. Era a concorrência entre a Alemanha e a Inglaterra.

Como os governantes controlavam as Igrejas Territoriais alemãs, aqueles obreiros que eram por ela enviados para atuar no Brasil assinavam declaração de que, além da pregação do Evangelho, se dedicariam à preservação da germanidade. Como Igrejas Territoriais que estavam enviando obreiros ao Brasil, sabiam-se responsáveis por sua aposentadoria e pensão – o que não era mau nem errado –, exigiram que os Sínodos entremontes constituídos no Brasil (desde 1886) acrescentassem a seu nome a palavra “alemão”. Assim, o Sínodo Riograndense passou a ser Igreja Evangélica Alemã no Rio Grande do Sul, o Sínodo Evangélico Luterano passou a ser Igreja Luterana Alemã no Brasil. Além disso enviaram ao Brasil um Representante Permanente com o título de “Prepósito”. Com isso houve, praticamente, uma desnacionalização da Igreja Luterana em formação no Brasil.

A TENSÃO IDEOLÓGICA

Ao final da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), muitos imigrantes chegados da Alemanha e também muitos pastores passaram a reproduzir o slogan de que a derrota

alemã havia sido obra de socialistas e difundiram a “lenda da punhalada”, segundo a qual socialistas, comunistas e judeus haviam sido responsáveis pela derrota alemã frente aos aliados e pela rendição.

O pior, porém, ainda estava por acontecer, quando Hitler assumiu o poder em 1933. Muitos membros nascidos na Alemanha e pastores filiaram-se ao partido nazista, passaram a fazer parte do movimento “teuto-cristão” e denunciaram aqueles que se diziam partidários da Igreja Confessante, representada por Karl Barth, Martin Niemöller, Dietrich Bonhoeffer, contrários a Hitler.

Os Sínodos quase racharam; nas comunidades havia grandes tensões, pois também havia aqueles que optaram pelo Partido Integralista, liderado por Plínio Salgado. Havia o perigo do fascismo tomar conta da Igreja.

Em 1942, o governo brasileiro, até então simpatizante de Hitler, optou pelos aliados e os descendentes de alemães, italianos, poloneses e japoneses foram considerados inimigos do Brasil. Membros e pastores foram presos e colocados em campos de concentração, mesmo que sem culpa formada. Os Sínodos tiveram que lutar por sua sobrevivência. De uma hora para a outra a língua alemã, até então considerada língua oficial da Igreja Luterana, foi banida. Hinos e liturgia foram traduzidos e sermões no vernáculo tiveram que ser produzidos para serem lidos por pastores que não dominavam o português. Muitos membros, principalmente em áreas rurais, nada entendiam nos cultos além de “Jesus” e “Amém”.

SURGE UMA IGREJA CONFESSANTE

Findada a Guerra, era necessário reconstruir a vida eclesial, mesmo que ainda sob os efeitos dos sofrimentos e das feridas provocadas por causas internas e externas.

Nos territórios alemães houve distanciamento do entrelaçamento de igreja e germanidade. O discurso das lideranças era o daqueles que haviam se oposto a Hitler e cujo hino era aquele que ficou conhecido na IECLB como “hino da OASE”: *Jesus Cristo é rei e Senhor, seu é o reino e o louvor, é Senhor somente, hoje e eternamente* (LCI 519). Nesse hino, Jesus é o soberano do Reino (oposição ao Reich de Hitler); Ele é o único Senhor (oposição ao *Führer*); dele é o louvor (oposição ao *Heil* dirigido a Hitler); somente Ele (em alemão o hino diz *hilft kein anderer Name* = nenhum outro nome ajuda). Não há outro Messias. Só um é Cristo.

Esse Jesus vai fazer parte da Constituição da IECLB que se forma em 1949, ainda sob o nome de “Federação Sinodal”. Quando definem “nome, fim, sede e foro jurídico da Federação”, os estatutos da Federação Sinodal rezam: “Sobre o fundamento da fé cristã, que lhes é comum, e com a finalidade de serem Igreja de Jesus Cristo no Brasil, congregam-se ...”.

A formulação “Igreja de Jesus Cristo” tem a história antes relatada como pano de fundo e tornou-se determinante para a caminhada da IECLB desde então, mas também foi responsável por muitas discussões internas que, por vezes, levaram a cisões. No ano de 1949, o primeiro Presidente da IECLB, Hermann Dohms, participou em Amsterdam do primeiro Concílio do Conselho Mundial de Igrejas, no qual se reuniram igrejas que confessavam a “Jesus Cristo como único Senhor”. Logo a Federação também se filiaria à Federação Luterana Mundial.

SURGE UMA IGREJA BRASILEIRA

Enquanto a atual Constituição da IECLB usa a formulação “no país”, os Estatutos da Federação Sinodal valem-se da formulação “no Brasil”, ainda presente no nome da IECLB.

Esse “no Brasil” só pode ser entendido a partir da história antes vivida. Principalmente os acontecimentos da Guerra, mas não só eles, haviam ensinado que essa Igreja só teria futuro no Brasil ou não teria futuro nenhum.

Assim, podemos compreender como afirmação de fé a primeira das teses aceitas no Primeiro Concílio da Federação Sinodal, acontecido nos dias 14 a 16 de maio de 1950, em São Leopoldo: “A Federação Sinodal é Igreja de Jesus Cristo *no Brasil* (O itálico está no original!) em todas as consequências que daí resultarem para a pregação do Evangelho neste país e a corresponsabilidade para a formação da vida política, cultural e econômica de seu povo”. A partir dessa formulação dos pais fundadores podem e devem ser entendidas todas as alegrias e tristezas da IECLB.

A BASE BÍBLICA E CONFSSIONAL

Assim como define o artigo 5º da constituição da IECLB, fundamental é que a Igreja tenha por base à qual sempre de novo pode recorrer a Jesus Cristo, como nos foi transmitido pelas Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamentos, pelos Credos da Igreja Antiga (o Credo Apostólico, o Credo de Niceia e o Credo Atanasiano), o Catecismo Menor de Lutero e a Confissão de Augsburgo Inalterada.

Nos anos posteriores à Segunda Guerra Mundial, muitos queriam que a **Declaração Teológica de Barmen**, o Credo contra Hitler e sua ideologia, também fosse assumida como base que nos auxiliasse a definir “quem é Jesus Cristo”.



Conheça a Declaração de Barmen na íntera, acessando o **Portal Luteranos** pelo QR-Code ao lado. Aproxime o seu celular, que ele leva você direto ao documento.

Ao ter como base as Sagradas Escrituras do Antigo e Novo Testamento, a IECLB acentua que *Jahveh* ou *Adonai* é o Pai de Jesus Cristo e volta-se contra toda e qualquer forma de antissemitismo e qualquer teoria de dois deuses, segundo a qual o deus do Antigo Testamento é o deus da Lei, enquanto que o Deus do Novo Testamento seria o deus do Amor. O Deus do Antigo Testamento deve ser lido a partir de Jesus Cristo.

A definição de quem seja esse Jesus Cristo nos é dada a partir dos escritos reunidos no Novo Testamento. Essa reunião foi feita com base no Credo Apostólico em época na qual se negava que *Jahveh* fosse o Pai de Jesus Cristo e na qual não se aceitavam os textos que hoje compõem o Novo Testamento (1º artigo), em que se negava a encarnação do Filho de Deus na pessoa de Jesus (2º artigo), acentuando, veementemente, que ele é Deus desde a eternidade e verdadeiro ser humano nascido de Maria e que, como ser de carne e osso padeceu, realmente foi crucificado, morreu, foi sepultado e, depois de morto, ressuscitou. Confessa que é o Espírito Santo presente desde sempre que nos ajuda a crer e confessar e a permanecer na verdadeira e única fé (3º artigo).

A TEOLOGIA DA CRUZ

A IECLB rejeita, por meio do Credo Apostólico do ano de 150 e do Credo de Niceia de 325, além do Credo Atanasiano, qualquer forma de pensamento que nega que Deus seja capaz de sofrer e de se solidarizar até as últimas consequências com os seres humanos e a criação.

Designa-se a isso, no Catecismo e na Confissão de Augsburgo, dois escritos calcados na teologia de Lutero, de *Teologia da Cruz*.

Não temos outra maneira de saber e de reconhecer quem e como Deus é, senão

através de Jesus Cristo: Deus tem o rosto do Crucificado, pois até mesmo o Ressurreto tem as marcas, as chagas, do Crucificado. Deus padece, sofre por causa do ser humano e de sua criação e a cruz de Jesus é clamor do amor incondicional de Deus por causa da criação e do ser humano, mas também sua denúncia de tudo o que o leva à cruz.

CONSEQUÊNCIAS PARA O DISCIPULADO CRISTÃO

Seguir a Jesus é colocar-se sob sua cruz e seu significado (que não pode ser reduzido a um perdão de pecados individuais), denunciando tudo que nega a criação divina e oprime os seres humanos e anunciando a esperança que irrompe a partir da ressurreição de Jesus. Seguir a Jesus é sofrer por causa do Evangelho de que Deus estava em Cristo reconciliando o mundo e anunciar a esperança de novo céu e nova terra, nos quais impera a justiça de Deus, o que também pode ser resumido nas palavras: justificação por graça e fé. Por isso se canta: “Cristãos, alegres jubilai, felizes exultando, com fé e com fervor cantai, a Deus glorificando o que por nós fez o Senhor” (LCI 484).

Nossos pais que pretenderam acrescentar a Declaração Teológica de Barmen quiseram reforçar essa convicção, negando que possa

haver outros senhores e mitos ao lado de Jesus Cristo na vida da Igreja. Com isso distanciavam-se do fascismo, do germanismo, do comunismo stalinista e do capitalismo, ideologias que sempre de novo confrontam o povo de Jesus, pois tinham o critério do Deus Crucificado e Ressurreto que lhes dá elementos para viver sob ideologias, mas sem fazer delas fundamento de seu viver, mesmo que vivam em e com essas ideologias.

Com isso privilegiaram a IECLB com liberdade, que só temos a partir de Jesus Cristo, de nos posicionarmos frente a todas as temáticas que nos afligem. Se não levamos isso em conta, não poderemos jamais entender a história dessa Igreja no tempo e espaço chamado “Brasil”.

PERGUNTAS PARA REFLEXÃO:

- 1) Como definimos a Jesus Cristo na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil?
- 2) Como entender a riqueza do ser Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil?
- 3) É possível e importante ser luterano e viver em situação de conflito a partir de uma Teologia da Cruz?

Teologia do 3º e 6º Artigos da Constituição da IECLB

P. Dr. Mário F. Tessmann, Curitiba/PR

I - CONSIDERAÇÕES INICIAIS:

A IECLB é igreja de Jesus Cristo no país, conforme afirma o artigo I de sua constituição. A palavra “igreja” tem longa história e diversidade de entendimento. Em função disto, torna-se indispensável resgatar brevemente as raízes da palavra no Novo Testamento, para que saibamos do que se trata, quando se diz que a IECLB é igreja de Jesus Cristo.

O apóstolo Paulo escreve que igreja, quando se refere à sua origem, é o grupo de pessoas “chamadas para serem de Jesus Cristo” (Rm 1.6). Este chamado é um ato de Deus (Rm 8.29ss). Em outras palavras, Lutero revela o mesmo entendimento, quando escreve o seguinte: “a Igreja é criatura do Evangelho”¹. Por mais que somente “o Senhor conhece os que lhe pertencem” (2 Tm 2.19), a igreja é realidade visível perante as pessoas (1 Co 11.18). Em decorrência, como teólogo biblista que é, Lutero aborda com regularidade nos seus escritos as duas dimensões indissociáveis da igreja: seu ocultamento e sua manifestação. Voltando ao Novo Testamento, Paulo menciona ainda, entre outros aspectos, que a igreja tem localização e está dentro de limites geográficos: “a igreja de Deus que está em Corinto” (1 Co 1.2; 2 Co 1.2).

Cabe destacar nesta reflexão o modo como o apóstolo Paulo entende a igreja. Ele fala dela como corpo de Cristo (1 Co 12.27), que é metáfora alusiva a um organismo vivo

com muitos membros. Estes recebem dons (1 Co 12.14ss) que são diversos, a serem exercidos de maneira mútua dentro da unidade do Espírito (Ef 4.1ss), nas tarefas da vida da igreja ou para cumprir o seu chamado junto aos de fora da comunidade cristã (1 Pe 2.9ss; 4.10ss). Ao explicar o terceiro artigo do Credo Apostólico no Catecismo Menor, Lutero escreve: “o Espírito Santo me chamou pelo evangelho, me iluminou com seus dons, me santificou e me conservou na fé verdadeira. Assim também chama, congrega, ilumina e santifica toda a cristandade na terra, e em Jesus Cristo a conserva na verdadeira e única fé”. Percebe-se nestas palavras de Lutero o quanto ele assumiu a compreensão de igreja do apóstolo Paulo e a atualizou para os seus dias.

Após a sua ressurreição, Jesus Cristo deixou o seguinte mandamento para a igreja: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar todas as coisas que vos tenho ordenado. E eis que estou convosco todos os dias até à consumação do século” (Mt 28.19ss). O cumprimento do mandamento não se baseia na inteligência, empenho ou compaixão dos discípulos, mas sim, no poder de Deus prometido por Cristo: “Recebereis poder, ao descer sobre vós o Espírito Santo, e sereis minhas testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judeia e Samaria e até os confins da terra” (At 1.8). Lutero resumiu, de maneira muito precisa, o conteúdo deste texto bíblico, afirmando que o Espírito Santo “chama, congrega, ilumina e santifica” a igreja.

1. LUTERO, M., OSeI, Vol.1, p.378.

II - PASSOS EM DIREÇÃO À FORMAÇÃO DA IECLB

Os séculos se passaram e a Palavra de Deus foi sendo testemunhada pelo mundo afora por intermédio da igreja em movimento. Desta maneira, o mandamento de Jesus Cristo tem sido cumprido. A Palavra de Deus levou também ao surgimento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Segundo Ernesto Theófilo Schlieper² (1909-1969), historicamente falando, a IECLB teve o seu nascedouro junto à imigração de pessoas evangélicas da Europa para o Brasil desde o fim da segunda década do século XIX, fato que levou à formação contínua de comunidades (FISCHER, p. 233). Ele observa que a mesma é “a mais antiga (sic) Igreja evangélica no Brasil” (FISCHER, p. 45).

Schlieper anota que, nestas primeiras décadas de existência, “as comunidades eram inteiramente autônomas. Escolhiam como



Pastor Dr. Ernesto Theófilo Schlieper foi professor de teologia e presidente da IECLB quando era denominada de Federação Sinodal.

2. Ernesto Theófilo Schlieper nasceu em 30 de maio de 1909 em Taquara/RS. Estudou teologia na Alemanha de 1929 a 1933. Durante 33 anos (1936-1969), exerceu atividades pastorais, ensinou teologia na Faculdade de Teologia em São Leopoldo e ocupou cargos de liderança na igreja, sendo pastor-presidente da Federação Sinodal desde 1956 até a sua morte. Mais detalhes sobre a biografia de Schlieper, ver FISCHER, p.7-11

pastor a quem julgavam competente, demitindo-o quando lhes parecia conveniente. O pastor era simples empregado. As comunidades eram associações livres, sem estatutos, dando margem às maiores arbitrariedades. As consequências destes 35 anos, em parte, ainda hoje se fazem notar” (FISCHER, p. 46).

Com o passar dos tempos, a organização da vida da igreja obteve êxito. Foram fundados sínodos regionais, que envolviam comunidades espalhadas nos estados do RS, SC, PR e outros, de 1886 até 1912/13, visando superar a dispersão das mesmas. Após a traumática experiência da Segunda Guerra Mundial, de hostilidades e perseguição aos membros e destruição de templos, ficou evidente a importância de novos enfoques para as comunidades e sínodos até ali existentes. Schlieper resume os novos desafios da seguinte forma: “a época da Igreja dos imigrantes, cuja tarefa primordial era de congregá-los e mantê-los, estava chegando ao fim; e em seu lugar surgia uma Igreja arraigada no País, partícipe da responsabilidade pela formação da vida do seu povo, responsável para que neste País hoje e no futuro, a todos os homens, sem distinção alguma, seja anunciado o Evangelho de Jesus Cristo” (FISCHER, p.52).

O surgimento da Igreja “arraigada ao País” deu seus primeiros passos com a realização do I Concílio Eclesiástico Constituinte da Federação Sinodal, ocorrido em maio de 1950. Nesta ocasião, o pastor Hermann G. Dohms³ apresentou uma declaração fundamental para a formação da Federação Sinodal, onde constam as seguintes teses: “1. A Federação Sinodal é Igreja de Jesus Cristo

3. Hermann Gottlieb Dohms nasceu em 03 de novembro de 1887 em Sapiranga/RS. Realizou seus estudos de teologia de 1908 a 1913 na Suíça e na Alemanha. No início de 1914 regressou ao Brasil. Desde então, exerceu atividades pastorais, ensinou teologia desde a fundação da Faculdade de Teologia em 1946 e ocupou cargos importantes no Sínodo Riograndense e na Federação Sinodal. Faleceu em 04 de dezembro de 1956. Mais detalhes sobre a biografia de Dohms, ver DREHER, p. 7-33.



Pastor Hermann Gottlieb Dohms foi professor de teologia importante liderança pastoral na Federação Sinodal.

no Brasil [...]; 2. Esta Igreja é *confessionalmente determinada* (sic) pela Confissão de Augsburgo e o Pequeno Catecismo de Lutero” (FISCHER, p.53). Já em 1954, a Federação Sinodal passou a se chamar “Federação Sinodal, Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil”.

Com a fusão dos sínodos e com uma nova constituição, surgia em 1968 a IECLB, como em boa medida é conhecida hoje. Schlieper via este passo assim: “O Concílio Extraordinário de outubro de 1968 terá uma tarefa de singular responsabilidade, que exige uma grande fé em Deus, o Senhor da Igreja, e a confiança em que não somos nós que formamos a Igreja, mas é Deus mesmo que pelo seu Santo Espírito determina os desígnios de sua Igreja” (o grifo é nosso) (FISCHER, p. 55). O Concílio Extraordinário, realizado em Santo Amaro/SP em outubro de 1968, extinguiu os sínodos existentes e constituiu o corpo eclesiástico com estrutura centralizada com o nome de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil.

III - REFLEXÕES TEOLÓGICAS ACERCA DO 3º E 6º ARTIGOS

O artigo 3º da constituição da IECLB, complementado pelo 6º, destaca a importância

da obediência ao mandamento de Deus. Este assunto atravessa a Bíblia em inúmeras passagens do Antigo e do Novo Testamento. No Evangelho de João, por exemplo, Jesus afirma aos seus discípulos: “Se guardardes os meus mandamentos, permanecereis no meu amor; assim como também eu tenho guardado os mandamentos de meu Pai e no seu amor permaneço” (Jo 15.10). Vê-se aqui a correlação direta entre obediência ao mandamento e a prática do amor. O amor cristão só existe no exercício dos mandamentos de Cristo. O apóstolo Paulo, por sua vez, salienta “a obediência por fé” (Rm 1.5). É sabido que a fé é “dom de Deus” (Ef 2.8) e que ela “atua pelo amor” (Gl 5.6).

Em obediência aos mandamentos de Cristo, a IECLB estabelece, no artigo 3º, sua finalidade e missão em quatro propósitos:

I - propagar o Evangelho de Jesus Cristo;

II - estimular a vivência evangélica pessoal, familiar e comunitária;

III - promover a paz, a justiça e o amor na sociedade;

IV - participar do testemunho do Evangelho no País e no mundo.

A - A divulgação do evangelho:

A propagação do Evangelho tem em Jesus Cristo o seu iniciador (Mc 1.14ss). Durante a caminhada com seus discípulos, Jesus os chamou para participarem com Ele nesta tarefa (Mt 10.5ss), e, após a ressurreição, os enviou dizendo: “Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura” (Mc 16.15). O Novo Testamento relata, com preciosos detalhes, a divulgação e a expansão do Evangelho. Destaca ainda a formação de igrejas nas mais diversas regiões do Império Romano. O testemunho cristão, naqueles dias, era feito “publicamente e também de casa em casa” (At 20.20). Cabe

aqui lembrar também Lutero. Ele ajuda a entender a razão para o ímpeto missionário da igreja em qualquer época, quando explica o significado da afirmação “Pai nosso, que estás nos céus” no Catecismo Menor: “Deus quer atrair-nos carinhosamente com estas palavras para crermos que ele é o nosso verdadeiro Pai, e nós somos os seus verdadeiros filhos”.

O anúncio do Evangelho não é feito por pessoas e comunidades isoladas umas das outras, mas sim, em vínculo, em comunhão, como bem lembra o apóstolo Paulo no Novo Testamento. Este modelo de caminhada conjunta (justamente o significado da palavra “sínodo”), formando a igreja de comunidades, quer ser também a marca da IECLB, conforme registram os quatro primeiros incisos do artigo 6º da constituição:

I - fortalecer e aprofundar a comunhão entre as Comunidades em sua ação evangelizadora;

II - zelar pela unidade na vida eclesial, no testemunho e na pura pregação da Palavra;

III - promover o ensino, a missão e a diaconia;

IV - proporcionar o aprofundamento teológico e o crescimento espiritual nas Comunidades.

B - A comunhão e o ensino:

O estímulo à vivência cristã, de forma pessoal, familiar e comunitária, encontra na Bíblia suficiente fundamento. Observem-se alguns exemplos.

O livro do Deuteronômio é precioso testemunho sobre este tema. Ele afirma: “Ouve, Israel, o SENHOR, nosso Deus, é o único SENHOR. Amarás, pois, o SENHOR, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma e de toda a tua força. Estas palavras que, hoje, te ordeno estarão no teu coração; tu as inculcarás a teus filhos, e delas falarás assentado

em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te” (Dt 6.4ss).

O apóstolo Paulo lembra a Timóteo a trajetória espiritual que ele herdou de sua avó e de sua mãe e a importância da mesma: “Pela recordação que guardo de tua fé sem fingimento, a mesma que, primeiramente, habitou em tua avó Loide e em tua mãe Eunice, e estou certo de que também, em ti” (2 Tm 1. 5). Acerca da igreja emergente de Jerusalém, lê-se o seguinte: “E perseveravam (os primeiros cristãos) na doutrina dos apóstolos e na comunhão, no partir do pão e nas orações” (At 2. 42).

Palavra e sacramentos, desde cedo, fizeram parte da vivência da igreja. Lutero escreveu os catecismos com a finalidade de que a Palavra de Deus fosse ensinada “às pessoas, especialmente aos jovens” (Prefácio - Catecismo Menor). Aos pais, cabia a tarefa de ensinar todo o Catecismo Menor “com simplicidade a sua casa” (Catecismo Menor).

C - O custo do discipulado

O evangelista Mateus testemunha que Jesus, logo após chamar os seus primeiros discípulos (Mt 4. 18ss), apresentou o seu “programa de discipulado” (Bonhoeffer) no Sermão da Montanha (Mt 5-7) para as multidões que o acompanham. Jesus inicia o mesmo ensinando as bem-aventuranças (Mt 5.3ss), uma lista de qualidades e atitudes incomuns, que ofertam a felicidade. Para o bom entendimento do assunto, é decisivo afirmar que as bem-aventuranças, antes de qualquer outro significado, descrevem a pessoa e o ministério de Cristo. Ele é o bem-aventurado por excelência!

Por intermédio da fé em Jesus, contudo, os seus seguidores têm a oportunidade de serem e viverem como bem-aventurados, como Cristo mesmo enfatiza: “Em verdade,

em verdade vos digo que aquele que crê em mim fará também as obras que eu faço” (Jo 14. 12). Conforme Lutero, esta afirmação bíblica aponta para algo central na existência cristã: a “troca maravilhosa”. O Senhor Jesus Cristo passa a sua vida e salvação para os que creem, e recebe destes pecado, morte e condenação. Por isto, as bem-aventuranças jamais serão conquista humana, mas sim, dádivas recebidas em fé.

À luz deste entendimento, vê-se que a promoção da paz, da justiça e a realização das obras do amor, como finalidade e missão da IECLB, é oportunidade concedida por Cristo, para pôr a igreja em movimento e fazer dela uma participante das bem-aventuranças. A prática destas qualidades e atitudes põs, e põe hoje em diversas ocasiões, as pessoas cristãs dentro do “temporal de medo, angústia e dor” (Livro de Canto da IECLB, hino 577), onde emerge a pergunta aflitiva: suportarão até o final? Isto acontece porque as resistências aos que agem como “pacificadores” (Mt 5.9) e que têm “fome e sede de justiça” (Mt 5.6) não são pequenas. Jesus mesmo, em oração ao Pai, recorda esta dura realidade dos seus discípulos ao dizer: “Eu lhes tenho dado a tua palavra, e o mundo os odiou, porque eles não são do mundo, como também eu não sou” (Jo 17.14). O apóstolo João lembra que o mundo é, por um lado, objeto do amor de Deus (Jo 3.16) a ser salvo (Jo 12.47). Por outro lado, ele está sob domínio do poder mentiroso que se revolta contra Deus (Jo 14.30; 16.11).

Logo, torna-se compreensível que, de tempos em tempos, a igreja enfrente insultos, perseguições e todo tipo de calúnia, pela causa de Cristo (Mt 5.11). É indispensável recordar que o repúdio a pessoas cristãs, que exercitam as bem-aventuranças, não vem apenas de fora da igreja, mas também de dentro da mesma, como bem destaca

o apóstolo Paulo ao mencionar os perigos vindos de ‘falsos irmãos’ (2 Co 11.26). A Confissão de Augsburgo ratifica esta percepção ao afirmar que na sociedade externa da igreja “continuam entre os piedosos muitos falsos cristãos e hipócritas” (Artigo 8). Independentemente de onde venham as hostilidades e a negação da paz e da justiça, permanece para igreja a palavra de Cristo: “Bem-aventurados os perseguidos por causa da justiça, porque deles é o Reino dos Céus” (Mt 5.10).

D - A missão no país e no mundo:

A IECLB recebe de Deus a oportunidade e a tarefa de participar do testemunho do Evangelho no País e no mundo. O fundamento desta afirmação vem do comissionamento, do encargo e da missão dados por Jesus Cristo aos seus seguidores após a ressurreição: “Ide, portanto, fazei discípulos de todas as nações” (Mt 28.19). O apóstolo Paulo, como imitador de Cristo (1 Co 11.1), anuncia à igreja em Corinto que Deus “nos reconciliou consigo mesmo por meio de Cristo e nos deu o ministério da reconciliação” (2 Co 5.18). Ele confiou a “palavra da reconciliação” (2 Co 5.19) às pessoas cristãs, tornando-as assim “embaixadores de Cristo” (2 Co 5.20). Ser embaixador significa atuar “como se Deus exortasse por nosso intermédio” (2 Co 5.20), cuja mensagem é a seguinte: “Em nome de Cristo, pois, rogamos que vos reconcilies com Deus” (2 Co 5.20).

Seguindo esse pensamento, o apóstolo Pedro menciona que os batizados pertencem à “raça eleita, sacerdócio real, nação santa, povo de propriedade exclusiva de Deus” (1 Pe 2.9), e que são capacitados com os mais diversos dons para a edificação da igreja (Rm 12.3ss). Durante a Reforma no século XVI, Lutero novamente afirmou a importância deste conteúdo no seu ensino sobre o sacerdócio geral de todos os cren-

tes. De acordo com ele, Batismo, Evangelho e fé tornam as pessoas cristãs e sacerdotes de Cristo. Faz bem a IECLB, quando insere em sua constituição que “na perspectiva do sacerdócio geral de todos os crentes e do ministério compartilhado”, ela deseja “propiciar condições para que os membros das Comunidades possam exercitar seus dons na missão da Igreja” (Art. 6, V). Igreja constituída com base no sacerdócio geral é igreja povo de Deus.

Importante para a realização do testemunho do evangelho no Brasil e no mundo, é o cuidado com a formação “de ministros ordenados e colaboradores em todos os níveis para seus diferentes campos de atividade ministerial” (Art. 6º, VI). Para isto, a IECLB firmou convênios com instituições de ensino superior no campo da Teologia. Além disto, o bom cumprimento desta tarefa está associado diretamente com a necessária atenção “pela ordem e disciplina evangélica a serem observadas por suas Comunidades, seus membros, ministros e instituições, de acordo com a presente Constituição e outros documentos normativos da Igreja” (Art. 6º, VII). Por fim, mas não por último, a IECLB pela sua natureza ecumênica se vincula “com as igrejas no mundo que confessam Jesus Cristo como único Senhor e Salvador” (Art. 5º, § 2), com o objetivo fundamental

de ser testemunha (Lc 24.48; At 1.8) do Evangelho que é “o poder de Deus para a salvação de todo o que crê” (Rm 1.16).

PARA REFLEXÃO

1. Qual ou quais aspectos do entendimento bíblico apresentado sobre a igreja lhe chamam especial atenção?
2. Segundo o relato do pastor Ernesto Schlieper acerca da formação da IECLB, que desafios a igreja tem pela frente?
3. A constituição da IECLB estabelece quatro propósitos como finalidade e missão da igreja. Como eles podem ser trabalhados na sua comunidade, paróquia e sínodo?

BIBLIOGRAFIA:

- BÍBLIA SAGRADA COM REFLEXÕES DE LUTERO. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2012.
- BRANDENBURG, Y. (Ed.). Livro de Concórdia: As Confissões da Igreja Evangélica Luterana. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia; Comissão Interluterana de Literatura, 2021.
- DREHER, M. N. (Org.). Hermann Gottlieb Dohms: textos escolhidos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- FISCHER, J., (Ed.) D. Ernesto Th. Schlieper: testemunho evangélico na América Latina. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1974.
- LUTERO, M., Comentários de Lutero sobre suas Teses Debatidas em Leipzig, In: Obras Seleccionadas. São Leopoldo; Porto Alegre: Sinodal; Concórdia, Vol.1, p.333-384.

O Lema Bíblico do Biênio 2023-2024

P. Dr. Rodolfo Gaede Neto, São Leopoldo/RS

SAL DA TERRA E LUZ DO MUNDO. A VISÃO DE UMA IGREJA MISSIONÁRIA EM MATEUS 5.13-14 E A CAMPANHA VAI E VEM.

INTRODUÇÃO

Jesus costumava explicar as grandes verdades do Reino de Deus através de parábolas e metáforas. Recorria a fatos comuns do dia a dia da vida para usá-los como comparação. No Sermão do Monte (Mt 5 a 7) valeu-se do sal e da luz para compará-los à missão de seus discípulos e de suas discípulas neste mundo.

Em todos os tempos da civilização humana, sal e luz foram elementos indispensáveis, usados em cada lar, por mais pobre que fosse. Podemos imaginar que o próprio Jesus, desde a sua infância, tenha observado sua mãe usando o sal na cozinha e acendendo uma lâmpada quando o sol se punha. Atribui-se ao historiador Plínio, nascido no ano 23 da era cristã, a expressão de que nada é mais útil do que o sal e o sol (*sale et sole*). Suas funções são óbvias: conservar e dar sabor aos alimentos, e iluminar o ambiente. Ambos possuem um oposto: o sal deixa de cumprir seu papel quando se torna insípido e a luz deixa de iluminar quando for escondida num lugar baixo ou debaixo de um caixote. A metáfora quer afirmar que as seguidoras e os seguidores de Jesus cumprem sua missão quando puderem ser comparados com o sal e a luz; e deixam de cumpri-la quando se tornam insípidos ou comparáveis a uma lâmpada escondida. Por que Jesus terá escolhido justamente esses elementos para explicar tão relevante causa como o discipulado?

Vejam algumas informações e reflexões acerca do ser o sal da terra e a ser luz do mundo.

1. SAL DA TERRA E LUZ DO MUNDO

1.1 Ser o sal da terra

Jesus viveu séculos antes do invento da refrigeração. Naqueles tempos, assim como nos tempos de nossos antepassados, a função do sal de conservar os alimentos era especialmente importante. Evitava a deterioração, principalmente da carne e do peixe.

Já nos tempos do Israel bíblico o sal era amplamente usado para diferentes finalidades e com diferentes simbologias. Crianças recém-nascidas eram banhadas com sal como medida de higiene e prevenção contra infecções (Ez 16.4). Pequenas quantidades de sal eram colocadas na forragem dos animais, que funcionava como antisséptico (Is 30.24). Também se fazia uma leve aplicação de sal ao solo para melhorar sua fertilidade, com vistas a melhores colheitas. Os livros de Números e Crônicas apresentam o sal como o símbolo que confirma a amizade e a parceria: em algumas regiões do Mediterrâneo, comer sal juntos (expressão usada para se referir a comer juntos o pão, sobre o qual se colocava sal) era considerado um sinal de amizade, boas relações, acolhida e hospitalidade.

A palavra salário tem sua origem do latim *salarium* e significava o auxílio oferecido aos soldados romanos para que pudessem comprar o sal tão necessário em cada dia. Também se faz uso do simbolismo do sal

para se referir a algo que impede a corrupção e a morte (2 Rs 19-22). Assim como *salarium* representava a lealdade entre empregado e empregador, o texto de Lv 2.13 faz referência ao sal da aliança, que simboliza a lealdade no relacionamento entre Deus e o seu povo (veja também Nm 18.19; Jó 6.6; Êx. 30.35; etc.).

Evitar a deterioração (apodrecimento), exercer a função de antisséptico, melhorar a qualidade do solo, ser um elemento para o cultivo da amizade, da hospitalidade e da comunhão de mesa, ter dinheiro para comprar o necessário para cada dia, impedir a corrupção e a morte e manter a lealdade no relacionamento com Deus. Certamente Jesus conhecia essa riqueza de funções e simbolismos. Por isso, escolheu o sal como metáfora para explicar o significado da missão de suas seguidoras e de seus seguidores neste mundo.

Ou seja: o discipulado consiste em desenvolver ações que evitem a deterioração da comunidade humana; ações que conservem a humanidade com a identidade que lhe é própria enquanto criação de Deus; ações que proporcionem mais qualidade ao “solo” no qual a vida se desenvolve, para que boas colheitas e um bom *salarium* tragam mais qualidade de vida; ações que evitem a corrupção e a morte; ações que construam a amizade, o relacionamento saudável, a hospitalidade, a comunhão de mesa e o bom sabor para a vida; e, finalmente, ações que visem manter a lealdade e a fidelidade no que diz respeito à aliança entre Deus e sua comunidade.

É gigantesca esta missão. A afirmação “você são o sal da terra” é uma clara indicação de que quem segue a Jesus age na perspectiva da chegada do Reino de Deus a este mundo. Ser incumbido desta missão pode assustar; porém, acima de tudo, representa uma honra. Lutero o expressa assim: “É uma função maravilhosa e uma grande e esplên-

da honra que Deus nos chama de seu sal” (Obras Seleccionadas, v. 9, p. 68-69).

Instigante, porém, é a segunda parte do versículo: “se o sal vier a ser insípido, como lhe restaurar o sabor? Para nada mais presta senão para, lançado fora, ser pisado pelos homens”. O sal pode estragar? No tempo de Jesus o sal era colhido na região do Mar Morto, onde existiam as maiores jazidas de sal do mundo. Acontece que não existiam refinarias. Dependendo de onde o sal era encontrado, podia conter impurezas, como magnésio, cal e restos de plantas; ou poderia ter perdido o sabor em decorrência da sua desintegração física por causa de umidade. O sal encontrado na superfície da terra, exposto à chuva, ao sol e ao vento, tem gosto de areia. Perfeito é o sal encontrado no subsolo, em contato com a rocha. O sal puro era separado para ser usado na conservação e no tempero dos alimentos. Quanto ao sal impuro, podia ser usado, por exemplo, nos telhados planos das casas, onde era espalhado para evitar goteiras; este espaço servia para o encontro das pessoas adultas e como espaço de lazer das crianças; portanto, era pisado pelas pessoas.

Outra possibilidade era o uso do sal sem sabor durante o inverno, quando as temperaturas em Jerusalém podem chegar a níveis muito baixos. Ocasionalmente pode até cair neve. Nessas circunstâncias, as ruas utilizadas pelos frequentadores do templo ficavam muito lisas. Para oferecer segurança aos caminhantes jogava-se sal nas estradas, para derreter o gelo. Também ali o sal imprestável para o consumo era pisado pelas pessoas.

Portanto, era real a existência do sal insípido, que não cumpre sua função de salgar e evitar o apodrecimento dos alimentos. Este sal é usado como metáfora para aquilo que representa o oposto do discipulado. Há uma forma de exercício do discipulado que

é inútil, em que a missão recebida não é cumprida.

1.2 Ser a luz do mundo

Na sequência de seu sermão, Jesus compara a missão de seus seguidores e suas seguidoras à função da luz: dissipar a escuridão. Quando a lâmpada é colocada debaixo de um caixote, ela se apaga e deixa de cumprir seu papel. Ou quando uma cidade está situada em local muito baixo, ficando escondida, não iluminará o ambiente que a cerca. Jerusalém está construída sobre um monte; por isso, é chamada de “cidade-luz”. Comparados com o sal, as discípulas e os discípulos de Jesus agem para evitar o apodrecimento do mundo; comparados com a luz, agem para evitar o escurecimento do mundo.

Acredita-se que a parábola da luz escondida seja também uma referência à comunidade de Qumran, que existiu nas margens do Mar Morto e optou em viver em cavernas, de forma isolada do mundo. A vida comunitária era orientada por rigorosa exigência moral. Qumran era conhecida como a “fortaleza dos piedosos” e seus membros se consideravam “os filhos da luz” em oposição aos “filhos das trevas”. Qumran vivia na expectativa de uma intervenção divina para trazer paz ao mundo, fazendo a opção de desistir de uma atuação na sociedade para transformá-la.

Pelo fato de a comunidade dos “filhos da luz” ter optado em viver uma santidade isolada do mundo, em um gueto, ela é considerada, no Sermão do Monte, uma luz escondida, ou uma cidade não construída sobre um monte. Assim ela não terá condições de ser a luz do mundo.

O farol deve ficar no alto para poder cumprir sua função de lançar luz sobre o entorno. Portanto, o desafio colocado para as discí-

pulas e os discípulos de Jesus é o de agirem no mundo para evitar que as trevas tomem conta.

A luz pode ter também a função de servir de guia, como o faz a lanterna em nossas caminhadas noturnas; ou de servir de orientação, como o faz o farol, a luz-guia dos navegantes, para evitar o perigo e indicar o caminho seguro.

No contexto da navegação, os faróis eram erguidos nas costas marítimas, em lugares elevados, indicando a existência de algum perigo que pudesse interferir na passagem das embarcações. Um exemplo é o Farol de Mãe Luiza, situado no bairro Mãe Luiza, em Natal/RN. Desde 1951, com a construção do farol, o bairro Mãe Luiza ilumina a chegada das embarcações às praias. O nome do farol foi escolhido em homenagem a uma senhora considerada referência na localidade pelo seu espírito solidário (Luiza Pirangi). Como parteira, quando chamada durante a noite, deslocava-se iluminando seu caminho com um lampião, para ajudar mães a darem à luz suas crianças.

Também esta missão é gigantesca. Em relação à afirmação “você são a luz do mundo”, Lutero afirma: “Esse é o segundo aspecto do ministério do qual ele incumbe os amados apóstolos: que sejam chamados luz do mundo e que, também, o sejam, isto é, que instruem as almas e lhes mostrem o caminho para a vida eterna. Isso também é necessário porque Cristo não quer que esse ministério seja exercido às escondidas ou somente em determinado lugar, mas que seja levado publicamente pelo mundo afora” (Obras Seleccionadas, v. 9, p.75s).

Exercer o ministério da Igreja às escondidas, praticando uma santidade isolada, é equivalente a uma lâmpada escondida, a uma comunidade que se isola do mundo, a

um gueto, a pessoas autorreferentes, a instituições que giram em torno do seu próprio eixo. Pelo contrário, ser a luz do mundo é também uma clara indicação de que quem segue a Jesus age na perspectiva da presença do Reino de Deus neste mundo. Mateus identifica o próprio Jesus como sendo a luz do mundo (4.12-17). Se agora o mestre incumba seus seguidores e suas seguidoras dessa missão, então essas simples pessoas chamadas ao seguimento terão parte na missão do próprio Jesus e, em consequência, não poderão exercer o discipulado às escondidas, nem poderão ser ignoradas pelo mundo.

2. IECLB: O DESAFIO DE SER O SAL DA TERRA E A LUZ DO MUNDO

Quanta responsabilidade! Porém, consolamos o fato de que Jesus não escolheu superespecialistas para serem o sal da terra e a luz do mundo. Chamou aquele grupo de pessoas simples, que creram nele, conheceram sua mensagem sobre a chegada do Reino de Deus a este mundo e, desta forma, tornaram-se corresponsáveis pela sua divulgação e, assim, por influenciar a comunidade humana para mudanças de grande alcance.

Hoje Deus continua chamando para a missão de ser o sal da terra e a luz do mundo. A IECLB se deixa desafiar para esta missão. Manifesta isto na declaração aprovada em concílio e registrada nas primeiras duas linhas do 1º artigo de sua Constituição: “A IECLB é igreja de Jesus Cristo no País”.

Com a sua carga histórica de ser igreja de imigração, a IECLB necessitou de algum tempo para desconstruir sua autocompreensão de uma igreja estrangeira no Brasil, recolhida em suas comunidades, às vezes vistas como guetos, alheias e descomprometidas com as questões do contexto nacional. No momento em que decidiu anunciar-se como igreja de Jesus Cristo no País, assumiu

a identidade de testemunha do Evangelho neste lugar, nesta sociedade, neste contexto; ou seja, assumiu o desafio de ser sal e luz nesta terra. As implicações desta declaração são de um enorme compromisso e de uma enorme responsabilidade. À luz das anotações acima, ousamos apresentar as reflexões que seguem.

A IECLB, através de suas comunidades, paróquias, grupos, setores, sínodos, instituições, organismos, entidades e de sua estrutura nacional sente-se desafiada a fazer o movimento constante de tirar o caixote de cima da lâmpada, de sair da caverna, de edificar-se para ser cidade sobre um monte e de evitar a deterioração da vida comunitária e social.

Este movimento pode desencadear atitudes e ações, como as que seguem:

- A Igreja se apresenta ao mundo que a cerca, transpõe fronteiras, marca presença, participa, dá testemunho em palavras e ações, ilumina o ambiente com os valores fundamentados no Evangelho. Ao assumirem o “ser a luz do mundo”, as pessoas seguidoras de Jesus não exercerão o ministério da Igreja às escondidas e não poderão ser ignoradas pelo mundo.
- A Igreja assume a função do sal que, misturado aos alimentos, nem é visto, mas produz o efeito de acrescentar sabor e qualidade aos mesmos; ou seja, com humildade, livre de arrogância, a Igreja traz ao ambiente em que está inserida, a leveza, a alegria e o bom gosto de viver sob a graça de Deus.
- A Igreja assume a radicalidade da função do sal de misturar-se aos alimentos, assim como Jesus se misturava com as pessoas sofridas de seu tempo.
- A Igreja, como cidade construída sobre um monte e como o farol-guia dos navegantes, orienta, com a sua luz, a comunidade

e a sociedade, indicando caminhos seguros para evitar rotas perigosas e colisões.

- A Igreja desenvolve ações diaconais para oferecer qualidade de vida a pessoas e grupos em situação de vulnerabilidade, a exemplo do que fazia a parteira Mãe Luiza, que, com o auxílio do lampião, iluminava seu próprio caminho para poder prestar seus serviços voluntários e solidários às parturientes, para que pudessem, com segurança, trazer suas crianças à luz do dia.
- A Igreja participa ativamente de projetos como a *Campanha Vai-e-Vem* (Campanha Nacional de Ofertas para a Missão), um movimento de solidariedade entre as comunidades da IECLB que tem o objetivo de ampliar e consolidar a ação missionária da IECLB e, assim, oferecer apoio financeiro a projetos missionários articulados pelas comunidades e paróquias acompanhados pelos respectivos sínodos. A IECLB vai ao encontro das pessoas e também convida a participar da edificação de uma Igreja aberta, acolhedora e inclusiva e, ao mesmo tempo, com inserção propositiva na sociedade, junto às pessoas que sofrem. Desta forma, a Campanha Vai-e-Vem reforça a unidade da IECLB, ajuda a desenvolver a consciência missionária dos seus membros, além de fomentar a sua autossustentabilidade como Igreja no Brasil.
- A Igreja contribui para a preservação, na comunidade local e na sociedade, dos valores genuínos e autênticos do Evangelho, para, assim, evitar a “deterioração” da sociedade, exercendo o seu papel profético de denunciar estruturas eticamente deterioradas. Na metáfora do sal, destaca-se sua função de evitar esta deterioração. Os sinônimos desta palavra indicam o sentido de apodrecimento, decomposição, degeneração, degradação e corrupção. Não é necessário mencionar o quanto a nossa sociedade está afetada pela realidade que estas palavras representam, em termos

morais e éticos. A Igreja contribui para que o mundo seja mais humano, em todos os níveis da vida: individual, familiar, comunitário e social.

A Igreja não tem o poder de transformar o mundo inteiro; porém, tem o dom, a graça e a missão de influenciar pessoas, grupos, comunidades e instituições a partir dos fundamentos do Evangelho de Cristo, na perspectiva da chegada do Reino de Deus a este mundo. Tem a incumbência de indicar o caminho para que se possa olhar para o futuro e enxergar o mundo desejado por Deus.

SUGESTÃO DE AÇÕES QUE PODEM SER DESENVOLVIDAS COMO ILUSTRAÇÃO DA MISSÃO DA IECLB DE SER SAL DA TERRA E LUZ DO MUNDO

Considerando que na IECLB há grupos com perfis diferentes em termos de faixa etária, contexto social, etnia, gênero, etc., caberá às lideranças adequar cada proposta de atividade às características de seu respectivo grupo.

A METÁFORA DO SAL

Quanto ao “ser o sal da terra”, pode-se levar para a respectiva atividade uma porção de sal, uma porção de areia e um copo d’água. Pode-se fazer a experiência de que o sal misturado com areia se torna impraticável para o consumo na culinária. Precisa ser jogado fora. Igualmente o sal misturado com água se dilui e deixa de ter utilidade na cozinha. O estrago que é causado pela ausência do sal pode ser mostrado através da exibição, pela internet, de imagens de carne deteriorada.

Essas experiências indicam que Jesus utilizou o sal como metáfora para afirmar o que não é o discipulado. Esses sais não são úteis para dar sabor à comida ou evitar o apodrecimento dos alimentos. Assim, as pessoas seguidoras de Jesus que não cumprem a sua

função de discípulas e discípulos são inúteis para o Reino de Deus.

Por outro lado, a porção de sal puro (de preferência evitar o sal refinado com seus aditivos químicos e usar o sal natural) pode servir para a seguinte experiência: escolher um alimento que sem sal não alcança o sabor desejado; ao contrário, com o tempero do sal se torna saboroso. Por exemplo, pão ou ovos cozidos. Quanto à função do sal de conservar a carne, pode-se exibir, pela internet, a imagem da carne de sol, ingrediente utilizado em muitos pratos da culinária brasileira.

Essa experiência indica que Jesus a utilizou como metáfora para expressar a necessidade de suas discípulas e seus discípulos estarem presentes na comunidade e na sociedade (misturados como o sal) para atuar na perspectiva de evitar o seu apodrecimento e exercer influência para que a vida das pessoas tenha sabor e seja saudável. Caberá às lideranças a tarefa de contextualizar localmente e regionalmente o significado de “podridão” na vida das pessoas, das famílias, da comunidade e da sociedade, e também o significado de “conservação” dos princípios e valores do Reino de Deus.

A METÁFORA DA LUZ

Quanto ao ser a “luz do mundo”, pode-se levar para a atividade uma vela e um caixote, para fazer a experiência de acender uma luz, colocá-la sob um caixote, e constatar que, escondida, ela não iluminará o ambiente e apagará por falta de oxigênio. Ou esconder a vela em local muito baixo.

Por outro lado, uma luz colocada no alto cumprirá seu papel de dissipar a escuridão no seu ambiente, assim como uma cidade construída sobre um monte. O discipulado tem a função de atuar para evitar o “escurecimento” do mundo, seja nos níveis pessoal, familiar, comunitário ou social. A discípula e

o discípulo, quando assumem a missão de ser a luz do mundo, não se isolarão em guetos, nem poderão ser ignorados pelo mundo. Caberá às lideranças a tarefa de contextualizar localmente, regionalmente, o significado de “escuridão” e a necessidade de “luz” para o bem da comunidade humana.

PROPOSTA METODOLÓGICA ADICIONAL

Uma proposta adicional para trabalhar o tema “sal e luz” pode ser encontrada na revista Amigo das Crianças nº 79. Ela também pode ser adaptada para adolescentes e jovens. Para baixar a proposta metodológica, utilize o link abaixo e selecione o PDF “proposta metodológica – O Amigo das Crianças 79”



Aproxime seu celular do QR-Code ao lado e baixe o PDF da proposta metodológica de O Amigo das Crianças Nº 79

Repetimos uma dica valiosa: as Agendas Escolares da Rede Sinodal de Educação trazem curiosidades sobre sal e luz e a sua relação com a tarefa do ser humano no mundo. Você pode acessar estes textos a cada início de mês, nas Agendas físicas ou no Portal Luteranos.

REFERÊNCIAS

GRUNDMANN, Walter. Das Evangelium nach Matthäus. 6. Aufl. Berlin: Evangelische Verlagsanstalt, 1986.

HILLYER, N. Sal. In: COENEN, Lothar & BROWN, Colin. Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2000.

BOTELHO, Marcos. Sermão do Monte: sal da terra e luz do mundo. YouTube https://www.youtube.com/watch?v=Tm7K_mUrdEM

Subtemas e Subsídios

A gratidão pela nossa história

1 - A GRATIDÃO PELA AÇÃO DE DEUS NA HISTÓRIA – ESTUDO DO SALMO 106

P. Dr. Roger Wanke, São Bento do Sul/SC

INTRODUÇÃO

O povo de Deus sempre foi chamado a agradecer. A gratidão é parte fundamental da vida de quem crê e busca a Deus. Ela é parte inseparável da fé. Ao rendermos graças, reconhecemos que tudo o que somos, temos e fazemos são, na verdade, dádivas de Deus e não apenas frutos do nosso esforço e trabalho. Ao agradecermos, damos toda a glória e a honra a Deus. Por isso, a gratidão é resposta da fé, diante do que Deus fez para o seu povo.

Infelizmente, o povo de Israel, no Antigo Testamento, nem sempre teve um coração grato ao Senhor. Muitas vezes, a amargura, a murmuração, a ingratidão e a infidelidade fizeram parte de seu relacionamento com Deus. Aliás, a ingratidão e a infidelidade de Israel são dois aspectos tristes da história do povo de Deus, que, inclusive, os levaram à idolatria e ao abandono da fé. Israel se esqueceu muitas vezes do Senhor e de suas dádivas. Até dá para dizer que Israel se esqueceu, que havia se esquecido de Deus.

Contudo, no livro de Salmos, encontramos muitas orações de gratidão. Todas elas agradecem a Deus e convidam a render graças pelos poderosos feitos do Senhor na vida e na história do povo de Israel. Neste sentido, encontramos na Bíblia um Salmo que nos convida a agradecer, mas ao mesmo tempo,

nos convida a reconhecer e a confessar nossa culpa e nosso pecado, justamente, por nos exortar contra a falta de memória diante do que Deus fez e faz em nossa vida. Queremos olhar mais de perto o Salmo 106, uma das orações de gratidão mais impactantes da Bíblia.

Na interpretação do texto bíblico vamos imaginar que ele tem rosto, pés, coração e olhos. Falar do rosto, pés, coração e olhos do texto bíblico é abordar a relação de pessoalidade entre texto e intérprete como princípio metodológico. Esse método foi desenvolvido por Hans Walter Wolff¹, o qual considerava o texto uma pessoa: O rosto do texto (aspectos da forma e gramática); Os pés do texto (aspectos do contexto histórico); o coração do texto (aspectos de seu conteúdo) e os olhos do texto (aspectos da contextualização do texto). Assim, interpretar é dialogar com o texto, assim como dialogamos com uma pessoa.

O ROSTO DO TEXTO

O Salmo 106 inicia e termina com a expressão hebraica “aleluia” (Louvai ao Senhor). O louvor assume, assim, a moldura deste salmo, que conclui a quarta parte do Livro de Salmos (Sl 90-106). Louvar ao Senhor significa reconhecer quem Ele é e o que Ele faz por nós. Esse pequeno detalhe é bem importante, pois não há gratidão sem reconhecimento do que Deus é e do que Ele faz. O Salmo inicia e termina dando, assim, a glória devida a Deus. Ele pode

1. Para saber mais, confira o artigo de Milton Schwantes, aluno de Hans Walter Wolff: A cidade da Justiça – Estudo Exegético de Isaías 1.21-20. In: Estudos Teológicos. São Leopoldo: Faculdade de Teologia – IECLB, 1982, nº 1, Ano 22, p. 5-48.

ser dividido em quatro partes principais: **a) Introdução** (vv.1-5): Título e convite ao louvor (v.1); Pergunta dirigida à comunidade (v.2); Bem-aventurança (v.3); Petição pessoal do salmista (vv.4-5); **b) Oração de confissão de pecados coletiva** (v.6): Assim como os seus antepassados, o salmista reconhece a sua ingratidão e infidelidade; **c) Lista de eventos da história do povo de Israel, nos quais há necessidade de reconhecer e confessar os pecados** (vv.7-43): no Egito (v.7); no Mar Vermelho (vv.8-13); no deserto (vv.14-15); no acampamento (vv.16-18), no Monte Horebe (vv. 19-23); na Terra Prometida (vv.24-43); no exílio entre as nações (vv.44-47); **d) Doxologia/Louvor final** (v.48).

Desta forma, o salmo 106 descreve a história de Israel desde a libertação da escravidão no Egito até a esperança de retorno dos exilados na Babilônia. Os eventos mencionados retratam a ingratidão e a infidelidade, a desconfiança e a desobediência do Povo de Israel em relação aos feitos poderosos e ao agir de Deus em seu favor. Enquanto na moldura do salmo está o reconhecimento e louvor ao Senhor (aleluia), no centro está uma das mais profundas orações de confissão de pecados da Bíblia.

OS PÉS DO TEXTO

O Salmo 106 é conhecido como um dos “salmos históricos” (cf. Sl 78; 105 e 136). Justamente, por seu conteúdo histórico, ele convida o povo de Israel a reconhecer os feitos e as dádivas de Deus em seu favor. Israel é um dos poucos povos da Antiguidade que deixou registrada a sua história. A Bíblia, inclusive, conta duas versões da mesma história. Uma vai do livro de Gênesis até 2 Reis, contando principalmente a história de Israel sob o ponto de vista de seu pecado, identificando qual foi a causa que os levou a perderem a Terra Prometida e a serem le-

vados para a Babilônia. A outra, se encontra nos dois livros de Crônicas, contando-nos a mesma história, mas sob o ponto de vista da esperança do retorno à Terra Prometida, após o exílio na Babilônia.

Nesse sentido, o Salmo 106, assim como os demais salmos históricos, se conecta principalmente com a primeira versão da história de Israel e, por isso, se torna uma oração coletiva de confissão de pecados. É o povo de Israel lembrando de sua história, confessando o seu pecado, sua ingratidão, sua infidelidade e idolatria e, assim, rendendo graças ao Senhor por sua bondade e misericórdia.

Provavelmente, esse salmo era usado como parte da liturgia de seu culto de arrependimento (cf. Ne 9.3-7). Israel é um povo que aprendeu a viver da memória dos feitos de Deus. Israel considera o seu pecado. Não esconde os seus erros. Ao mesmo tempo, na liturgia de arrependimento de Israel, a primeira manifestação é o louvor a Deus. Confessar a grandeza de Deus leva o povo de Israel a confessar o próprio pecado. Ser perdoado leva o povo a louvar a Deus. Assim é na vida do povo de Deus.

Por mencionar no final uma súplica para que Deus os congregue de entre as nações, isto é, do exílio, o Salmo 106 é datado do período após o Exílio Babilônico.

O CORAÇÃO DO TEXTO

Os vv.1-5 possuem semelhança com o Sl 104.31-35. O título no v.1 é idêntico ao Sl 107.1; 118.1; 136.1; 1 Cr 16.34. Além disso, o Salmo 106 pertence ao grupo dos Salmos de Aleluia (cf. Sl 111; 112; 113; 135; 146; 148-150). A partir do Salmo 136, pode-se concluir que esse verso era usado como responsório na liturgia do culto (cf. Sl 118.2-4). Assim, a comunidade se conscientiza no culto, por meio da liturgia, do que Deus faz. O salmista convida a comunidade ao louvor do



Senhor. A bondade (cf. Êx 33.19), a lealdade e misericórdia (cf. Êx 34.6-7) do Senhor são as razões deste louvor (v.1). A bondade e a misericórdia do Senhor são seus atributos, que fundamentam a sua aliança em favor do povo de Israel. O v.2 aponta para os atos e para o louvor de Deus, que são tão grandes, ao ponto de não haver quem os possa enumerar e anunciar (cf. Sl 40.6; 92.6, 104.24; 139.17; 150.2 – Dt 3.24). Os lábios humanos não são capazes de anunciar o que Deus faz. Isso já aponta aqui para a realidade pecaminosa do ser humano. O v.3 aponta para a felicidade e bem-aventurança de quem obedece ao Senhor. Esse aspecto aparece em Êxodo 19.5; Levítico 26.14ss.; Deuteronômio 11.27. Guardar o direito e praticar a justiça são as exigências éticas, que têm seu fundamento na aliança de Deus com o seu povo (cf. Êx 15.25; Js 24.25; Ez 18; 33; Dn 9.4). O v.4 é uma oração individual, pedindo que o Senhor se lembre do salmista e o visite com sua salvação. Essa oração individual encontra eco comunitário dentro do próprio salmo, no v.47 (cf. Sl 25.6-7). Experimentar a bondade e a salvação de Deus leva o salmista à alegria como resultado de sua súplica, no v.5.

No v.6 o salmista introduz uma longa oração de confissão de pecados coletiva. Ou seja, a geração que agora retorna do Exílio Babilônico reconhece os seus pecados nos pecados de seus pais (antepassados). Assim como a geração de seus antepassados, da mesma forma esta nova geração pecou e se afastou de Deus. Ela se tornou culpada de ingratidão e infidelidade. O pecado confessado pelo salmista é descrito por meio do afastamento do povo de seu relacionamento com Deus, pela culpa e iniquidade e pela rebeldia e perversidade do povo. Para deixar essa confissão mais clara, o salmista menciona a partir do v.7 até praticamente o final do salmo, eventos da história de seus antepassados, nos quais o pecado se tornou concreto. Cada uma das partes descreve o que Deus

fez em favor do povo de Israel, mas, lamentavelmente, descreve também como o povo foi ingrato e infiel em resposta ao que Deus havia feito por eles. Vejamos esses eventos em detalhes:

► **No Egito** (v.7): A oração de confissão de pecados inicia com os eventos do livro de Êxodo. O verso cita duas coisas que os antepassados não fizeram: eles se rebelaram contra Deus e não consideraram os feitos maravilhosos de Deus (cf. Sl 78.56; Êx 14.10-12). Israel não foi grato a Deus pela sua salvação.

► **No Mar Vermelho** (vv.8-13): A saída da escravidão do Egito teve como ápice o milagre da travessia pelo Mar Vermelho. Esse é o evento salvífico mais importante da fé judaica. Os versos apontam para o que Deus fez por eles: Deus os salvou, repreendendo e fazendo secar o mar, fazendo o povo passar em terra seca. Deus os livrou de seus inimigos. O povo de Israel até louva a Deus por isso, mas logo depois se esqueceram dos feitos de Deus no Mar Vermelho.

► **No deserto** (vv.14-15): Após terem atravessado o Mar, o povo de Israel passou a murmurar no deserto, mesmo Deus os tendo sustentado com o maná, água e codornas. Israel não foi grato a Deus pelo seu sustento em meio ao deserto. A cobiça tomou conta de seus corações.

► **No acampamento** (vv.16-18): Enquanto estiveram acampados no deserto, alguns do povo de Israel tiveram inveja de Moisés e Arão, seus líderes. Israel não foi grato a Deus pelos seus líderes. A inveja é como um fogo que pode consumir lideranças existentes na comunidade.

► **No Monte Horebe** (vv.19-23): O monte Horebe, também conhecido na Bíblia como monte Sinai, foi o local em que Israel recebeu de Deus duas dádivas muito importantes para

a sua vida e seu testemunho na terra prometida: as Leis (os Mandamentos) e o Culto (Tabernáculo). Mas Israel não foi grato a Deus pela sua Palavra e desprezou o relacionamento com Deus. Eles fizeram um bezerro de ouro e lhe prestaram culto. Israel se esqueceu de Deus e dos seus poderosos feitos de novo e caiu gravemente em idolatria.

► **Na terra** (vv.24-43): Quando entraram na Terra Prometida para vê-la como era e experimentar antecipadamente suas dádivas, o povo de Israel rejeitou a terra (Nm 13-14). Eles não queriam mais escutar a Palavra de Deus, nem confiar na promessa divina. Murmuraram mais uma vez e se tornaram perversos, comendo sacrifícios de ídolos (v.28), tornaram-se rebeldes ao Espírito do Senhor (v.33), não conquistaram a Terra Prometida como Deus lhes havia dito (v.34), misturaram-se com as nações, aprendendo suas práticas perversas e adorando os seus deuses. Israel derramou sangue inocente, tornou-se um povo idólatra rejeitando a Deus.

► **Entre as nações** (vv.44-47): Por causa disso, Deus os entregou ao poder das nações (v.41). A ingratidão e a infidelidade levaram o povo e Israel novamente para a opressão. Foram subjugados e abatidos. Os vv.44-47 descrevem tanto os eventos registrados no livro de Juízes, como também a realidade, séculos mais tarde, nos exílios assírio (722 a.C.) e babilônico (586 a.C.). Por fim, o salmo termina com o salmista lembrando das ações salvíficas de Deus (cf. Êx 3.7-9): Deus olha a angústia, ouve o clamor, lembra-se do seu povo por causa de sua aliança. Isso faz com que o salmista possas clamar: “Salva-nos, Senhor nosso Deus, e congrega-nos de entre as nações, para que demos graças ao teu santo nome e nos gloriemos no teu louvor” (v.47).

Como podemos ver, a ingratidão e a infidelidade levaram o povo a se esquecer de Deus, a ter cobiça, a sentir inveja uns dos

outros, a rejeitar a Palavra de Deus, os mandamentos de Deus e o culto a Deus. O Salmo 106, portanto, nos ensina a sermos gratos a Deus pela sua salvação (vv.7-13), pelo sustento que ele nos dá ao longo de nossa caminhada (vv.14-15), pelas pessoas que ele coloca em nosso caminho (vv.16-18), pela sua Palavra e seus mandamentos, bem como, pelo privilégio de nos encontrarmos com ele no culto (vv.19-23). Assim como a Terra Prometida era uma dádiva de Deus ao povo, podemos a partir do Salmo 106 agradecer a Deus por todas as dádivas que ele tem dado a nós (vv.24-43). O Salmo 106 também nos ensina a agradecer a Deus pela esperança que podemos ter nele (vv.44-48), porque ele é bom e porque a sua misericórdia dura para sempre (v.1). Assim, o Salmo 106 se torna consolo para um povo que tem problema de memória, pois é Deus aquele que se lembra (v.45) do seu povo e tem compaixão por causa de sua muita misericórdia.

OS OLHOS DO TEXTO

Ao celebrarmos em 2023 e 2024 o jubileu de 200 anos de presença luterana no Brasil, somos convidados a parar e refletir sobre a nossa história, nossa trajetória, assim como o Povo de Israel fez. Somos exortados a reconhecer o nosso pecado, que nos afastou de Deus e nos trouxe sérios “problemas de memória” como igreja.

1. O salmista pergunta: Quem poderá contar os feitos do Senhor? O que Deus tem feito ao longo da história da nossa comunidade, desde o seu surgimento? O que podemos enumerar dos feitos de Deus em nossa comunidade para agradecermos a ele?
2. O salmista confessou os pecados de seus antepassados como seus pecados. Ele se colocou no lugar do seu povo. Que pecados identificamos na

história de nossa comunidade e precisamos confessar diante do Senhor?

3. O salmista aprendeu com os erros de seus antepassados. Ao confessar os pecados, ele pôde agradecer a Deus e suplicar com esperança pelo futuro do seu povo. O que podemos aprender da história da nossa comunidade para continuarmos no presente e no futuro edificando nossa comunidade e crescendo de forma integral?
4. O avivamento de uma comunidade só acontece onde há arrependimento. O arrependimento, por sua vez, leva o povo de Deus à prática de ações concretas de gratidão (v.48), de justiça (v.3). Que ações concretas de gratidão a Deus e justiça você e sua comunidade estão dispostos a fazer? Que implicações elas têm para o planejamento missionário da nossa comunidade?

SUGESTÃO DE MÚSICAS

Há várias músicas de louvor e gratidão em nosso livro de Canto (LCI): 78 [A ti, ó Deus, fiel e bom Senhor]; 79 [Louvo, eu te louvo, ó Deus]; 84 [Te agradeço]; 125 [Salmo 106]. Além dessas, sugiro ainda uma música baseada no Salmo 106, gravada pelo Vencedores por Cristo. Link: <https://youtu.be/MzOAl9KPBzE>

ORAÇÕES

O saudoso P. Lindolfo Weingärtner nos deixou uma bela oração de gratidão:

“Hoje quero louvar-te, Senhor – quero agradecer-te por tudo que me fizeste. Tu me deste a vida, essa dádiva maravilhosa. Deste-me um corpo sadio que me permite trabalhar e agir, em busca de uma vida plena, realizada e feliz. Deste-me familiares

e amigos e a chance de conviver com eles em comunhão e amor. Dás-me uma tarefa a cumprir, e minha vida, mesmo que seja modesta, chega a ter alvo e sentido. Fazes-me conhecer e aceitar o evangelho de teu Filho Jesus. Perdoas os meus pecados por amor dele. Substituis os trapos de minha justiça própria pelo vestido branco de sua justiça. Ensinas-me a viver em sua comunhão, a amar os meus próximos e a servir-lhes com os dons que me deste. Fazes-me viver na comunidade dos que creem em Jesus Cristo e me guardas em Cristo através do teu Espírito Santo. Dás-me a esperança da vida eterna em teu reino. O teu amor e a tua fidelidade excedem o meu entendimento e enchem o meu coração de gratidão. Louvado sejas, Deus Pai, Filho e Espírito Santo” (Orações para a Família Cristã, 1990, p. 7).

SUGESTÕES DE LEITURAS BÍBLICAS

A Bíblia fala muitas vezes e de formas diferentes sobre gratidão. Além do Salmo 106, o livro de Salmos contém outros salmos de gratidão: Salmo 34; 100; 105; 107; 116; 117; 136; 138. No Novo Testamento, encontramos o famoso texto de Lucas 17.11-19, o qual narra que apenas um dos leprosos, curados por Jesus, retornou para lhe agradecer. O apóstolo Paulo também nos deixou várias exortações à gratidão: Colossenses 3.16-17; Efésios 5.19-20; 1 Tessalonicenses 5.18.

SUGESTÃO DE ATIVIDADES COM DIFERENTES FAIXAS ETÁRIAS

- a) **Para crianças:** No contexto da família, mas também no contexto do culto infantil, pode-se fazer o “Dia da Família”, no qual se tira um tempo para gratidão. Você pode programar a visita na casa dos avós e pedir que eles contem algo da história deles aos filhos. Se for com o culto infantil, pode-se fazer uma visita na casa de uma pessoa idosa e

pedir que ela conte algo da sua história de fé e/ou da história da comunidade. Você pode tirar um tempo para rever o álbum de fotos da família. Ao ver as fotos, você está trazendo à memória momentos especiais junto com a família. Pode-se também fazer uma “Caixinha da Gratidão”, na qual são colocados motivos de gratidão que serão levados como motivos de oração. Ou então, fazer uma “Árvore da Gratidão”, na qual se pendura folhas de papel com motivos de gratidão. A árvore pode ser colocada dentro da igreja e durante algumas semanas novos motivos de gratidão podem ser colocados.

- b) **Para jovens:** As mesmas sugestões acima se aplicam muito bem no contexto de pessoas jovens. Mas pode-se também programar um culto de louvor e gratidão e convidar o grupo de jovens para dirigi-lo.
- c) **Para adultos:** Promover uma “Noite de Testemunhos”, na qual se deixa espaço aberto para pessoas compartilharem seus motivos de gratidão. Lideranças e o presbitério da comunidade podem também trazer motivos de gratidão da comunidade. Sugere-se intercalar os testemunhos com músicas, leitura de salmos e orações.

2. ATÉ AQUI ME TROUXE DEUS - REFLEXÃO SOBRE O HINO LCI 470

Mus. Dra. Soraya Heinrich Eberle, La Ceiba/Honduras

Cada pessoa olha para o passado de uma forma distinta, e esse olhar também muda, dependendo de cada época da vida. Como você olha para o que já passou? O olhar sobre nossa *vida vivida* fornece o substrato para vivermos o presente e sonharmos o futuro.

Que diriam as pessoas imigrantes que chegaram ao Brasil há 200 anos, se lhes perguntássemos o que desejavam para o seu futuro? E em termos de fé, sonhariam elas com uma igreja estabelecida em território brasileiro, fruto de sua chegada e perseverança?

Há mais de 400 anos uma mulher escreveu uma poesia que atravessou o tempo. Um texto de cunho pessoal, uma declaração de fé e confiança em Deus. Essa mulher viveu com privilégios socioeconômicos. Ao mesmo tempo, fez da devoção pessoal a Deus o seu maior legado.

Abra o Livro de Canto da IECLB no número 470. Leia e absorva as estrofes do hino que denominamos *Até aqui me trouxe Deus*.

Este hino normalmente é cantado em celebrações do ciclo da vida (aniversários, bodas, jubileus), ou momentos cruciais e limítrofes, como enfermidades e sepultamentos. Há várias formas de olhar para este hino. Aqui, vamos sugerir algumas delas; quem sabe você e sua comunidade encontrem outras?

1. A AUTORA E SEU CONTEXTO

Ela é Ämilie Juliane, condessa imperial de Schwarzburg-Rudolstadt, nascida condessa de Barby. Nasceu e foi batizada em 1637 em

Rudolstadt (Turíngia/Alemanha), porque sua família aí se refugiou, fugindo dos horrores da Guerra dos Trinta Anos que assolava seus domínios. Era uma guerra que tinha num primeiro plano motivos religiosos, envolvendo vários países e muitas diferenças teológicas. Mas havia também disputas políticas e territoriais. Sangrenta e cruel, a guerra veio acompanhada de doenças, pilhagens e, além de provocar a morte, desalojou muitas pessoas. Esse foi o caso da família do conde Albert Friedrich de Barby e Mühlingen, pai de Ämilie.

Em 1641 ela perdeu o pai. Um ano após, a mãe. Foi acolhida por sua tia em Rudolstadt, cidade na qual havia nascido e viveu até o final de sua vida. Casou-se com o primo, o conde herdeiro Albert Anton von Schwarzburg-Rudolstadt. A seu lado, viveu um casamento estável, mas não sem dores.

A morte cercou sua história. Além de pai e mãe, perdeu irmãos e irmãs de sangue e de criação muito cedo. Perdeu a filha com apenas três dias de vida. Convém ter em mente essa permanência da morte na vida da condessa, para compreender o conteúdo de suas poesias e de sua devoção.

Em Rudolstadt se primava por uma excelente formação. A poesia tinha um papel especial naquela corte. Pode-se dizer que ela alcançou em Rudolstadt o papel que a música teve em outras cortes. Ämilie se destacava como poetisa. Ela foi praticamente contemporânea de Johann Sebastian Bach e sua obra é um pouco posterior à do grande poeta luterano Paul Gerhardt. Muitas de suas poesias foram publicadas ainda durante sua vida.

Como uma mulher chegou a ter tal espaço e visibilidade naquela época? Há alguns aspectos que colaboraram para isso. O primeiro é que ela fazia parte da nobreza. Dificilmente uma mulher ocupada com as tarefas da casa, campo ou oficina teria o tempo para dedicar-se à arte. O trabalho cotidiano era pesado demais! Além disso, tinha excelente formação. Mas o momento também era oportuno.

Desde o tempo da Reforma, no meio protestante surgiram várias mulheres como autoras de textos espirituais. Já no tempo de Ämilie Juliane, o pietismo crescente motivava muitas mulheres na produção textual. E não só isso, mas em determinados círculos pietistas mulheres assumiram tarefas de pregação da Palavra e liderança de comunidades.

O aspecto mais marcante, no entanto, era a devoção pessoal da condessa. Essa piedade individual é muito característica do período (chamada inclusive de *piedade barroca*). Ämilie recebeu impulso para escrever do poeta e jurista Ahasverus Fritsch, tutor de seu esposo. Fritsch era um adepto do pietismo luterano de Philipp Jakob Spener, o qual ele transmitiu a Ämilie. Também a literatura espiritual de edificação, típica do luteranismo desde metade do século XVI, estava presente naquela casa. E na vida cotidiana, havia momentos de oração e meditação pessoal. Suas poesias eram resposta às mais diversas situações cotidianas. Nasciam da fé vivida. Tudo a inspirava: uma visita, uma enfermidade, ou a gratidão por uma refeição.

Havia na condessa uma especial dedicação em preparar-se para a morte. Por isso, relata-se que ela mantinha, nos últimos anos de vida, as *Sterbebetstunden*, momentos de oração em preparação para a morte. Fazia parte de seu universo devocional um anseio, uma alegria pela morte. Isso porque ela representava o reencontro com Jesus e a saída do mundo de pecado. Um alívio e um ponto de chegada.

Durante um desses momentos de oração, em 3 de dezembro de 1706, aos 69 anos, a condessa deixou esta vida. Suas últimas palavras foram um grito de triunfo: “transformada!”, “transformada!”¹! A que se referia a condessa? Não se sabe, porém, a julgar pela forma como conduziu sua vida, é pouco provável que estivesse se referindo à sua herança, casamento, alguma doença... mas sim, que finalmente havia chegado à solução desse impasse que a vida terrena significava para ela, entre a gratidão pelo que vivia e o desejo de se encontrar com seu Salvador.

2. O HINO - ASPECTOS GERAIS

Há muita diferença entre escrever para a comunidade ou para a devoção pessoal. Quem compõe sabe disso – ou deveria levar isso em consideração. As poesias e hinos de Ämilie Juliane não foram escritas para a comunidade, salvo raras exceções. São expressões privadas, das quais desfrutava um pequeno círculo, e não eram material para o culto.

Por isso, suas poesias eram tão pessoais e intimistas, que chegariam a soar estranhas para nós. Está muito presente a linguagem em primeira pessoa, demonstrando uma relação afetiva com Jesus (*eu-tu*, informal no alemão). Aparece a figura da Noiva de Cristo e das Bodas do Cordeiro. Assim a autora se entende, chegando a denominar-se “Prometida do Cordeiro”. Isso explica as poesias relacionadas à morte: será, para ela, seu grande encontro com seu amado noivo. Da mesma forma, suas poesias fazem referência às feridas de Jesus (chagas). Essa linguagem pode ser chocante para nossos dias, mas era um aspecto comum da piedade da época.

1. A palavra em alemão *Aufgelöst*, (do verbo *aufösen*), além de “transformada”, ainda pode ter outras acepções, como encerrado, extinto, desfeito, dissolvido, reconstituído.

Da pena de Ämilie Juliane foram vertidas em torno de 600 poesias, todas submetidas à correção de Ahasverus Fritsch. Sua obra poética foi criativa e de mais alta qualidade artística. A condessa escolhia com cuidado quem iria musicar suas poesias e quais melodias seriam utilizadas. Diferentemente dos textos de Paul Gerhardt, para os quais somente mais tarde era criada a melodia, para ela a música era primordial. Com exatidão colocava as palavras nos pontos corretos, para dar-lhe a ênfase necessária e para que juntos, texto e música reforçassem a intenção e o aspecto teológico.

Ämilie Juliane mantinha momentos devocionais diários. A partir disso, surgiu a obra, impressa por Heinrich Urban em Rudolstadt, *Tägliches Morgen-, Mittag- und Abendopfer*². Em 1699, o hino *Até aqui nos trouxe Deus* aparece nessa publicação, sob o título (que é, portanto, o título original da autora), *Quartas-feiras após a refeição*. É provável, no entanto, que o hino já existisse há alguns anos.

Dentro do todo da obra, *Até aqui me trouxe Deus* é um hino, de certa forma, incomum, que chama a atenção pela temática; é possível dizer que ele parece leve demais³. Contém uma alegria pela vida terrena que não era habitual na autora. Somente a terceira estrofe deixa novamente transparecer o tema da morte. Alguns estudiosos levantam hipóteses: seria esse hino uma exceção, composta para o canto da comunidade?

A melodia sofreu alterações, especialmente no século XIX, quando houve uma grande revisão dos hinos na Alemanha e elementos rítmicos barrocos foram retirados. Outras melodias também foram usadas para esta poe-

sia, pois a métrica segue a chamada *estrofe luterana*, o que possibilita a adaptação a muitas melodias com a mesma estrutura.

A melodia que utilizamos no LCI parece pouco dramática e sem sobressaltos, em comparação com outras do mesmo período e hinos da mesma autora. Peter Sohren, autor da música, era um professor, *Kantor*⁴ e editor de hinários. Entre eles, um hinário muito importante: *Praxis pietatis melica*, de 1668, onde essa melodia apareceu pela primeira vez, para outro texto.

No pensamento teológico luterano do período barroco, desenvolveu-se uma teoria sobre o cuidado e socorro de Deus a cada criatura. O tema deste hino é a ação de Deus para com as pessoas que colocam sua confiança em Jesus Cristo e a ele permanecem fiéis até o final⁵. Ämilie se entendia como parte desse coro de pessoas fiéis e que desfrutavam da companhia de Deus.

A poesia é monotemática e não procura abarcar toda a Teologia. Essa concentração teológica Ämilie aprendeu de Spener, que aconselhava que as pregações fossem diretas e simples.

3. MEDITANDO SOBRE A POESIA

Leia outra vez a poesia da condessa Ämilie Juliane. Observe a organização das estrofes. Você percebe como nelas há uma sucessão de tempos (passado – presente – futuro)?

Temos diante de nós a versão em português da poesia que foi escrita originalmente em alemão. Nunca é fácil fazer uma versão; métrica, ritmo, acentos, expressão são pen-

2. Algo equivalente a *Ofertas/Sacrifícios diários da manhã, do meio-dia e da noite*.

3. Basta comparar com a outra poesia da mesma autora, LCI 332, *Quem sabe o termo desta vida?*. Considerar também as datas da melodia em uso para este hino, muito posteriores à poesia. Ver posteriormente a explicação sobre a estrofe luterana.

4. Na tradição luterana, o *Kantor* é o diretor musical de uma igreja, responsável pelos coros, organização e acompanhamento da música no culto e pela instrução musical da comunidade.

5. A chamada *Providentia Dei peculiaris*

sados para o idioma original. Por isso, vamos considerar que a versão em português é o melhor que pudemos ter, e realmente é muito boa. Mas, em algumas considerações, teremos que nos referir também ao original.

Cantemos a primeira estrofe:

*Até aqui me trouxe Deus;
guiou-me com bondade.
Ele amparou os passos meus
com graça e fiidade.
Até aqui me protegeu,
perdão e paz me concedeu,
conforto e alegria.*

Você observa a expressão *Até aqui*? Ela aparece duas vezes. Repetição, em poesia, sempre é ênfase. E isto ela faz olhando retrospectivamente, para o que já viveu. Nos verbos *trazer, guiar, amparar, proteger, conceder* está revelada a forma de ação de Deus na trajetória de quem nele confia. Trata-se quase de um catálogo⁶: é assim que Deus age! Então, é um convite a reconhecer a ação de Deus na vida, na caminhada. No original, a expressão *Até aqui (Bis hierher)* não aparece duas, mas cinco vezes na primeira estrofe, e mais uma vez na segunda!

Até aqui... esta expressão está claramente ligada ao texto bíblico que serve de motivação a todo o hino, que se encontra em 1 Samuel 7.12. Após uma vitória apertada na batalha contra o povo filisteu, Samuel buscou uma pedra (não uma pedrinha para guardar no bolso, certamente), a colocou a meio caminho entre Mizpa⁷ e Sem, como que dizendo: *aqui estamos, até aqui chegamos*. Em seguida, deu a essa pedra um nome: *Eben-Eser* (Pedra de Socorro), e disse as palavras: *Até aqui nos ajudou o Senhor. Até aqui*, na aceção de Samuel, referia-se a um espa-

ço geográfico (entre Mispa e Sem). Quando Amilie Juliane utiliza a mesma expressão, refere-se a um espaço temporal. No olhar retrospectivo sobre o tempo de vida, ela também diz: *aqui estamos, até aqui chegamos*. Mas se refere ao tempo, não a um local.

Agora, vamos cantar a segunda estrofe:

*Louvor te rendo e gratidão
por tudo que fizeste;
por toda a graça e proteção
que sempre, ó Pai, me deste.
Quero exaltar, meu Salvador,
o teu poder, o teu amor
com que me agraciaste.*

Já na segunda estrofe, se trata de gratidão por perceber a fidelidade de Deus. Essa estrofe remete ao Magnificat de Maria, relatado em Lucas 1.49 (*Quero exaltar, meu Salvador/o teu poder, o teu amor/com que me agraciaste*), demonstração consciente de louvor e exaltação ao dar-se conta dos feitos de Deus na própria existência. E esse aspecto é muito importante trazer para a vida cotidiana. As dificuldades diárias muitas vezes turvam o olhar, não permitindo perceber a graça de Deus. Cantar o hino é trazer esse *dar-se conta* para dentro do cotidiano, é atravessar o dia a dia com a memória das bênçãos vividas. Exaltar a Deus com gratidão pelo passado, pelo já vivido, é força e impulso para o cotidiano: também aqui e agora Deus está presente! Esse é o meio do caminho, até aqui chegamos.

E chegamos à terceira estrofe:

*Ajuda no porvir, Senhor,
com teu poder me guia;
revela o teu eterno amor
em dor e em alegria.
Confessarei até morrer:
Por Cristo, ó Deus, me hás de valer!
Somente em ti confio!*

6. No original, aparecem outros verbos: manter, alegrar, ajudar.
7. Mizpa era o local do qual o povo havia saído para lutar contra o povo filisteu. Leia desde o início do capítulo 7 de 1 Samuel.

A terceira estrofe é a consciência de que ainda há caminho a percorrer. Novamente é reconhecida a fidelidade de Deus no passado, e ela agora é impulso para o restante da jornada. É necessário, sim, parar de tempos em tempos para tomar fôlego, olhar para trás e perceber o percorrido, avaliar como seguir. Mas a jornada não para. E a poetisa reconhece: ele ajuda, como já ajudou antes (no original: *er hilft, wie er geholfen*). É nesse passado que se afirma o futuro. No cuidado já experimentado, a jornada segue. A presença e o cuidado de Deus vão conosco até o final, o passo derradeiro. A aspiração da poetisa para o que vem adiante é seguir confessando o cuidado e o amor de Deus, através de Cristo Jesus. Porque não basta começar bem, é necessário terminar bem.

A pedra Eben-Eser é o memorial do povo israelita. O hino é o memorial de Âmilie Juliane. Precisamos trazer à memória em nossa vida cotidiana o caminho que já trilhamos; dar graças a Deus pelo ponto no qual nos encontramos. E rogar pelo futuro.

Rumores de guerra e violência, pilhagens, mortes e luto, doenças dizimadoras da população, desespero, desorientação, migração, pessoas desalojadas e refugiadas. Nossos tempos têm muito em comum com os dias de Âmilie Juliane. No entanto, e ainda assim, podemos dizer: Até aqui nos trouxe Deus, guiou-nos com bondade. Quem sabe, seja tempo de você também fazer o seu memorial?

SUGESTÕES DE DESDOBRAMENTOS

1. Para crianças (pode ser adaptado para jovens e adolescentes):

Hoje vamos conhecer uma parlenda. Vocês sabem o que é uma parlenda? Talvez você até a conheça. Não sabemos quem a inventou; as parlendas passam de geração em geração e não se sabe ao certo onde e como surgiram. Vamos lê-la? (Tentar memorizar).

*O tempo perguntou pro tempo
Quanto tempo o tempo tem.
O tempo respondeu pro tempo
Que o tempo tem tanto tempo
Quanto tempo o tempo tem.*

A partir dela, vamos dialogar, partindo de algumas perguntas: De que assunto trata a parlenda? Como dividimos o tempo de vida que temos? Chamamos de presente, passado e futuro. Quanto tempo de passado você já tem? O que você sonha para o seu futuro? Já tem alguma ideia?

Vamos conhecer um hino escrito há muito tempo, lá na Europa, do outro lado do Oceano Atlântico. Foi escrito por uma condessa, e ela o escreveu porque percebia como Deus havia cuidado dela no passado. Então, no presente, ela está louvando e agradecendo a Deus, e pedindo que Deus cuide dela no futuro. Vamos conhecer esse hino e cantá-lo também? (*Cantar o hino com as crianças, ensinando e comentando estrofe a estrofe*)

Confeccionar uma linha do tempo de vida das crianças. Pedir que coloquem momentos especiais em que sabem/perceberam que Deus as acompanhava. Explicar que muitas vezes Deus nos acompanha através de outras pessoas, que nos consolam, abraçam, são amigas e nos protegem.

2. Para adolescentes e jovens:

Realizar o mesmo diálogo sobre o tempo sugerido acima para crianças, e apresentar o hino. Além disso, organizar um diálogo com uma pessoa idosa, com larga caminhada comunitária, para contar sobre o passado da comunidade de fé. E com uma pessoa do presbitério, para falar dos planejamentos e sonhos para o presente e o futuro.

3. Para adultos:

- Como este hino “conversa” com a

história da IECLB, neste momento de celebração dos 200 anos de presença luterana no país, e quando ainda sentimos os efeitos da pandemia Covid-19?

- Quais os impulsos que o estudo do hino traz a vocês, como comunidade de fé, para o futuro?

MATERIAL ADICIONAL

Músicas:

- Deus que renova (ou Até aqui chegamos, Deus) L: Felipi Schulz Bennert e M: Soraya Heinrich Eberle (este hino contém uma similaridade temática com *Até aqui nos trouxe Deus*, mas com uma roupagem contemporânea. Foi escrito no decorrer do primeiro ano da pandemia de COVID-19).



Aproxime seu celular do QR-Code ao lado e veja a execução do hino no YouTube

- *Até aqui nos trouxe Deus*, LCI 470 – Produção: Paróquia Matriz da IECLB.



Aproxime seu celular do QR-Code ao lado e veja a execução do hino no YouTube

- Comentário sobre o hino:



Aproxime seu celular do QR-Code ao lado e leia o comentário sobre o hino no Portal Luteranos

3. A HISTÓRIA DA IECLB E A HISTÓRIA DE NOSSA COMUNIDADE - UM SEMINÁRIO PARA A COMUNIDADE LOCAL

P. Me. Osmar Luiz Witt, São Leopoldo/RS

A fé cristã se funda em acontecimentos do passado. As pessoas cristãs confessam que Deus tem agido e age por meio da história humana. No testemunho das Sagradas Escrituras encontramos também o povo de Israel fazendo referência ao seu passado com Deus para expressar a sua fé: *“Meu pai foi um arameu prestes a perecer. Ele foi para o Egito, e ali viveu como estrangeiro com pouca gente; e ali veio a ser uma nação grande, forte e numerosa. Mas os egípcios nos maltrataram, oprimiram e nos impuseram dura servidão. Clamamos ao Senhor, Deus de nossos pais; e o Senhor ouviu a nossa voz e viu a nossa angústia, o nosso trabalho e a nossa opressão. E o Senhor nos tirou do Egito com mão poderosa, com braço estendido, com grande espanto, com sinais e com milagres. Ele nos trouxe a este lugar e nos deu esta terra, terra que mana leite e mel.”* (Deuteronômio 26.5-9)

Do mesmo modo, preservar a memória histórica sempre foi uma característica da fé cristã. O que Deus fez em Jesus Cristo, em sua encarnação, morte e ressurreição é decisivo para a confissão de fé no Salvador. Por isso, a Igreja cristã sempre se empenhou na preservação da memória do que aconteceu no passado. Os Evangelhos foram escritos para que se pudessem guardar os ensinamentos e as práticas de Jesus. O evangelista Lucas inicia sua narrativa com a seguinte informação: *“Visto que muitos já empreenderam uma narração coordenada dos fatos que entre nós se realizaram, conforme nos transmitiram os que desde o princípio foram deles testemunhas oculares e ministros da palavra, igualmente a mim pareceu bem, depois de*

cuidadosa investigação de tudo desde a sua origem, dar-lhe por escrito, excelentíssimo Teófilo, uma exposição em ordem, para que você tenha plena certeza das verdades em que foi instruído.” (Lucas 1.1-4)

Por sua vez, as primeiras gerações de pessoas cristãs buscaram guardar a memória formulando os “Credos”, nos quais temos a expressão de como professaram e vivenciaram a fé no Deus Triúno.

O tema do ano “IECLB. Igreja de Jesus Cristo” também nos convida a refletirmos sobre a nossa história enquanto Igreja de Jesus Cristo no Brasil. Estamos celebrando 200 anos de presença evangélica luterana no Brasil. Os primeiros imigrantes chegaram em maio de 1824, a Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Logo em seguida, em julho de 1824, chegaram imigrantes a São Leopoldo, no Rio Grande do Sul. Seguiram-se muitas outras levadas de imigrantes (conforme podemos ver na linha do tempo), das quais se constituíram Comunidades que perseveraram em sua fé.

Entre os elementos que ajudavam nessa preservação estavam a Bíblia Sagrada e o Catecismo Menor de Martim Lutero. Pessoas sem formação teológica formal, mas que eram eleitas pelas Comunidades, exerceram o papel de lideranças que ajudaram na preservação da fé evangélica de confissão luterana. Com elas também vieram os primeiros pastores e professores que ajudaram a reunir as Comunidades em Sínodos (a palavra Sínodo significa o caminho que andamos juntas e juntos).

As primeiras Comunidades enfrentaram os desafios do isolamento e da condição de minoria religiosa num Império que era ofi-

cialmente católico romano, conforme o artigo 5º da Constituição do Império do Brasil de 1824. Hoje, somos regidos e regidas pela Constituição de 1988, a qual prevê um Estado laico e liberdade religiosa para todos os credos. Nossos desafios para vivenciar e testemunhar a fé também são outros do que os que tiveram nossos antepassados em seu tempo. Mesmo assim, podemos aprender de seus exemplos e da sua perseverança na fé. A palavra do Evangelho de Jesus quer alcançar a nós como alcançou nossos pais e mães na fé. Mas, os desafios missionários de nosso tempo são outros e são nossos. A memória histórica será sempre inspiração e fonte de entendimento do tempo presente que Deus nos concede viver.

Para nos aproximarmos dos acontecimentos do passado e para crescermos na consciência de quem somos hoje, enquanto Igreja de Jesus Cristo no Brasil, vamos promover seminários de estudo e de convivência. Serão três encontros, cada qual com uma temática própria, mas também com a perspectiva de continuidade entre eles. Assim, caso alguém não possa estar em todos os encontros, poderá ter proveito na participação em um, ou dois. Uma possibilidade, para alcançar mais pessoas, seria a de filmar os encontros e produzir a edição de vídeos com os momentos mais significativos, os quais poderiam ser partilhados com os membros da Comunidade. Para isso, será necessária a concordância de todas as pessoas do grupo.

1º ENCONTRO

Assunto: A memória histórica em passagens das Sagradas Escrituras.

Material: Bíblia, folhas de ofício, canetas pincel, corda de varal e prendedores.

Objetivos:

- Oportunizar o contato com passagens bíblicas que se referem ao tema da memória histórica.

- Refletir sobre o lugar da história em nossa vida de fé.
- Celebrar, com gratidão, o agir de Deus no passado e no presente.

Saudação e boas-vindas

Hino e oração

Apresentação do tema

- Escolher algumas passagens bíblicas dentre as indicadas.
- Ler as passagens em conjunto com o grupo.
- Convidar para que transcrevam numa folha de ofício, em letras grandes, uma passagem escolhida (a mesma passagem bíblica poderá ser escolhida por várias pessoas).
- Fazer um varal com as passagens bíblicas.
- Convidar cada participante a comentar a escolha feita ao fixar o versículo no varal.

Versículos bíblicos:

Deuteronômio 26.5-9: a memória do passado ajuda a entender o presente.

Lucas 1.1-4: é preciso entender o que efetivamente aconteceu.

Lamentações de Jeremias 3.21-24: a memória do passado traz esperança de futuro.

Êxodo 28.6-14: as vestes litúrgicas ajudam na preservação da memória.

Salmo 102.12: de geração em geração permanece a memória do nome do Senhor.

Isaías 26.7-9: nossas almas anseiam pela justiça de Deus.

Mateus 26.6-13: guardar a memória das lideranças exemplares.

1 Coríntios 11.23-26: a memória do Senhor cria comunhão/comunidade.

Encaminhamentos para o próximo encontro:

- Estimular que cada pessoa busque contato com um familiar ou uma pessoa mais idosa que saiba contar alguns acontecimentos relacionados com a história da sua Comunidade. Anotar as informações colhidas e trazer para o próximo encontro.
- Reunir fotografias, recortes de jornal ou revistas que ajudam a preservar a memória histórica da Comunidade e das famílias que dela fazem parte.
- Visitar o cemitério e identificar túmulos históricos, bem como a fé que se expressa em passagens bíblicas ou inscrições nas lápides.
- Não é necessário que todas as pessoas façam todas as tarefas. Pode-se dividir o grupo para cada atividade.

Fazer uma avaliação breve sobre a experiência feita

Oração final e hino de encerramento

2º ENCONTRO

Assunto: A história de nossa Comunidade

Material: Alguns metros de papel pardo, cola ou fita para fixar e canetas pincel.

Objetivos:

- Reconstruir a história da Comunidade.
- Relacionar fotos, textos e testemunhos colhidos com a história da Comunidade.
- Reconhecer que a história é feita de pessoas idosas, jovens, crianças, homens e mulheres.
- Vincular, se possível, a história da Comunidade com a linha do tempo dos 200 anos de presença evangélica luterana no Brasil.

Saudação e boas-vindas

Hino e oração

Apresentação do tema

- Demarcar em papel pardo um caminho, no piso ou na parede, que representa a história da Comunidade.
- Quem conseguiu reunir as informações mais antigas pode começar depositando-as no início do caminho, explicando para as pessoas o que descobriu. Sempre que possível colocar ao lado de cada informação uma data para situá-la no tempo.
- Cada participante poderá trazer a sua contribuição. Uma pessoa de cada vez. Assim, todas tomam conhecimento das descobertas feitas.
- Se houver cópias dos textos, imagens e fotos pode-se afixar o papel pardo com o caminho percorrido pela Comunidade na parede da igreja ou do salão. Os materiais originais devem voltar para o lugar de onde vieram.

Fazer uma avaliação breve sobre a experiência feita

Oração final e hino de encerramento

Encaminhamentos para o próximo encontro

- Entrevistar pessoas que não são membros e ouvir o que elas sabem dizer sobre a Comunidade. Pode-se pensar em grupo e formular as perguntas que podem ser feitas.
- Escrever em uma folha quais memórias são significativas para mim na participação na Comunidade (p. ex., quem me ensinou a orar? Havia meditação ou leitura bíblica em casa? Quem me trouxe para o culto infantil? Quando a Comunidade se reuniu para um mutirão e o que foi realizado? Quais são os grupos dentro da Comunidade?..)

- c) Reunir receitas de alimentos que são tradicionais em nossa família e que estão ligadas à memória de nossos antepassados. Preparar um alimento para partilhar com o grupo.

3º ENCONTRO

Assunto: Preservar o passado e construir o futuro

Material: Alimentos preparados em casa, folhas de ofício, canetas pincel, quadro e pincel ou datashow.

Objetivos

- a) Contribuir para a consciência de que conhecer a história não é somente saudosismo, mas oportunidade para descobrir o potencial que pode ser posto a serviço da missão de Deus.
- b) Ajudar a entender que sempre há “altos” e “baixos” na história da Igreja. Há motivos de gratidão a Deus e há motivos de buscar o perdão de Deus.
- c) Fortalecer a compreensão de que a Comunidade/Igreja existe não para si mesma, mas para servir a Deus no mundo.

Apresentação do tema:

- a) Cada participante desenha quatro momentos significativos de sua história pessoal de fé (ou escolhe quatro palavras). Numa folha de ofício fazem-se duas dobras ao meio, formando duas linhas cruzadas, de modo a resultar

em quatro espaços onde se pode fazer um desenho ou escrever uma palavra escolhida.

- b) Após feitos os desenhos, deixar que cada qual compartilhe os momentos significativos de sua vida de fé (se o grupo for muito grande será necessário escolher algumas pessoas que se disponham a partilhar; ninguém deverá ser forçado a fazê-lo).
- c) Com base nos depoimentos, procurar caracterizar os elementos de nossa identidade confessional luterana que estão presentes (escrever num quadro ou projetar com datashow).
- d) Ouvir o resultado das entrevistas com pessoas não membros da Comunidade sobre o que dizem a nosso respeito.
- e) Refletir com o grupo sobre desafios para a Comunidade no lugar onde se encontra e propor algumas iniciativas viáveis de serem realizadas.

Segue-se uma refeição em conjunto partilhando os alimentos trazidos. Algumas pessoas poderão compartilhar informações sobre as receitas, tais como de onde elas vêm, em que épocas são servidas nas casas, quais memórias elas despertam, etc.

Fazer uma avaliação breve sobre a experiência feita

Oração final e hino de encerramento.

A identidade da IECLB e sua participação na missão de Deus hoje

1 - COMUNHÃO SOLIDÁRIA: A IDENTIDADE DA IGREJA E SEU PROPÓSITO SEGUNDO ATOS 2.42-47

Diác. Dra. Márcia Paixão, Santa Maria/RS

INTRODUÇÃO

Este texto tem por objetivo refletir acerca da identidade da igreja e a sua participação na missão de Deus hoje, a partir da perspectiva da teologia diaconal. O texto de At 2 será a base para o diálogo a respeito dos desafios atuais da igreja no século XXI. A proposta metodológica se centra em rodas de conversa que poderão mobilizar diversos grupos nas comunidades luteranas, nas escolas e nas instituições que se unem nessa proposta de ser sal e luz neste mundo. Este estudo traz elementos pedagógicos e teológicos que visam contribuir com o fortalecimento da ação transformadora da IECLB em seu contexto.

0 EXEMPLO QUE NOS IDENTIFICA

O texto de Atos 2 está ancorado nos ensinamentos de Jesus, na sua prática e na sua vivência cotidiana com as pessoas e que foram experimentados pelos discípulos e discipulas. Com base nisso, seus seguidores e seguidoras seguem testemunhando através de palavras e ações. O texto descreve a experiência vivida e a concretização da fé que é professada. É a partir desses ensinamentos vivenciados antes com Jesus que suas seguidoras e seguidores fazem agora o anúncio do evangelho, e este cresceu e se espalhou entre o povo. O texto enfatiza a prática e a vivência da fé no cotidiano, e esse é o aspec-

to fundamental para a igreja que professa a sua fé em Jesus. O exemplo deixado por Jesus nos identifica enquanto igreja ainda hoje. As seguidoras e os seguidores de Jesus registraram aquilo que de mais significativo ficou da experiência vivenciada com Jesus e que expressa os princípios éticos da fé e a importância de uma prática coerente, justa e amorosa. Atos 2 é o registro do exemplo de uma comunidade que seguiu os ensinamentos de Jesus e mostrou sua fé na ação cotidiana da vida das pessoas, fazendo o que o texto descreve/ensina.

A comunidade cristã tem a sua referência em Jesus Cristo: os seus ensinamentos e a sua ação. E ele foi mestre, pois a fé e a ação eram indissociáveis. Jesus foi o diácono por excelência. Vários são os textos bíblicos que referenciam esses aspectos: Mt 20.28; Mc 10.45; At 6; Mt 4.14-17; Mc 1.14-15; Lc 4.21-24; Lc 22. 24-30; Jo 13.12-17; Jo 8.1-11, entre outros.

É inquestionável para a comunidade cristã que Jesus seja o exemplo que nos identifica.

Os seis versículos do texto de Atos são muito elucidativos quanto à identidade da fé e à importância de mostrar na prática aquilo em que se acredita. É um texto descritivo e que guardou no registro escrito os detalhes das práticas diaconais e os momentos coletivos de fortalecimento da fé. Tem uma sequência de ações que descrevem as necessidades materiais e espirituais das pessoas sem colocar hierarquia entre elas.

O versículo 42 inicia ressaltando a perseverança nos ensinamentos de Jesus: comu-

nhão entre as pessoas, partilha do pão e a oração. Os exemplos que as seguidoras e os seguidores de Jesus deixavam no contexto onde estavam, anunciando o reino de Deus e ajudando as pessoas em suas necessidades, tornavam a comunidade unida e forte. Quem crê fica junto e tem tudo em comum, e, assim, fortaleciam a fé diariamente no templo e quando partilhavam o pão nas casas. O vínculo era fortalecido nesses encontros, no coletivo. Conheciam as realidades e as necessidades, porque se visitavam, se ouviam, se conheciam. Tratava-se de princípios básicos que Jesus ensinou e que essa comunidade fez. Vendiam suas propriedades e bens e repartiam o dinheiro entre as pessoas conforme as suas necessidades. O cuidado entre o equilíbrio das necessidades materiais e as necessidades da fé se expressa nesses exemplos descritos com muitos detalhes neste texto. A descrição é o retrato da primeira comunidade cristã que em muito nos desafia e desassossega ainda hoje.

O EXEMPLO QUE ENSINA

O livro de Atos foi escrito muito tempo depois da morte de Jesus, provavelmente, entre 80 e 90 d.C. O texto é o registro de uma experiência vivida a partir da perspectiva de quem escreveu, no tempo em que viveu. Lucas é considerado o autor do Evangelho de Lucas e de Atos. As ênfases de cada texto são diferentes, mas complementares. No Evangelho, Lucas apresenta o caminho, a trajetória de Jesus. Em Atos, o autor destaca o caminho da comunidade, isto é, a missão da igreja no mundo: a evangelização.

A igreja é chamada, é desafiada, é convocada a dar seu testemunho público anunciando o evangelho que liberta: a vida digna para todas as pessoas. E isso se faz na caminhada, em movimento, ouvindo as necessidades das pessoas e agindo. Em Atos, a comunidade se fortalece na fé e dá

testemunho, dá sinais concretos no cotidiano. Neste relato Lucas enfatiza o ideal da igreja, que, por sua vez, transforma também a sociedade. Essa transformação que o evangelho provoca, modifica a vida individual das pessoas, e as pessoas transformadas agem no mundo e vão alterar as relações de poder que mantêm as opressões, as explorações e as desigualdades nas relações sociais, políticas e econômicas. Justamente por alterar as desigualdades produzidas pelos sistemas de dominação é que este projeto comunitário e social não foi pacífico e nem bem aceito pela sociedade, nem pela da própria igreja, e não aconteceu sem conflitos.

O EXEMPLO QUE DESAFIA

É importante lembrar que o poder político e econômico na época de Jesus era romano. A dominação romana se deu por invasão e expropriação de terras, colonização da cultura, das crenças, dos saberes, escravização de povos, violências de todos os tipos, exploração e dominação econômica e política.

Este era o modo de ser da sociedade na época de Jesus. Um cenário de exploração total. Em termos contemporâneos, pode-se dizer que a colonialidade da dominação aconteceu por gênero, classe e raça.

Neste cenário, a proposta do evangelho que transforma as vidas, as relações e as estruturas sociais mexia com os grupos dominantes desta sociedade e não era bem-vista. Os interesses dos dominantes não se coadunavam com os ensinamentos de Jesus. O livro de Atos narra esses conflitos da igreja com o poder político e econômico romano. O texto de Atos 2 apresenta outro modo de relações pessoais e sociais completamente diferente do modelo opressor vivido até então pelas pessoas e pelo poder estatal da época. E por isso, esse texto é um exemplo que desafia ainda hoje. É um texto que mexe

em muitas áreas, sendo por isso polêmico no contexto da igreja e da sociedade.

O modelo, a referência de vivência da fé e da igualdade material e econômica que Atos 2 propõe substituiu a opressão do poder romano pela solidariedade, pela partilha, pela vida comunitária e coletiva, pela vivência da espiritualidade, pela partilha dos bens em prol da eliminação das desigualdades sociais e econômicas. A vida digna tinha a ver com essas vivências que as comunidades cristãs estavam experimentando e exercitando nas relações sociais cotidianas. Esse modo de ser não explorava ninguém. Ao contrário: libertava e colocava as pessoas no mesmo patamar de igualdade social e econômica. Sem dúvida, um exemplo que desafia e transforma, mas que incomodou os sistemas de dominação vigentes na época de Jesus (e que se mantêm até hoje).

A IDENTIDADE DA IGREJA E SUA PARTICIPAÇÃO NA MISSÃO DE DEUS HOJE

Esse tema perpassa toda a reflexão teológica acerca da identidade cristã nos tempos atuais. Atualmente, a Teologia, enquanto área do conhecimento, divide-se em três grandes núcleos: bíblico, histórico-sistemático e prático. O estudo da Teologia através das áreas contribui com a construção da identidade da igreja cristã hoje. As especificidades de cada área apresentam o cenário histórico, social e político da época de Jesus, a caminhada de fé do povo, as bases da fé e os desafios do testemunho público desta fé no cotidiano. São esses estudos aprofundados e contextualizados que chegam hoje até as comunidades com o intuito de fortalecer a fé, estabelecer os vínculos identitários e desafiar para a ação, para o testemunho público, a exemplo de At 2.

Minhas reflexões partem da Teologia Prática, especificamente da Diaconia. Na Teolo-

gia Prática estão o aconselhamento, a diaconia, a ciência das religiões, a missiologia, a edificação de comunidades, a educação cristã e o culto cristão. São temas trabalhados profundamente no estudo da Teologia com o intuito de ampliar o conhecimento, motivar a vivência da fé, entender os contextos, compreender a ética da fé para dar sinais/testemunho ali onde estamos. Todos os conhecimentos específicos reunidos apontam para a identidade da igreja cristã.

Atos 2 é um texto da Teologia Prática, mas que conversa com todas as outras áreas da Teologia por conter os princípios da fé e o seu testemunho, ou, como a fé se relaciona com a prática e na prática.

Nós temos um texto que foi escrito num contexto e numa época, a partir da perspectiva de Lucas. Na sequência, vem a pergunta sobre a missão de Deus hoje. E a missão é um grande desafio, pois traz a pergunta para o nosso tempo: é possível vivenciar At 2 hoje?

Precisamos analisar o tempo presente e tecer algumas considerações. Como nos ensina a teoria feminista (SAFFIOTI, 1987), temos três sistemas de dominação no mundo: o capitalismo, o racismo e o patriarcado. Esses sistemas têm refinado os seus modos de exploração e dominação ao longo dos tempos, e seguem produzindo as mais repugnantes formas de desigualdade e discriminação social nos dias atuais em todos os lugares do mundo. A fome, a pobreza, as doenças, o desmatamento, as guerras, a violência contra as mulheres, os ataques à democracia, a homofobia, o capacitismo, o racismo têm se tornado aceitáveis, coisa natural no nosso tempo através das ideias propagadas pelos sistemas de dominação. Mas isso não é natural, não é aceitável.

Desde os tempos de Jesus, temos um poder opressor instituído e que impede que

a proposta de At 2 se concretize. Transformar o mundo não tem sido fácil, nem dentro do contexto religioso e nem fora dele. Quais as alternativas para At 2 ser possível?

Penso que um diálogo com outras áreas do conhecimento é salutar para pensarmos alternativas. As Ciências Sociais têm pensado em alternativas potenciais contra a dominação e a opressão. O sociólogo Boaventura de Sousa Santos tem defendido a ideia de que “temos de transformar o mundo ao mesmo tempo que permanentemente o reinterpretemos; tanto quanto a própria transformação, a reinterpretação permanente é uma tarefa coletiva” (SANTOS, 2020, p. 9).

Boaventura defende a ideia de ações coletivas e sustenta que precisamos sair do circuito da lógica que nos diz que vivemos em crise, mas é necessário pensar e agir de forma crítica. E ressalta: “Numa época como esta, os que lutam contra a dominação não podem contar com a luz ao fundo do túnel. Terão de levar consigo uma lanterna portátil, uma luz que, mesmo sendo trêmula ou fraca, ilumine o suficiente para que sejam capazes de identificar o caminho como sendo o seu caminho e, assim, evitar acidentes fatais” (SANTOS, 2020, p.11)

O nosso mundo se encontra em crise profunda e as desigualdades em todos os níveis continuam assolando a vida das pessoas, impedindo que a dignidade seja para todas as pessoas. Esse é o cenário que temos. A partir de uma perspectiva crítica que está ancorada nos ensinamentos de Jesus e na prática de At 2, a igreja hoje precisa “transformar o mundo ao mesmo tempo que o reinterpreta”. Temos o exemplo nos textos bíblicos para essa ação. Atos 2 aconteceu no coletivo, trata de ações que prestavam atenção às necessidades das pessoas, fortaleciam a fé no coletivo e não se conformavam com a produção das injus-

tiças e destruições que o sistema romano produzia.

Como nos alerta Boaventura, teremos de levar uma lanterna portátil para iluminar o caminho.

Os ensinamentos de Jesus são a luz, mas somos nós que teremos que levar a lanterna para iluminar o caminho. Isso é ação, isso é testemunho público. A luz mostra as necessidades, as injustiças, a falta de direitos, os diversos sofrimentos, indicando que precisamos dar nosso testemunho para transformar estas situações de injustiças e de exclusões. Responder se é possível cumprir At 2 hoje não é algo simples nem fácil, mas não é impossível. Assim como nos mostra o exemplo do texto, as pessoas que seguiram os ensinamentos de Jesus se colocaram do lado e ao lado de quem sofria opressão e agiram, cumprindo os ensinamentos.

Entender e compreender os sistemas de dominação existentes e as formas como agem no mundo é tarefa da Teologia hoje. Dialogar com outras áreas do conhecimento para compreender como as opressões são produzidas e ensinadas no mundo é a tarefa da igreja comprometida com a vida digna e abundante oferecidas por Jesus a todas as pessoas.

LEVANDO A LANTERNA PARA ILUMINAR O PENSAR E O AGIR

Deixo algumas dicas para pensarmos na concretude de Atos 2 hoje. Os desafios são muitos, e segue a sugestão de continuidade de aprofundamento desta temática em outros momentos.

Com grupos de jovens

Ouvir a música *Outras frequências* (Engenheiros do Hawaii)

Conversa: Qual parte da música chamou a atenção? O que seriam as outras frequências de que a música fala?

Ler o texto de At 2. 42-47. Há alguma relação do texto com a música? Conhecem situações de injustiças, sofrimentos... no contexto onde vivem? Que sinais concretos podem deixar a partir do texto e da realidade?

Com grupos de pessoas adultas

Ouvir a música *O sal da terra* (Beto Guedes).

Assistir ao filme *Quanto vale ou é por quilo?*

Ler o texto de At 2.42-47

Impressões da música e do filme.

Relações com o texto bíblico.

Conhecem algum projeto da sua cidade que está empenhado pela vida digna? Podem fazer alguma parceria? Que sinais concretos podem assumir a partir da realidade de sofrimentos dentro e fora da comunidade?

Essas atividades são espaços de partilha necessários que as comunidades cristãs podem fazer hoje. Conversar, partilhar e perceber as injustiças, as exclusões e as discriminações que impedem a vida digna das pessoas é fundamental para que a igreja dê sinais onde ela está. Compreender que as formas modernas de dominação e opressão acontecem pelo capitalismo, pelo racismo, pelo colonialismo e pelo patriarcado e seguem excluindo as pessoas. Por isso, ouvir as pessoas, conhecer suas realidades e seus sofrimentos é a forma que temos de construir no coletivo outros modos de viver de forma justa. Atos 2 dá a dica! A ação evangelizadora é coletiva, acontece nesse mundo e precisará se reinventar.

Com grupos de crianças

Atos 2.42-47

UMA GRANDE FAMÍLIA (proposta elaborada pela Cat. Maria Dirlane Witt; Fonte consultada: Revista O Amigo das Crianças, edição

98, abril de 2022, p.16).

A notícia da ressurreição de Jesus animou e encorajou as pessoas a continuarem se reunindo nas casas para lembrar essa história. Foi assim que nasceu a igreja cristã. Ali, entre irmãos e irmãs na fé, as pessoas cantavam, oravam e faziam a refeição em conjunto. Essa refeição alimentava as pessoas e também rememorava a ceia de Jesus com seus discípulos.

Havia, nesse grupo, pessoas necessitadas. Quem tinha mais repartia com quem tinha menos. Ninguém passava fome ou necessidade.

Existem muitas maneiras de experimentar o cuidado de Deus na comunidade. Com Jesus, podemos aprender muitas delas, como: ouvir e levar uma palavra amiga quando alguém está triste; fazer uma visita a quem está doente; orar uns pelos outros; ajudar e receber ajuda quando for preciso; perdoar, receber perdão; cantar, celebrar e estudar a Bíblia juntos.

Participar da comunidade é tão especial que, no livro de Salmos, o salmista diz: “Como é bom e agradável que o povo de Deus viva unido como se todos fossem irmãos” (Salmo 133.1). Bom e agradável é quando Deus, através de nós, pode transmitir seu cuidado e seu amor para com todas as pessoas e a natureza.

Primeiro momento: Narre a história bíblica de Atos 2.42-47 para as crianças. Após a narração, peça que as crianças compartilhem as suas impressões. O que chamou a atenção na história? Será que é possível seguirmos o exemplo das primeiras comunidades cristãs? De que forma?

Segundo momento: Forme grupos. Cada grupo elabora e apresenta uma cena estática de algo que não está de acordo com a história narrada. Pode ser uma cena de desavença, de maltratar a criação de Deus, de alguém passando necessidade.

Terceiro momento: As demais crianças que assistem à cena podem modificá-la de acordo com os ensinamentos do texto bíblico, tornando-a acolhedora e amorosa.

Quarto momento: Converse com as crianças sobre a experiência.

REFERÊNCIAS

- DIAKONIA PROPHETIC-PRAXIS-AGIR. Caderno de Estudos The DOTAC Conference, Brasil, 1999.
- BÍBLIA SAGRADA. Edição Pastoral. São Paulo: Edições Paulinas, 1990.
- SAFFIOTI, Heleieth. O poder do macho. São Paulo: Moderna, 1987.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. O fim do Império Cognitivo: A afirmação das epistemologias do sul. Coimbra/Portugal: Edições Almeida, 2020.

2. CASA DE PEDRAS VIVAS: A IDENTIDADE DA IGREJA E SEU PROPÓSITO, SEGUNDO 1 PE 2.4-10

Mis. Lucia Roesel, Novo Hamburgo/RS

CONTEXTO

No ano 64 d.C., uma grande parte da cidade de Roma foi queimada. E Nero acusou um grupo de cristãos. Mais ou menos nesse mesmo período, os judeus da Palestina também se rebelaram contra os romanos. Tudo isso acabou em uma guerra no ano 66 d.C., que culminou com a destruição de Jerusalém e da nação judaica. A partir daí a perseguição aos cristãos se agravou.

Nero, além de perseguir os cristãos em Roma, foi provavelmente o responsável pelas mortes de Pedro e Paulo. O apóstolo Pedro escreveu a sua primeira epístola durante este período. Ele estava convencido que muitas pessoas cristãs iriam enfrentar essa nova onda de perseguição. Através da carta ele queria prevenir as pessoas a respeito da tribulação que se abateria sobre elas em breve. E queria encorajá-los a permanecerem fiéis.

COMO ENTENDER...

Pedro inicia a carta falando das bênçãos espirituais que eles tinham recebido, dizendo: Bendito seja Deus que nos regenerou para uma viva esperança, mediante a ressurreição de Jesus. Essa herança não pode ser destruída!

Pedro fala de pedras vivas. Ele diz que a fé deles era muito mais preciosa do que o

ouro refinado pelo fogo. É tão bonito quando Pedro diz, que, como cristãos, eles já tinham experimentado o quanto Deus é bondoso. Já entendiam na prática a graça de Jesus. Então, como crianças recém-nascidas, que desejam ansiosamente o leite da mãe, deveriam ter o mesmo anseio, o mesmo desejo pela Palavra pura de Deus. Lembrando que desejar não é só querer, é querer com todo o ser. Isso traz crescimento para a salvação, diz ele. Usando a metáfora de Ezequiel que comeu a Palavra de Deus (Ez 2-3), podemos dizer que, comer e se alimentar da palavra, da verdade de Deus não é apenas para aprender mais ou para adquirir mais conhecimentos, mas sim, para amadurecer na fé.

PEDRAS VIVAS

O termo “pedra viva” é uma citação do Antigo Testamento. Pedro anuncia que Jesus é a pedra viva agora. As pedras aqui se referem às pedras que eram moldadas e preparadas para serem usadas em construções. Nas construções antigas, a pedra da esquina era a primeira a ser colocada sobre a fundação, e só depois todas as outras pedras eram alinhadas a ela.

O que mais Pedro diz em relação a essa pedra? Que é preciso chegar-se a ela. Portanto, é preciso chegar-se a Jesus, a pedra viva. Chegar perto, muito perto, bem perto. Isso é imprescindível! Não receber a Jesus é o mesmo que rejeitá-lo segundo Jo 3.18 e Rm 1.18-23.

Jesus é a base de sustentação onde o alicerce das pedras vivas é assentado. A referência do versículo 6 é uma palavra linda, que se encontra em Isaias 28.16: “Assim diz

o Senhor: Eis que ponho em Sião uma pedra, pedra já provada, pedra preciosa, angular, solidamente assentada". Jesus era maior que a tradição que eles receberam de seus pais; maior que o templo em Jerusalém; maior que as tradições dos gentios com seus ídolos sem vida. A grande novidade é que agora existe uma nova casa de Deus, uma casa espiritual, da qual Jesus é a pedra angular. Ou seja, Jesus é pedra angular, a pedra viva da Igreja! E como é maravilhoso saber que os cristãos são parte do grande projeto da casa espiritual de Deus. Sendo assim, já que somos parte da casa de Deus, nosso olhar deve estar sempre voltado para essa pedra angular como nos diz Hebreus 12.2.

Para os que creem esta pedra é preciosa. A honra é para os que creem. A honra, o privilégio que nós temos é que, jamais nos envergonharemos do nosso relacionamento com Jesus Cristo e jamais tropeçaremos por causa dele. Aqueles que confiam em Jesus nunca serão envergonhados. Já os descrentes, aqueles que queriam adequar Jesus às necessidades deles, viram que isso era inútil. Mas, mesmo que ele não fosse o que eles esperavam, foi ele que Deus Pai escolheu para ser o fundamento da sua obra eterna.

GERAÇÃO ELEITA

Pedro segue dizendo: - "Vocês, porém, são..." É o versículo que mostra a diferença entre os que creem em Jesus Cristo e os que não creem. "São geração eleita..." Deus mesmo os escolheu. "São sacerdócio real". Os cristãos são transformados por dentro e por fora. "Nação santa..." Os cristãos são separados como instrumentos de Deus. "Propriedade exclusiva". Ele os adquiriu. "A fim de proclamar as virtudes daquele que os chamou das trevas para a maravilhosa luz..." Nós fomos transformados para que pudéssemos proclamar ao mundo as obras dele.

No Antigo Testamento, somente aquelas pessoas que nasciam de uma certa tribo podiam ser sacerdotes. Aqui, Pedro diz que todos os que nasceram de novo e fazem parte da família de Deus, ou seja, os cristãos e as cristãs, são sacerdotes e sacerdotisas, e têm o privilégio e a responsabilidade de oferecer a Deus sacrifícios espirituais. (Rm 12.1,2; Hb 13.15,16). "Agora alcançaram misericórdia". Embora merecêssemos ser condenados por causa da nossa incredulidade e pecado (Jo 3.18,36; Ef 2.1-3), nós não estamos mais debaixo dessa acusação (Ef 2.4-7). Somos pessoas salvas e convocadas a servir!

QUESTÕES PARA DIALOGAR

1. Como vimos, a proximidade com Cristo decide se seremos "pedras vivas" ou "pedras frias e mortas". Então podemos nos perguntar: Qual o nosso desejo de estar próximos a Jesus? Qual o nosso desejo de sermos transformados por ele? Qual o nosso desejo de sermos renovados por ele? Qual o nosso desejo de estarmos sendo preenchidos, sempre de novo, pelo Espírito Santo?
2. Uma pedra precisa ser lapidada e unida com o cimento para então poder ser encaixada numa parede, ao lado de outras pedras. Depois disso é que ela se torna o suporte para outras pedras e é suportada por elas. Isso é o que dá firmeza à construção. O que essa imagem diz a respeito de nossa vida comunitária?
3. A comunidade de Cristo é o templo onde Deus ele está presente, onde é possível receber perdão e experimentar reconciliação – com Deus, consigo mesmo, com os outros. Podemos testemunhar isso de nossa comunidade? Se alguém necessita experimentar

a graça de Deus – nós o convidamos para vir à nossa comunidade e o acolhemos?

4. Desde o Antigo Testamento é função sacerdotal mediar reconciliação, abençoar, interceder, anunciar a vontade de Deus e anunciar a sua palavra. Que desafios percebemos para a vivência do Sacerdócio Geral hoje?
5. Como tudo isso se aplica a nós, IECLB? Que desafios percebemos?

Dinâmica para crianças (elaborada pela Cat. Maria Dirlane Witt). Materiais necessários: pedras de vários tamanhos, papelão, canetinhas coloridas, tesoura.

Primeiro momento: No primeiro momento, coloque à disposição das crianças pedras de vários tamanhos e tonalidades. Peça que usem essas pedras para a construção de um poço, de uma ponte, de um muro, por exemplo. Após as diferentes construções, converse como se sentiram construindo com as pedras. - Foi fácil? Sentiram alguma dificuldade? Todas as pedras foram importantes?

Segundo momento: Num segundo momento, narre a história bíblica para as crianças, dando ênfase à pedra principal, Jesus, e a nós, pedras vivas.

Terceiro momento: E num terceiro momento, faça com as crianças um jogo de memória em forma de pedras. Você já pode levar as pedras cortadas. Isso auxiliará para que todas as cartas tenham o mesmo tama-

nho e formato. Convide para que formem pares com as palavras paz, bondade, amizade, solidariedade, amor, gratidão, perdão, cuidado, alegria, ou outras palavras importantes no contexto da reflexão. Caso no grupo haja crianças não alfabetizadas, as palavras podem ser substituídas por desenhos.

Como jogar o jogo de memória “pedras vivas”:

1. Misture e distribua as cartas sobre uma mesa, com os desenhos virados para baixo.
2. Faça o par ou ímpar para ver quem começa o jogo.
3. Cada participante vira duas cartas buscando um par igual.
4. Se a pessoa que está jogando consegue encontrar outra carta que tenha o mesmo desenho da que ela virou, recolhe as duas e joga outra vez.
5. No caso de a pessoa virar duas cartas com desenhos ou palavras que não são iguais, vira as cartas novamente com o desenho para baixo e passa a jogada para a pessoa que está do seu lado direito.
6. As cartas que formarem par são retiradas do jogo e conta como ponto para a pessoa que as encontrou.
7. Quem tiver o maior número de cartas escolhe uma das palavras e diz como ela pode ser colocada em prática para que nos tornemos pedras vivas.

3. A IDENTIDADE DE NOSSA COMUNIDADE NA MISSÃO DE DEUS: UM SEMINÁRIO PARA A COMUNIDADE LOCAL

P. Leonídio Gaede - Itati/RS

ANTES DO EVENTO

- 1) Designar e preparar três ou seis pessoas que atuarão como líderes durante o evento.
- 2) Providenciar o seguinte material: Um guarda-sol; quanto maior, melhor; cadeiras que possam ser dispostas em forma de barco; pano ou papel para encapar as cadeiras, dando-lhes aparência externa de barco; material para confeccionar bandeirolas (vareta, papel rígido claro colado sobre papelão; canetas pincel atômico; recurso para fixar o papel/papelão nas varetas: cola quente ou percevejo); panos, papéis, pequenos objetos, frascos, pedaços de madeira, barbantes arames, cola, tesoura em quantidade suficiente para o público previsto, e em uma variedade suficiente para a confecção de bonecos e bonecas. Quanto mais material houver, quanto mais diversidade houver, tanto mais rica será a experiência.
- 3) Ao público deste seminário será disponibilizado tão somente o ANEXO Histórica.

INTRODUÇÃO

A igreja de 200 anos que hoje se chama IECLB, compreendida como comunidades locais e organismos regionais e nacionais de direção administrativa e promotora dos bens

da igreja – Evangelização, Comunhão, Diáconia e Liturgia não é uma unidade formada, mas uma unidade em movimento. Neste seminário vamos trabalhar metaforicamente com esta realidade. Partimos de uma compreensão positiva desse modo de ser igreja. O fato de estar em desenvolvimento produz movimentos sentidos, pelo menos às vezes, como abalos sísmicos. São, porém, processos de formação. Vamos trabalhar com a ideia de quatro personagens, ou seja, dois casais. Eles se chamam Cultivo e Cultura, Sal e Luz. As dinâmicas propostas pretendem ajudar a criar pontos de relação – com sentido de semelhante e diferente – entre os personagens e a realidade da comunidade.

Propõe-se um estudo sobre o jeito de ser IECLB representado pelas comunidades locais. A inspiração é a ideia de voluntariado, presente de forma diferenciada no imaginário de membros da igreja. A força voluntária é comparável a um cabo de guarda-sol do qual partem raios em todas as direções. Estes mantêm estendida a lona da sombra protetora. Esses raios representam dedicação a uma causa por motivações diversas. O que seriam esses raios? No presente estudo o nosso guarda-sol, a nossa tenda, tem três raios de dedicação:

- 1) Há quem se dedica simplesmente porque “é necessário”. Conta-se que no antigo Egito, por exemplo, era necessário que um viajante pobre, que chegasse à margem de um rio, recebesse ajuda sem custos para atravessar. Também na sociedade romana, dividida entre aristocratas, cavaleiros e plebeus, havia regras de suprimento de necessidades para que todos “fossem felizes”. Isso simplesmente era

necessário. Encontramos mais informações sobre isso, digitando no site de busca *História do Voluntariado no Brasil e no Mundo* (www.aedb.br). Em sua comunidade, existe motivação para esse tipo de dedicação?

- 2) Há quem se dedica porque “uma mão lava a outra”. A palavra grega *filía* expressa mais ou menos uma forma de amar, compreendida como busca de retribuição (Tg 4.4). A famosa frase “é dando que se recebe” também pode retratar isso. No estio da tenda do voluntariado em sua comunidade existe esse raio de dedicação?
- 3) Há quem se dedica porque se guia “pelo amor de Cristo”. Na língua grega a palavra *agápe* parece definir o amor compreendido como via única, sem retorno. Segundo esta compreensão, não é assim que uma mão lava a outra, mas que uma mão não fica sabendo o que a outra faz (Mt 6.3). Em sua comunidade existe esse tipo de dedicação? Quantos raios tem o cabo da tenda do voluntariado em sua comunidade?

PRIMEIRO PASSO

Assim como os discípulos de Emaús (Lc 24. 13ss) fizeram uma caminhada esclarecedora, pois suas mentes foram se abrindo para a compreensão do momento histórico pelo qual passavam, assim também neste estudo os grupos vão conversar e alguém vai se juntar a eles na conversa. São as pessoas designadas como líderes neste estudo.

O ANEXO **História** será lido por um, três ou seis grupos, dependendo do número de participantes do evento. Em caso de um ou três grupos, haverá três líderes. Em caso de seis grupos, haverá seis líderes. Os líderes serão previamente preparados para a sua função. Cada líder representará um dos três raios acima descritos. Em caso de seis gru-

pos, haverá dois líderes para cada raio. Eles atuarão em forma de rodízio, girando pelos grupos de tal forma que cada um dos três raios passará por todos os grupos. Os líderes garantirão que a dimensão de seu raio seja considerada na conversa do grupo.

No momento da leitura do ANEXO **História** pelos grupos, as pessoas destacadas como líderes garantirão que as características dos personagens, conforme se descrevem abaixo, sejam relacionadas com os raios de dedicação que os líderes representam. Cuidarão ainda que não seja antecipada a temática que virá no SEGUNDO PASSO.

Raio 1 – Faz-se porque é necessário

fazer: A natureza do personagem Cultivo é o trabalho. Ele se dedica, presta serviço, faz, executa, produz. A Cultura vai adiante, vai além disso. Ela considera a Safra importante; Cultura quer resultado. Para ela a Safra é a razão de tudo. Ela também pensa na questão do “como fazer”.

Raio 2 – Faz-se porque uma mão lava a outra: Sal, por seu lado, é um personagem que quer agir altruisticamente. Não quer que suas ações sejam badaladas. A mão esquerda não deve saber o que a direita faz, pensa ele (Mt 6.1-4). Ele, porém, espera que suas ações impactem, tenham um efeito manifesto na comunidade. Com isso se sente recompensado.

Raio 3 – Faz-se pelo amor de Cristo:

Luz tem uma natureza envolvente. Veio para esclarecer, para clarear. Nesse sentido, é pretenso. Não pode ver um lugar escuro. Luz sempre intervém. Não deixa como está. Age e interage com todos: em casa, na oficina, com o Fornecedor, o Cliente, o Cultivo e a Cultura.

TAREFA 1 – Primeira Leitura da História (ANEXO), com o rodízio dos três líderes.

SEGUNDO PASSO

Agora os grupos partirão para a tarefa seguinte que é uma segunda leitura do ANEXO **História**, fazendo, após cada item lido, uma pausa para conversar sobre as perguntas abaixo. Os líderes farão as perguntas, observando a numeração correspondente ao item lido.

1 - Casais: Vocês conseguem perceber diferença entre o que a filha Safra significa para Cultivo e Cultura e o que o filho Cliente significa para Sal e Luz?

2 - Represa: Para a nossa comunidade, o que poderia ser uma festa que faz pessoas atravessarem represas?

3 - Tenda: Se o lado de cá da represa é a vida particular e o lado de lá a vida comunitária, vocês conseguem descrever a motivação de Cultivo e Cultura para investir no lado de lá?

4 - Equipamento:

4.1 - Iluminação: Como está a “instalação elétrica” em nossa comunidade? Qual é a clareza que temos e de onde vem a clareza que nos ajuda a levar adiante a vida e a obra comunitária?

4.2 - Utilização: A nossa comunidade está fazendo bom uso de suas construções (templo, salão, etc.)? Os espaços são adequados para qual função?

4.3 - Significação: Nossa comunidade está nos oferecendo oportunidade de nos recuperarmos das canseiras da vida? Está renovando nossas ideias para “andar em novidade de vida” (Rm 6.4)?

5 - Oficina: Em nossa comunidade existem lideranças importantes como Sal e Luz, que confundem ou misturam vida particular com vida comunitária?

6 - Conversas: Como está o serviço diacônico de nossa comunidade? Podemos comparar a conversa de Cultivo e Cultura, Sal e Luz com Gálatas 5. 13-15 e a nossa comunidade?

7 - Complementos: Vocês já convidaram alguém para ajudar na comunidade e receberam como resposta a pergunta “o que eu ganho com isso”?

8 - Travessia:

8.1 - Utilização: A Palavra de Deus em Mt 5.13-14, “vocês são o sal da terra” e “vocês são a luz do mundo” pode fazer sugestões de melhora para a nossa comunidade assim como Sal e Luz sugeriram para a Tenda de Cultivo e Cultura?

8.2 - Iluminação: Como é a energia nos momentos de trabalho em nossa comunidade? O clima é tenso? É descontraído? É alegre?

8.3 - Significação: Que tipo de interesse nossa comunidade está despertando nas pessoas? Em que tipo de pessoas?

TAREFA 2 – Segunda Leitura da História (ANEXO) respondendo as perguntas dos líderes, descritos acima.

TERCEIRO PASSO

TAREFA 3 – Confecção de bonecos

Os participantes do Seminário terão um tempo para, individualmente, em dupla ou grupo, criarem um boneco ou mais, a exemplo de Cultivo e Cultura, Sal e Luz. *As criações deverão ter nome, profissão, gosto, preferência, convicção, esperança, plano, tristeza, frustração, sonho, conquista, realização, dom. Se forem, mais que um, deverão esclarecer a relação existente.* Os bonecos criados poderão confirmar, questionar, complementar, modificar a realidade de qualquer um dos quatro personagens do ANEXO **História**. Evidentemente os partici-

pantes do evento levarão em conta a realidade de sua comunidade.

Concluída a tarefa, os bonecos serão expostos e apresentados por seus criadores e suas criadoras. A coordenação dará tempo e incentivo para que seja contemplada a parte da orientação que está em itálico no parágrafo acima.

QUARTO PASSO

TAREFA 4 – Dinâmica do barco

No quarto momento os grupos preparam a travessia do Rio da Represa, levando para a Tenda o essencial para todos os personagens do dia: Cultivo, Cultura, Sal, Luz, os bonecos criados e os participantes do seminário.

Dispor cadeiras na forma de barco com os assentos voltados para dentro. Encapar as costas das cadeiras, rodeando-as com papel pardo ou pano, imitando o casco do barco. Esta tarefa poderá ser iniciada com a leitura do livro de Jonas. Os participantes do evento deverão simular uma travessia do Rio da Represa, preparando uma carga do que será necessário levar para a cabana. Sobrecarga faz o barco afundar, por isso é preciso restringir a quantidade de itens, criando a necessidade de deixar algo para trás. Os itens podem ser objetos carregados de simbologia, como uma Bíblia, documentos, instrumentos, etc., ou ideias que afloraram durante o dia. Tudo tem o mesmo peso. Na medida em que as pessoas participantes vão definindo ideias que devem atravessar a represa para chegar à tenda, elas deverão ser escritas num papel que, fixado em uma vareta, se tornará uma bandeirola. Os participantes sentam no barco e tiram foto com as suas bandeirolas.

Após o desembarque, as bandeirolas, os objetos simbólicos e os bonecos serão dispostos sob o guarda-sol TENDA, que ocupará lugar central na celebração final do encontro.

ANEXO: História

1 - Casais

Era uma vez um casal que se chamava Cultivo e Cultura. O casal se acertava bem em tudo o que fazia. O Cultivo fazia bem à Cultura e esta dava sentido ao Cultivo. Essa interação apontava para a chegada da filha Safra. Havia, porém, a consciência de que Safra não dependia unicamente de Cultivo e Cultura. Existia a atuação de outras forças. A vinda de Safra relacionava-se também com forças e recursos alheios ao Cultivo e à Cultura.

Em certo dia, Cultivo e Cultura conheceram o casal Sal e Luz. Não sabiam explicar bem por qual motivo, mas houve uma atração entre os quatro, e passaram a se encontrar. Cultivo e Cultura tinham uma boa sintonia entre si, se relacionavam muito bem, pareciam depender um do outro. Entre Sal e Luz era diferente. A sintonia da relação acontecia no resultado do seu trabalho para o filho Cliente. Vibravam quando suas ações produziam satisfação em Cliente.

Talvez as diferenças tenham unido os dois casais. Parece que os quatro sintonizaram na ideia de que suas diferenças eram complementares.

2 - Represa

Em certo domingo, um mesmo evento moveu os dois casais numa mesma direção. Atravessaram o Rio da Represa e se encontraram. Depois de alguma conversa, Cultura disse: “Moramos relativamente próximos e só nos conhecemos hoje”. Luz respondeu: “Pois é, ainda bem que uma festa nos fez atravessar o rio”. Os dois casais moravam do mesmo lado do rio e, curiosamente, foram se conhecer do outro lado.

3 - Tenda

Cultivo e Cultura tinham sua residência bem constituída do lado de cá do rio, em meio a bons vizinhos e aos conhecidos problemas que a vida em sociedade traz. A ideia de Safra os movia para o lado de lá. Este fato não permitia que resumissem sua vida ao lado de cá. Passaram a investir no outro lado. Cultivo e Cultura tinham um nome a honrar, e isso só acontecia junto ao campo no lado de lá. Planejaram então construir ali uma tenda. Isto favoreceria sustento e crescimento. Cultivo e Cultura queriam, porém, viver próximos não só na cidade, mas também no lugar que lhes parecia a razão de sua própria existência. Assim como Cultura não conseguia se imaginar vivendo sem Cultivo, este tinha consciência de que devia a sua existência à Cultura. Desta forma, surgiu o plano da construção da tenda no lado de lá do rio. A ideia da tenda refletia a maneira de pensar do casal.

4 - Equipamento

A discussão a respeito da tenda se aprofundou. Cultivo e Cultura sentiram a necessidade de conversar sobre recursos e equipamentos. Enquanto Cultivo argumentava em favor de recursos e utensílios, Cultura apontava para a necessidade de haver critérios de escolha. Assim estabeleceu-se um importante diálogo sobre assuntos pertinentes, não só ao bom funcionamento da tenda, mas também aos princípios que a manteriam:

1) *Iluminação*. Cultivo e Cultura logo conseguiram acordo num ponto: a tenda precisa de claridade. “Nela precisamos realizar atividades que exigem uma boa visão. Seleção de sementes e dosagem de fertilizantes são atividades que não se realizam na penumbra”, disse Cultivo. Cultura acrescentou que, como tudo na vida, a iluminação pode trazer o bem ou o mal. Lembrou que a claridade na

noite pode atrair insetos e afugentar animais que oferecem risco. E acrescentou: “A natureza precisa de claridade e de sombra para se desenvolver. Para descansar precisamos da sombra da tenda ou da noite e para agir precisamos da claridade do sol de todas as manhãs”.

2) *Utilização*. Levando em consideração o argumento de Cultura, a conversa se estendeu para o assunto da utilização da tenda. Cultivo alegou a necessidade de usar o ambiente para manter uma reserva de insumos. “Não que eu queira usar a tenda como depósito de grandes estoques, mas é preciso se precaver”, disse. Cultura complementou dizendo que o tipo de uso ajuda a determinar o sentido da tenda e tem implicações para como será o sistema de fechamento. Disse: “Se quisermos a tenda só para nos abrigar do sol e da chuva, ela não precisará de portas e janelas com trancas”. Depois acrescentou: “Isso será preciso se quisermos guardar insumos e utensílios”.

3) *Significação*. Assim o diálogo foi abrindo o leque do significado da tenda. Inicialmente, Cultivo e Cultura nem tinham se dado conta disso: a tenda passaria a ter um enorme significado para a vida dos dois. Afinal de contas, precisariam ali se alimentar para recobrar as energias, precisariam ali repousar para a renovação de suas forças. A tenda seria também ponto de partida para as obras de Cultivo e Cultura. Além disso, toda a dedicação à tenda não anularia a necessidade de planejar a continuidade da residência na cidade, onde de bom estavam os vizinhos e de ruim a constante preocupação com furtos e roubos, noticiados todos os dias.

5 - Oficina

Para Sal e Luz o local de vida era o prédio no qual residiam e tocavam uma oficina mecânica para automóveis. O casal tinha

concebido essa forma de construção, juntando residência e salas comerciais, pensando que Luz poderia atender na recepção e mesmo assim permanecer próxima aos locais dos afazeres domésticos. Sal também ficaria próximo à Luz porque o local de trabalho de ambos ficava lado a lado. A criação de Cliente seria feita em conjunto. Entre o casal haveria apoio mútuo e a satisfação do Cliente estaria garantida pelo bom atendimento dos proprietários. Além disso, existiria a vantagem de, no horário de expediente ou fora dele, Sal e Luz serem encontrados pelo Cliente, sendo o caso de ele precisar, em algum momento, de socorro, como um resgate à margem da rodovia, já que ele estaria, muitas vezes, na estrada. Luz, inclusive, frequentara alguns eventos de formação visando ao bom atendimento e, sem sombra de dúvidas, estava muito bem preparada para desempenhar as tarefas na recepção e no atendimento. O contato frequente com fornecedores também já lhe trouxera bom conhecimento na área das peças e dos assessorios do setor automotivo.

6 - Conversas

Como costuma ser, desde o dia em que Cultivo, Cultura, Sal e Luz se encontraram na festa, um casal passou a ser assunto na conversa de outro. Certo dia, Sal confessou para Luz que estranhava o relacionamento de Cultivo e Cultura com a Safra. “Tenho notado que é a Safra que os deixa realizados”, disse. “No nosso caso”, continuou, “quem se realiza é o Cliente, quando lhe entregamos em perfeito estado aquilo que estava estragado”. “E disso vem a renda com a qual vivemos”, acrescentou Luz. E Sal disse: “É claro, Luz, também temos gosto e realização pessoal quando conseguimos servir o Cliente”.

Cultivo, por seu lado, tinha a consciência de que a sua estreita ligação com Cultura confundia o próprio sentido da vida com o

sucesso de Safra. A boa Safra os compensava e deixava plenamente realizados. Quase num gesto de autodefesa, Cultivo comentou com Cultura sobre Sal e Luz: “Os dois também se realizam pessoalmente quando o Cliente fica satisfeito”. “Sem dúvida”, respondeu Cultura, “Luz e Sal satisfazem o Cliente, e saber que fazem isso dá sentido à vida deles”.

7 - Complementos

Apesar da forma camuflada, os dois casais faziam *mea-culpa*. Cultivo e Cultura reconheciam que viviam em função de Safra. Percebiam que havia algum problema nessa relação, onde Safra nada significava por si e para si, e tudo significava para Cultivo e Cultura. De outro lado estavam Sal e Luz, vivendo dia e noite, sem limite de tempo e espaço, dentro e acima da oficina, consertando o que estava estragado para os outros, onde Cliente significava tudo por si e para si, e quando o seu automóvel estava em pleno funcionamento, nada, além do que tinham pago por peças e mão de obra, os ligava ao Sal e à Luz.

8 - Travessia

Certo dia Sal e Luz foram visitar Cultivo e Cultura na cidade. Não os encontraram em sua casa. Sabendo, através de um vizinho, que tinham ido cedo para a tenda, resolveram visita-los do lado de lá.

1) *Utilização*. Sal e Luz se encantaram com a tenda. Surgiu-lhes aquela pergunta: “Por que não conhecemos isso antes”? Vivendo no espaço de trabalho e trabalhando no espaço de vida, sentiam a necessidade de experimentar um espaço diferente. Quase sem pedir licença foram emitindo opiniões e fazendo sugestões: “Por que não abrir a tenda para quem quer aprender com vocês?”, disse Sal. E Luz completou: “Aqui tem muito

espaço para ensinar e aprender”. Cultura reagiu: “Se a intenção for realizar atividades de campo para melhorar nossa área e para ajudar quem está se preparando para atuar, então a tenda precisará também ser compreendida como um espaço de vida e que esteja em condições de receber e tratar bem as visitas”. “Com certeza passaremos um bom tempo de nossas vidas na tenda, e vamos encontrar muita gente nela”, acrescentou Cultivo.

2) *Iluminação*. Luz lembrou que viver em função de Safra não pode ser a plena realização para Cultivo e Cultura. “Vocês precisam ter vida independente de Safra”, disse. Por isso é necessário um ambiente iluminado, bom de se viver de dia e de noite. Havendo luz, não haverá somente claridade, mas também a energia que cria um ambiente em

condições de oferecer oportunidade para realizar atividades que necessitam de força. Isto são coisas que dão sentido à vida com ou sem o benefício de uma Safra.

3) *Significação*. Sal lembrou que uma tenda assim organizada poderá despertar interesses por ela que, como diz a Cultura, podem ser para o bem ou para o mal. “Nós, porém, estamos aí, inclusive para dar gosto ao que não tem gosto”. Sendo mencionada, Cultura quis logo manifestar-se: “Há quem esteja se preparando para atuar como nós”, disse. E Cultivo a interrompeu: “E também a nós interessa o diálogo com as novidades de cada dia e, para isso, é importante o intercâmbio com ideias e recursos, que não chegarão a nós se nos isolarmos em nossa tenda”. Cultura sorriu e disse: “Se não houver esse interesse, a tenda aberta nada significa”.

Nosso Compromisso com o Futuro

1 - OLHOS VOLTADOS PARA O FUTURO: A GRANDE COMISSÃO EM MATEUS 28.16-20

P. Dr. Renato Raasch, Curitiba/PR

As palavras que encerram o Evangelho segundo Mateus são determinantes para o que viria a ser a Igreja cristã. Nesses poucos versículos estão contidas declarações e orientações que serviram para nortear o caminho das pessoas que estavam junto com Jesus desde a Galileia até Jerusalém e que haviam testemunhado a sua morte e também a sua ressurreição. Aqueles homens e aquelas mulheres ao redor de Jesus eram pessoas que estavam experimentando uma reorientação de suas vidas a partir do Evangelho enquanto Jesus os estava conduzindo: ele havia inserido aquelas pessoas em seu discipulado. Algo novo iria iniciar após a ressurreição de Jesus. Aquelas pessoas dariam início a um movimento que se espalharia por todo o mundo! Mas naquele momento essas pessoas eram poucas, estavam ainda confusas com relação a tudo o que tinha acontecido em suas vidas e nem tinham noção do que estava pela frente. Para que elas não se perdessem em seu propósito de existir, Jesus lhes deu uma orientação decisiva quanto ao futuro. A Igreja que surgiria a partir daquelas instruções precisava ter clareza de quem realmente era e para que existia. É para essa bússola fornecida por Jesus que estaremos nos voltando agora para continuar a navegar.

A assim chamada *Grande Comissão* inicia em Mateus 28.16 apresentando o grupo dos discípulos e das discípulas de Jesus um pouco confuso. Eles estavam seguindo a ordem de Jesus de encontrá-lo no “monte que Jesus lhes tinha indicado” (cf. Mt 28.7), mas, enquanto alguns adoram Jesus ao vê-lo ressur-

reto, “alguns duvidaram”. Não sabemos em qual monte isso aconteceu, mas aquelas pessoas demonstram já de cara algo importante: disposição de obedecer às instruções de Jesus. E seria a partir de um monte de onde se pode olhar o horizonte amplo que Jesus iria conduzir aquelas pessoas a olharem para o futuro. Entre as pessoas que acolheram as instruções havia algumas que demonstraram obediência e fé reverente, outras que apenas obedeceram, mas estavam ainda confusas, hesitantes e em dúvida. Esse resumo final do Evangelho de Mateus parece revelar muito do que acontece até hoje em nossas comunidades. Um dos temas centrais do Evangelho já fica evidente desde o início da *Grande Comissão*: Jesus está chamando à obediência e à fé. Na sua origem a palavra fé (*pistis* no grego) pode significar tanto fé como fidelidade (*fides* no latim, de onde surgem nossas palavras *fé* e *fidelidade*). Quem caminha com Jesus é chamado a uma fé que é marcada por fidelidade a Jesus e ao Evangelho. Não é por acaso que Jesus se apresenta aos discípulos com uma palavra de “autoridade”.

Questão prática para sua reflexão: Você consegue perceber em sua vida e em sua comunidade essa relação entre ser uma pessoa cristã e ser alguém que demonstra fidelidade a Jesus em sua vida diária?

A ordem de Jesus é para que haja movimento: Ide! Ou melhor traduzido o particípio do grego: Indo, enquanto vocês forem, quando estiverem vivendo a vida de vocês. Essa é mais do que uma ordem no imperativo, trata-se de uma constatação de Jesus. Enquanto vocês estiverem colocando em prática minhas orientações, façam isso de tal forma que estejam presentes dois aspectos decisivos: batismo e ensino. Os discípulos e

as discípulas de Jesus iriam demorar um pouco ainda para compreender todo o horizonte que Jesus estava colocando diante deles. Para Jesus, no entanto, já estava muito claro que aquele grupo de pessoas iria ter de experimentar algumas superações de paradigmas e romper algumas barreiras (culturais, políticas, geográficas, sociais, étnicas). O alvo da missão seria para muito além daquilo com o qual estavam acostumadas e familiarizadas até aquele momento. Isso se tornaria fundamental para o desenvolvimento da missão: elas precisavam superar as limitações étnicas e alcançar todos os povos.

Questão prática para sua reflexão: Jesus quer que experimentemos o alargamento de nossos horizontes enquanto Igreja. Como isso se aplica de forma concreta no contexto de sua comunidade, ministério ou grupo?

Depois de orientar seus discípulos a olharem para além do grupo do qual fazem parte (naquele caso todos eram judeus da Galileia), Jesus lhes ordena batizar e ensinar. Esses dois verbos determinam a natureza do discipulado. Batizar significa inserir pessoas em um relacionamento radicalmente novo com Deus e receber a manifestação da graça reconciliadora concretizada em Jesus. Após essa inserção no relacionamento com Deus, inicia-se um longo processo de se tornar discípulo de Jesus. Isso ocorre quando aquelas pessoas que já têm uma caminhada de fé e de experiência com o amparo e presença de Deus conduzem outras a viverem o mesmo. Jesus destaca que o conteúdo do ensino a ser experimentado e repassado não é decisão própria e seleção do que parece agradável. Ele determina que deve ser “todas as coisas que lhes tenho ordenado”. Isso é muito importante no que diz respeito à essência da Igreja de Jesus Cristo: a Igreja é fiel aos ensinamentos de Jesus, mesmo que eles a confrontem como Igreja e confrontem a cultura

na qual a Igreja está inserida. Jesus espera que seus discípulos tenham aprendido que eles realmente serão o que foram chamados a ser quando viverem em fidelidade a ele. Batizando e ensinando. É assim que cumprimos a *Grande Comissão* na qual estamos inseridos a partir do momento em que somos batizados e chegamos à fé em Jesus Cristo. Assim surge a Igreja formada de pessoas que se tornaram discípulas de Jesus através das quais Deus está em missão neste mundo. Igreja nada mais é do que exatamente as pessoas que são batizadas e creem em Jesus e estão agindo através da ordem e capacitação de Jesus por meio do Espírito Santo.

Questão prática para sua reflexão: Quanto tempo, recursos e empenho sua comunidade investe em cumprir a Grande Comissão? Estamos mais envolvidos em manutenção ou em missão?

A parte final da *Grande Comissão* destaca que a missão de que Jesus incumbiu os discípulos para que realizem não cabe apenas a eles através de suas decisões, capacidades, estratégias, metas e interesses. O que é mais decisivo para realizar a tarefa que nos cabe nessa missão de Deus é a presença do próprio Jesus, assim como ele prometeu: “E eis que eu estou com vocês todos os dias.” Como Igreja que é fiel aos ensinamentos de Jesus, nós podemos estar certos da presença contínua e capacitadora de Jesus. Foi isso que ocorreu em Pentecostes, assim como nos apresenta Atos 2. Mais do que algo estático, ser um discípulo ou uma discípula de Jesus tem implicações para toda a vida e para a vida toda.

Quando lemos a *Grande Comissão*, estamos nos ocupando com a essência da Igreja. No entanto, nem sempre está claro para as pessoas o que a Igreja realmente é e para o que ela existe. São muitas e variadas as experiências que fazemos com aquilo que

chamamos de Igreja, algumas dessas experiências são boas e algumas traumáticas. Por estarmos envolvidos na igreja e termos nossas experiências com ela, muitas vezes são justamente essas experiências que determinam como entendemos o que é a igreja e qual a sua função e o seu propósito. Talvez pelo fato de estarem acostumadas com uma comunidade que presta certos “serviços religiosos”, muitas pessoas acham que a “igreja” é o local onde os recém-nascidos ou adultos são batizados, onde é feito o rito de confirmação e bênção matrimonial, onde se vai no Natal e na Páscoa, e que tem a ver com um prédio ou com pessoas reunidas em culto ou em uma festa... Na verdade, muita gente participa daquilo que chama de igreja sem nem mesmo saber porque, pois elas simplesmente herdaram dos pais esse hábito de “ir à igreja”. Mas a Igreja é muito mais do que apenas nossas experiências com as pessoas que dela fazem parte ou que formam uma instituição com um estatuto.

A Igreja estabelecida por Jesus tem um propósito bem claro para existir. E quem determina esse propósito não são os membros dela. Quem estabeleceu o propósito da igreja existir e nos chama a fazer parte desse propósito é o próprio Deus através de Jesus Cristo por meio do Espírito Santo. Por isso, quando falamos sobre Igreja e missão, nós precisamos nos voltar primeiramente para Deus e perguntar como ele mesmo vê o que é a Igreja em sua essência.

Ser parte da Igreja de Jesus Cristo é, antes de qualquer coisa, ser um discípulo de Jesus Cristo que vive sob sua autoridade. Por consequência, uma pessoa que se entende como discípula de Jesus sabe que é um agente da missão que o próprio Jesus desempenhou em seu ministério. Assim sendo, é para isso que a Igreja existe: para ser agente de Deus no mundo. Ser parte da Igreja é fazer parte do plano de Deus de

estabelecer sinais do Reino para salvar a humanidade e levá-la a se relacionar com ele.

Em cada novo momento da história, Deus chama os discípulos e as discípulas de Jesus para se perguntarem se estão sendo fiéis à missão que ele, Deus, nos confiou. Por isso, a Igreja é algo dinâmico, em mudança, na constante busca pela fidelidade a Deus, lembrando que essa fidelidade é para ser vivida em nosso contexto histórico. Quando entendemos isso percebemos que ser Igreja é acolher as pessoas e ensiná-las a fazer parte do povo de Deus. Por um simples motivo: porque é justamente para isso que a Igreja existe! A tarefa e função da liderança de uma comunidade e de todos os seus membros é justamente se perguntar a respeito de como ser fiel ao que Deus quer para essa comunidade no momento histórico em que ela vive. Vale lembrar: fazer discípulos não é apenas chamar pessoas à conversão ou ao batismo e inseri-las no convívio comunitário, mas também ensiná-las a viver no seu dia a dia tudo o que Jesus nos ordenou. Mas como nos tornamos discípulos de Jesus e como podemos cumprir essa tarefa? Vamos resumir de forma prática em três aspectos da vida:

Antes de qualquer coisa precisamos NASCER para Deus. Uma pessoa nasce para Deus quando reconhece a autoridade de Jesus Cristo sobre sua vida (Mt 28.18 e Jo 1.12). Você só pode ser discípulo de Jesus se reconhecer que ele tem autoridade sobre sua vida. Fé não se herda dos pais, pois fé é uma entrega a Jesus que estabelece um vínculo pessoal de fidelidade com o próprio Deus. Por vários motivos Jesus tem direito a essa autoridade sobre sua vida: pelo fato de ele ser o Filho de Deus; pelo fato de ele ter entregue sua vida em seu favor; pelo fato de toda autoridade lhe ter sido dada por Deus.

Depois de nascer para Deus precisamos CRESCER em maturidade: Quando o Evange-

Iho nos alcança e através do seu poder nos torna discípulos de Jesus, o próprio Evangelho nos possibilita um novo estilo de vida como testemunhas de Jesus (At 1.8). O Evangelho passa a ser o padrão pelo qual nós nos orientamos em todas as áreas da nossa vida e em favor das outras pessoas de forma concreta. Quando você se torna discípulo de Jesus e se reorienta em sua vida, você não o faz individualmente, mas em comunidade, sendo parte da Igreja. Você é chamado para uma vida de comunhão no Reino de Deus, ou seja, uma vida na presença de Deus.

Quando você cresce em maturidade, logo vai perceber que os discípulos de Jesus precisam se MULTIPLICAR: Quando você se torna discípulo de Jesus Cristo e o Evangelho passa a reorientar a sua vida, isso influencia tudo o que você é e faz e transborda a partir de você na vida de outras pessoas: família, vizinhos, colegas de trabalho, desconhecidos na rua, pessoas que se encontram em situações de sofrimento. Você quer que mais pessoas sejam discípulas de Jesus, pois experimenta algo que lhe dá sentido de vida e quer que outros também experimentem.

Parece simples esse processo, mas não é o que acontece na maioria das comunidades cristãs de tradição protestante histórica assim como nós luteranos da IECLB. A maioria das comunidades estão tão ocupadas com sua própria manutenção que correm o perigo de esquecer o que significa ser Igreja de Jesus Cristo. Muitas reuniões de presbitério, muitos cultos e muitas reuniões de conselhos giram mais em torno das necessidades da comunidade do que motivadas pela pergunta sobre o que Deus quer realizar neste mundo através da sua Igreja. Precisamos lembrar que a principal função das pessoas que já são discípulas de Jesus é se perguntar sobre como podem gerar novos discípulos de Jesus, como podem estabelecer um sistema de discipulado e crescimento na fé para auxiliar no pro-

cesso de maturidade dos discípulos de Jesus e como alcançar os de fora da Igreja. Dito de forma mais clara, a função de cada membro da comunidade de discípulos de Jesus é se perguntar: como estou agindo como discípulo de Jesus a partir da missão que Deus quer realizar através da Igreja?

Quando uma comunidade ou ministério se ocupa com essas perguntas, ela se torna uma Igreja relevante para Deus. Enquanto uma comunidade se ocupa apenas com seus próprios interesses de manutenção, ela está em contradição com sua essência, propósito e vocação. Por isso, as pessoas que lideram a Igreja, sejam elas ordenadas ao ministério ou não, precisam se perguntar constantemente a respeito de sua vocação e função na Igreja. Nesse sentido, a principal pergunta que devemos fazer enquanto discípulos e discípulas de Jesus é: como eu posso ajudar você a se tornar instrumento da missão de Deus no mundo através da sua vida? Assim olhamos junto com Jesus a partir do “monte” que ele designou e contemplamos o horizonte mais amplo para o qual ele nos quer conduzir.

Jesus estipula parâmetros para a continuidade do que foi iniciado em seu ministério e consumado em sua morte e ressurreição. Enquanto Igreja que se formaria a partir de seus discípulos, Jesus estipulou que eles seriam agentes dinâmicos como discípulos que fazem discípulos. A Igreja de Jesus é composta de pessoas que creem e agem em conformidade com as instruções do Senhor da Igreja e sob sua autoridade. Atuantes a partir dessa instrução clara, Jesus quer transmitir aos seus discípulos que ele mesmo tem um compromisso estabelecido com eles enquanto ao enviá-los. Nessa corrente de discípulos que fazem discípulos estão todas as pessoas que passam a crer em Jesus. Isso nos torna pessoas missionárias que fazem a Igreja ser um movimento de pessoas em missão neste mundo.

Para o trabalho com diferentes grupos:

O texto da Grande Comissão é uma excelente base bíblica para trabalhar o tema da missão e evangelização com crianças e adolescentes. Medite com elas sobre as diversas culturas e povos no mundo. Apresente imagens de povos e culturas tanto do Brasil (as diversas tribos urbanas: skatistas, cultura emo, hippies, surfistas, motoqueiros, indies, metaleiros, góticos...) quanto do mundo. Como é possível cumprir o mandato de Jesus em meio a essas “tribos” para que entre todas as nações e povos haja discípulos de Jesus? Além disso, reflita com elas sobre seu batismo e o que precisa acontecer em sua vida para que se cumpra o que Jesus determinou. Onde elas estão percebendo que a ordem de Jesus está se cumprindo (no culto infantil, ensino confirmatório, nos grupos nas casas, estudos bíblicos, JE...)? Como elas podem fazer parte dessa Grande Comissão?

Obs: O texto do subsídio também contém perguntas que podem auxiliar a reflexão individual ou em grupo.

Sugestão adicional de atividade com crianças:

Material: Para cada criança: bandeja de isopor (pode ser usada e limpa), tintas guache, palito de churrasquinho, uma folha de papel ofício, tesoura sem ponta, pincéis ou rolinhos esponjados próprios para pinturas.

1º Momento

Conte a história bíblica para as crianças. Depois, recorde com elas a narração.

2º Momento

Dê para cada uma das crianças uma bandeja de isopor e um palito de churrasquinho (pode cortar a ponta). Peça que cortem as laterais da sua bandeja, deixando-a totalmente plana. Depois, peça que façam desenhos sobre a cena da história que mais gostaram, usando os palitos de churrasquinho. Quanto mais profundo o sulco do desenho, melhor ficará o carimbo.

Após o desenho feito, é hora de passar a tinta com os pincéis ou rolinhos esponjados, na cor preferida sobre a bandeja. Depois, para fazer o carimbo, as crianças pressionarão suas bandejas com tinta sobre a folha de papel ofício.

3º Momento

Depois do carimbo feito, cada criança apresenta o seu desenho para a turma, explicando porque escolheu aquela cena da história.

Dica legal: Se preferir, você pode substituir a atividade acima por outra. Uma ideia é pedir que as crianças recortem sobre uma folha de ofício o formato do seu pé. Depois, cada uma pode recortar o desenho, colorir e escrever sobre ele uma mensagem sobre Jesus para entregar a alguém.

Fonte: Proposta metodológica da revista O Amigo das Crianças, nº 70, 2017.

2 - SONHAR IGREJA E ATRAVESSAR O TETO



Em 2022 a IECLB lançou um novo material destinado ao desenvolvimento de equipes de liderança nas comunidades, paróquias, sínodos, instituições, grupos e setores. Chama-se “Nossa Equipe”. Além de um conjunto de cartas bíblicas, conta também com um manual com muitos métodos e dinâmicas destinadas ao trabalho com os quatro temas centrais: desenvolvimento de equipe, vocação, visão e espiritualidade. No tema da visão, trabalha com textos e imagens do Novo Testamento que permitem refletir a respeito das perspectivas de futuro de nossas comunidades e igreja. Um destes textos é Marcos 2. 1-12. Ele narra um episódio dos evangelhos que contém impulsos e símbolos que nos ajudam a avaliar a realidade de nossas comunidades e a planejar seu futuro. Enfim, desafia-nos

a encontrar soluções inovadoras e inusitadas para superar obstáculos e a cumprir nosso objetivo maior: trazer pessoas à presença de Jesus.

UMA CAMINHADA BÍBLICA com Marcos 2. 1-12 (ver Manual Nossa Equipe, p. 95-96).

Leia o texto em voz alta para todo o grupo. Após, uma outra pessoa lê de forma pausada o texto uma segunda vez. Durante esta segunda leitura, cada versículo do texto de Marcos 2 é disposto no chão (ao colocar os versículos no chão, deixe um bom espaço entre eles). Em seguida, convide a equipe a fazer uma lenta caminhada pelos versículos. Ao caminhar, cada qual pode ler o texto em silêncio mais uma vez.

Convide para uma segunda caminhada pelo texto e peça que as pessoas participantes parem diante daquele versículo que neste momento as toca mais. Peça ao grupo imaginar o texto como um espaço de ressonância para impressões, sentimentos e emoções: o que move os personagens do texto? Onde há concentração, onde há amplitude? Que sentimentos e emoções podemos observar? “Pare naquele versículo que toca seus sentimentos de forma especial e onde você percebe maior energia!”

Em seguida leiam o texto de forma descontinuada. Ou seja: cada pessoa participante lê o versículo que escolheu, independentemente da ordem dos versículos no texto bíblico. Não há problema se os versículos forem repetidos. A partir do lugar que escolheram, compartilhem com o grupo: “Por que estou aqui? Por que este versículo me tocou de forma especial?”

Na sequência, a determinados versículos são associadas perguntas anotadas em folhas A4 (veja os anexos), além de folhas A5 coloridas e canetões.

Com referência aos termos “carregar” e “paralítico” (versículo 3)

- Onde estou especialmente engajado neste momento? O que ajudo a carregar em minha comunidade?
- Onde percebo estagnação, marasmo, “paralisia” na vida da comunidade? Percebo inércia e apatia em mim mesmo? De que forma?

Com referência à expressão “remover o telhado” e ao termo “abertura” (versículo 4)

- De que forma gostaria que nossas reflexões ajudassem a pensar e formar a igreja e nossa comunidade para além do teto e do telhado?
- Com referência à frase “vendo-lhes a fé” (versículo 5)
- Que pessoa ou qual situação você gostaria de trazer para Jesus?

Com referência à frase “levante-se, pegue o seu leito e vá para casa” (versículo 11)

- O que (ou quem) em sua comunidade você gostaria que fosse erguido e colocado novamente de pé?
- Com referência à frase “a ponto de todos se admirarem e darem glória a Deus ... Jamais vimos coisa assim!” (versículo 12)

- O que na vida de sua comunidade lhe causa admiração a ponto de transformar-se em gratidão e louvor a Deus?

Após colocar as folhas A4 com as perguntas ao lado dos versículos correspondentes, caminhamos uma terceira vez pelo texto. Convide as pessoas participantes a parar diante dos versículos com as perguntas. Peça que usem as folhas A5 coloridas para responderem as perguntas a partir de sua meditação pessoal. As folhas A5 preenchidas são novamente posicionadas junto ao versículo e às folhas A4 com as respectivas perguntas geradoras.

Quando a redação das respostas estiver finalizada, o grupo contempla o resultado e dialoga a partir das seguintes perguntas:

- Há algo que me surpreende nas anotações?
- Há alguma anotação sobre a qual eu gostaria de saber mais?
- Quais são as consequências para a comunidade que resultam desta meditação?
- Pelo que queremos agradecer? Pelo que queremos pedir?

Observação: Esta dinâmica pode estar envolvida por uma moldura litúrgica. Pode-se criar esta moldura com elementos conhecidos da comunidade. Ou então utilizar a moldura sugerida na p. 9 do Manual Nossa Equipe.

3 - O FUTURO DA IECLB E O FUTURO DE NOSSA COMUNIDADE: UM SEMINÁRIO PARA A COMUNIDADE LOCAL

P. Gerson Acker, Nova Friburgo/RJ

Apresentamos uma metodologia para um seminário destinado à comunidade local com o objetivo de que ela desenvolva uma visão que contenha perspectivas de futuro no contexto em que está inserida. Não se trata de um planejamento missionário, mas um “tempo oportuno” – *kairós* – de diálogo para sonhar comunitariamente e vislumbrar, desejar e projetar o futuro da comunidade.

A metodologia foi pensada para ser executada com um grupo misto de pessoas, ou seja, diferentes faixas etárias, agregando toda a composição comunitária. Sugere-se programar esse encontro no formato de “passa-dia” ou “passa-tarde” com almoço, piquenique ou lanche partilhado.

PREPARANDO O ENCONTRO

Materiais que você vai precisar:

- Bíblias, Livro de Canto da Igreja, visualização dos hinos no App da IECLB ou projeção com os hinos.
- Bíblia, flores, vela e cruz para compor um pequeno altar.
- Uma peça ou um quadro de mosaico colorido.
- 5 paramentos (ou panos) nas cores: branca, verde, vermelha, preta e violeta (as principais cores litúrgicas).
- Equipamento de som e letra e áudio da música “Dias melhores”, da banda Jota Quest.
- 5 cestos ou caixas pequenas e 1 cesto ou caixa maior.

- Canetinhas hidrocor, inclusive canetinhas brancas que escrevam em papéis pretos.
- 2 folhas de tamanho A4 de papel cartão ou desenho branco cortadas em tamanhos e formatos diferentes, como se fossem tesselas (pastilhas) para mosaico. Cada pastilha pode ter dimensões próximas a 10cm² (evitar recortar partes muito pequenas). Fazer o mesmo com 2 folhas verdes, vermelhas, pretas e violetas.
- Cola.
- 1 cartolina, papel kraft ou pardo.

Preparo do ambiente: No centro do espaço organize o altar com a Bíblia, vela, cruz, flores e a peça de mosaico. Ao redor do altar, disponha as cadeiras em 5 grupos conforme a quantidade de pessoas participantes. As cadeiras serão dispostas em círculos. No meio de cada círculo colocar um dos paramentos ou panos coloridos e, sobre este, um cesto ou caixa com as folhas de papel cartão cortados na respectiva cor do paramento e as canetinhas hidrocor. Cuidando para que as canetas brancas fiquem no cesto das folhas pretas.

O ENCONTRO: NOSSO FUTURO, TESSELAS NAS MÃOS DE DEUS

Acolhida: Como é bom podermos nos encontrar para meditar na Palavra de Deus e vencer a comunhão! Que todos e todas vocês sintam-se muito bem acolhidos e acolhidas!

O profeta Jeremias nos diz no capítulo 29, versículo 11: *“Porque sou eu que conheço os planos que tenho para vocês, diz o Senhor, planos de fazê-los prosperar e não de causar dano, planos de dar a vocês esperança e um futuro”.*

Somos Igreja de Jesus Cristo presente há 200 anos no Brasil. Já vislumbramos o nosso passado, agradecemos pelo legado e pela história da qual somos testemunhas vivas!

A Igreja se nutre e enraíza sua confessionalidade do passado. Já pudemos experimentar em outro seminário comunitário, refletir sobre a IECLB hoje, sua identidade, participação na sociedade e na missão de Deus. Agora, somos convidados e convidadas a sonhar o futuro da nossa comunidade, da nossa IECLB... Ousado, não? Dá um pouco de medo, não dá? Por isso não estamos sozinhos e sozinhas. Somos comunidade. Não sonhamos sozinhos e sozinhas. Sonhamos em comunidade. Somos Igreja de Jesus Cristo, somos IECLB neste lugar e cremos que sonho que se sonha junto é realidade.

Invocação: Jesus Cristo prometeu que onde dois ou três estivessem reunidos em seu nome, ele estaria junto destes (Mateus 18.20). Nessa certeza, reunimo-nos na presença do Trino Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Amém. (Acender a vela). Cantemos a canção de invocação:

Canção: LCI 574 – Adoração

Oração: Amado Deus! Somos pedras vivas na edificação da tua Igreja. Usa nossos dons e talentos na tua missão. Permite que sejamos sal e luz! Que nosso FUTURO, como comunidade e IECLB, seja um belo mosaico, construído com trabalho coletivo digno, com tesselas sonhadas na perspectiva do Reino e abençoadas por tuas mãos, ó DEUS! Que Teu Espírito Santo conduza com criatividade e vigor nosso encontro, que nosso pensar e falar nos conduza a reflexões produtivas e inspiradas na Tua Palavra. Oramos em nome de Jesus Cristo. Amém.

Dinâmica: Vamos ouvir a canção “Dias melhores” da banda Jota Quest.

Após, convidar para a seguinte reflexão: A letra da canção diz que “vivemos esperando dias melhores”. O que é para você um dia “melhor”? (Permitir um tempo adequado de partilha sobre o conceito do que as pessoas participantes entendem por “melhor” e, na medida do possível, tentar questionar como esse “melhor” influencia a concepção de Igreja. Sugestão de pergunta: “Como seria uma comunidade melhor?”).

Canção: LCI 522 – Jesus Cristo – Esperança do mundo

Leitura bíblica: 1 Pedro 2.1-5 (Fazer a leitura bíblica em duas traduções. Sugere-se a NAA e a NTLH. Dialogar com o grupo fazendo comparações e apontando diferenças entre as traduções. Perguntar sobre o que o grupo entende da expressão “pedras vivas”. Esse mesmo texto bíblico foi utilizado na reflexão do momento presente da IECLB. Pode ser um exercício interessante analisar a mesma perícopes com enfoques distintos. Um olhar para o presente (as “pedras” já edificadas!) em contraste com um vislumbre do futuro (as “pedras” que desejamos inserir e alicerçar!).

Informações exegéticas: O autor da Primeira Carta de Pedro caracteriza o seu escrito como palavra de exortação e testemunho da graça de Deus. A carta é dirigida às comunidades do norte da Ásia Menor (1.1). Os destinatários são cristãos dentre os não judeus que passam por sofrimentos devido à discriminação e ao preconceito que sofrem em seu meio social (2.2,15; 3.14ss; 4.3,14-16). A finalidade da carta consiste em fortalecer, consolar e exortar os leitores, a fim de que permaneçam firmes e comprovem a sua fé num mundo hostil.

O trecho 2.1-10 dá continuidade a uma série de exortações gerais. Os versículos 1-3 têm estreita ligação com a exortação anterior que conclamara para a prática do amor

(1.22-25). Os vícios dos quais as pessoas cristãs devem abdicar são frutos da falta de amor. Segue-se outra exortação: desejar como crianças recém-nascidas o genuíno leite espiritual, no sentido figurado de renascer e crescer para a salvação.

Nos versículos 4 e 5, a exortação utiliza a imagem das “pedras vivas” para destacar o ser comunidade! Não há existência cristã fora da comunidade. O versículo 5 é importante para a reflexão sobre o conceito do “sacerdócio geral de todas as pessoas crentes”. Além disso, a figura da casa espiritual, sendo Cristo a pedra angular e cada pessoa cristã individualmente uma pedra viva, construída sobre ele, é uma metáfora valiosa para refletirmos mais sobre a missão e o nosso futuro como Igreja.

Dinâmica das tesselas: Cacos de cerâmica, cacos de vidro a princípio parecem sonhos frustrados. Parecem não ter mais solução. Os cacos, em si, nada significam. Sozinhos não tem beleza e muito menos sentido, mas quando usados em artesanato, com criatividade e sonho tornam-se tesselas – pedaços revestidos de novo sentido.

Nossos sonhos e perspectivas para o futuro da nossa comunidade e da nossa IECLB são “tesselas vivas”, e essas tesselas nascem das nossas vivências cotidianas e da nossa vida de fé. Convido agora, para uma dinâmica que se desenvolverá em cinco grupos. Cada grupo terá como motivação e inspiração uma cor e tempo litúrgico, por que celebrar e sonhar são perspectivas que não se separam na vida comunitária.

(É necessário haver um rodízio dos participantes em todos os grupos. Assim sendo, é importante que sejam delimitados um tempo de permanência e a forma do rodízio acontecer. Pensamos que 15 minutos seja um tempo mais que suficiente; assim, totali-

zaremos 1h15min de dinâmica. As informações sobre a dinâmica são dadas em cada grupo).

Grupo Branco: A cor litúrgica branca está presente nas principais festividades cristãs: o Natal e a Páscoa. Essas datas nos lembram respectivamente do nascimento e da ressurreição de Jesus. Com o que o Natal e a Páscoa fazem você sonhar? Pensando no futuro da nossa comunidade: O que precisa nascer e/ou ressuscitar?

(As ideias, as frases surgidas no diálogo devem ser anotadas nos pedaços de papel cartão branco disponíveis no cesto. Podem-se usar tantos quantos forem necessários.)

Grupo Verde: A cor litúrgica verde pertence ao tempo comum, logo após o Pentecostes, e lembra a atuação da Igreja no mundo. Além da esperança, esta cor indica a vida na graça. O que lembra esse tempo litúrgico para você? Pensando no futuro da nossa comunidade: Como precisa ser a atuação da nossa comunidade cristã de confissão luterana?

(As ideias, as frases surgidas no diálogo devem ser anotadas nos pedaços de papel cartão branco disponíveis no cesto. Podem-se usar tantos quantos forem necessários.)

Grupo Preto: A cor litúrgica preta é usada na Sexta-Feira Santa. Lembra-nos da crucificação e morte de Jesus. Que memórias você tem desse culto? Pensando no futuro da nossa comunidade: Que sonhos não podemos jamais deixar morrer? Que sonhos devemos impedir a todo custo que sejam crucificados?

(As ideias, as frases surgidas no diálogo devem ser anotadas nos pedaços de papel cartão branco disponíveis no cesto. Podem-se usar tantos quantos forem necessários.)

Grupo Vermelho: A cor vermelha está associada ao Pentecostes, lembrando das línguas de fogo conforme a narrativa de Atos do Apóstolos e à Reforma Luterana. É a cor do amor, da coragem, da transformação. Pensando no futuro da nossa comunidade: Onde precisamos de mais coragem? Como concretizar mais o amor que recebemos e testemunhamos?

(As ideias, as frases surgidas no diálogo devem ser anotadas nos pedaços de papel cartão branco disponíveis no cesto. Podem-se usar tantos quantos forem necessários.)

Grupo Violeta: Advento e Quaresma são os tempos litúrgicos associados à cor violeta. Esta nos convida a um tempo de reflexão e meditação. Advento e Quaresma são tempos de preparação e penitência, respectivamente. Que memórias você tem do Advento? Que memórias você tem da Quaresma? Pensando no futuro da nossa comunidade: Onde precisamos nos preparar mais? Onde estamos “dormindo no ponto”? Pelo que temos que pedir perdão para seguir rumo ao futuro?

(As ideias, as frases surgidas no diálogo devem ser anotadas nos pedaços de papel cartão branco disponíveis no cesto. Podem-se usar tantos quantos forem necessários.)

Ao final, recolher os cinco cestos e reunir todas as tesselas no cesto ou na caixa maior.

Canção: LCI 575 - Canção da caminhada

Dinâmica do mosaico: Mosaicos são obras de arte feitas com cacos. Cacos de cerâmica, cacos de vidro. Os cacos, em si, nada significam. Sozinhos não têm beleza e muito menos sentido, mas quando colados em forma de mosaico, tornam-se tesselas – pedaços unidos revestidos de novo sentido. Nossos sonhos e perspectivas para o futuro

da nossa comunidade e da presença cristã luterana e da IECLB nesse contexto são um grande mosaico, que junta diversas tesselas que nascem das nossas vivências, das nossas vidas de fé...

Nós escrevemos em diversos pedaços de papel ideias, sonhos, perspectivas do que desejamos para o futuro da nossa comunidade e da nossa IECLB, porque somos presença luterana e da IECLB nesta cidade e região. Tais tesselas estão todas reunidas aqui neste cesto/caixa. Agora temos um novo desafio: usando cola e uma cartolina (ou cartolinas) como base, convido para montarmos um mosaico com todas essas peças. Podemos pensar juntos e juntas num símbolo, numa imagem, e vamos fazer um grande trabalho artístico coletivo.

O tempo de feitura do mosaico é variável. Durante o processo, podem ser colocadas músicas ou outro som ambiente. Quando o mosaico estiver pronto, conversar com o grande grupo sobre a imagem que se formou, sobre as ideias que apareceram escritas nas tesselas, os sentimentos envolvidos e o que cada qual leva dessa experiência para sua vida. É importante fazer o registro fotográfico do mosaico e uma foto do grupo reunido. Em seguida, poste a foto do mosaico no link abaixo. Nele haverá outros mosaicos confeccionados na IECLB. Não deixe o mosaico de sua comunidade de fora!



Aproxime seu celular do QR-Code ao lado e poste a foto do seu mosaico conforme instruções

Canção: LCI 287 – Cuida bem

Oração: Gratidão Senhor, por esse tempo de partilha. Pelas tesselas de sonhos que coletivamente juntamos e, assim, formamos esse belo mosaico. Esse mosaico representa os nossos desejos, nossas expectativas diante do porvir. Que estes e outros sonhos nasçam e ressuscitem. Que nossa ação presente e futura possa produzir frutos de amor. Que as dificuldades não sepultem nossos sonhos. Que a chama da coragem esteja acesa na nossa vontade de testemunhar a fé. Que possamos estar vigilantes. Não nos deixes perder oportunidades de missão, porque o futuro já começou. Confessemos, Senhor, que temos nossos medos, inseguranças e receios; mas temos plena

certeza de que caminhas conosco, de que caminhas com a tua Igreja. Entregamos nosso futuro, estas tesselas, nas tuas mãos, Senhor. Confiantes, oramos em união como Jesus Cristo nos ensinou:

Pai Nosso

Bênção: Que Deus abençoe tuas memórias, para que sejam sal a temperar teu presente. Que Deus abençoe teu agora, para que sejas luz onde a rotina é opaca. Que Deus abençoe teu porvir, para que sonhos se tornem sabor e fulgor. Que assim, te abençoe o Trino Deus: Pai, Filho e Espírito Santo. Amém.

Envio: Vão em paz, sirvam ao Senhor com alegria!

**ATIVIDADES RELACIONADAS
AO TEMA E AO LEMA DO ANO
PARA INSTITUIÇÕES EDUCACIONAIS
DA REDE SINODAL DE EDUCAÇÃO
E OUTROS GRUPOS**

APRESENTAÇÃO

Cat. Joni Roloff Schneider

Como em anos anteriores, uma equipe de pessoas que atuam em escolas da Rede Sinodal de Educação (RSE) elaborou reflexões e dinâmicas para professores e professoras trabalharem em sala de aula, com os diferentes níveis de ensino, e uma celebração para fazer com a comunidade escolar. Este material também pode ser trabalhado com grupos de crianças, adolescentes e jovens das comunidades da IECLB.

Para 2023, a equipe se ateve ao Lema do Ano, visto que ele ajudará especificamente nas temáticas da espiritualidade cristã, da identidade luterana e da conscientização cidadã.

A Rede Sinodal de Educação é uma associação que reúne 50 instituições educacionais filiadas. Elas estão localizadas nos estados do RS, de SC, do PR, de MG e de SP. Estudam nelas mais de 43 mil alunos/as, da Educação Infantil ao Ensino Superior.

Desejamos um bom proveito, enfatizando que cada qual deve sempre adaptar as propostas aqui apresentadas para a sua realidade.

EQUIPE DE ELABORAÇÃO:

Catequista Edson Márcio Reginaldo - Instituto Ivoti

Catequista Ma. Joni Roloff Schneider - Rede Sinodal de Educação

Pastora Bianca Daiane Ucker Weber - Colégio Sinodal e Centro de Ensino Médio Pastor Dohms

Pastor Eloir Enio Weber - Colégio Sinodal

Pastor Me. Valdemar Schultz - Centro de Ensino Médio Pastor Dohms

Professora Maira Weyrich Sträher - Colégio Sinodal do Salvador

1. Introdução Geral sobre o Tema e Lema

P. Me. Valdemar Schultz

O tema de reflexão e estudo para o biênio 2023 e 2024 é "IECLB. Igreja de Jesus Cristo". O Guia da Vida Comunitária na IECLB "Nossa Fé – Nossa Vida" define Igreja como "o convívio de pessoas por ela batizadas ou admitidas, diferentes umas das outras, todas elas, no entanto, chamadas para viver seu Batismo". Por sua vez, as pessoas batizadas assumem o compromisso com o discipulado de Jesus Cristo, que se expressa no lema da Igreja: "Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo" (Mateus 5.13-14).

O lema bíblico está inserido em um bloco temático do Evangelho de Mateus conhecido como Sermão do Monte, que inicia com as "bem-aventuranças" (Mateus 5.1-12). Na sequência, vêm os versículos do lema bíblico. Nesse sentido, pode-se dizer que as pessoas bem-aventuradas são chamadas a ser sal da terra (v.13) e luz para o mundo (v.14). O sal tem múltiplas finalidades. Na medida, serve para temperar e dar sabor à comida. Em maior proporção, na inexistência do congelador, era usado para conservar os alimentos, especialmente, a carne. Pode auxiliar também na cura de ferimentos ou ser empregado em funções terapêuticas e religiosas. No entanto, o sal pode perder o seu sabor se for misturado a impurezas.

Jesus indica dois princípios para o seu discipulado a partir da metáfora do "sal". Primeiro, conforme lembrado pelo reformador Martim Lutero, o sal não existe para si mesmo, dado que não pode salgar a si mesmo, mas serve para temperar a comida ou preservar o seu gosto, mantendo-a conservada para que não apodreça. Do mesmo modo, o

discipulado de Jesus não tem um fim em si mesmo, mas segue o exemplo do mestre: "o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos". (Marcos 10.45). Segundo, usado na medida certa, o sal faz bem para a saúde. Tanto a falta quanto o uso exagerado da dosagem comprometem o sabor do alimento. Semelhantemente, os discípulos e as discípulas de Cristo precisam dosar suas ações pela palavra de Deus, que se dirige a cada pessoa em sua situação específica. "Na verdade, é uma função maravilhosa e uma grande e esplêndida honra que Deus os chama de seu sal, acrescentando que devem salgar tudo que existe na terra" (Martim Lutero).

A dosagem correta do sal indica a necessidade do equilíbrio na vivência e no exercício do discipulado. É preciso sabedoria para que haja equilíbrio e coerência entre palavras e ações. Ainda assim, Jesus não espera a perfeição, pois ele chamou pessoas frágeis e instáveis, como nós, para serem seus discípulos, entre eles, pescadores e coletores de impostos. O discipulado de Cristo implica fazer a diferença no mundo, de modo concreto, na prática e na vivência do dia a dia, tendo como princípio e critério o amor de Deus. Um provérbio popular diz: "Para conhecer alguém de verdade, é preciso comer um quilo de sal juntos". A metáfora tem a ver com o longo tempo que seria necessário para que duas pessoas pudessem consumir esta quantidade de sal.

A segunda parte do lema bíblico traz a dimensão pública do discipulado de Cristo.

Uma pequena luz, como de uma vela, pode fazer uma grande diferença em um ambiente escuro, mas, em uma sala iluminada, essa diferença é mínima. A palavra de Deus é luz que orienta a vida. “A tua palavra é lâmpada para guiar os meus passos, é luz que ilumina o meu caminho”. (Salmo 119.105). Como a luz, a palavra de Deus revela possibilidades, evita obstáculos e situações de perigo. A função simbólica da luz está presente nas expressões diárias, como: “vamos esclarecer”, “precisamos nos manter lúcidos”, “alguém dê uma luz”, “vejo brilho no seu olhar”, “seja claro na sua explicação”. A luz é fundamental para a vida, assim como a água e o ar que respiramos. Sem a luz e o calor do sol, não haveria vida na terra.

Assim como o sal, a falta ou o uso excessivo da luz pode ser nocivo ao ser humano. No dizer de Clarice Lispector, “são os pequenos brilhos que encantam, os holofotes cegam”. Na época do inverno, a população da região Sul tende a sofrer carência da vitamina D por falta de exposição diária ao sol. Não só holofotes são prejudiciais à visão humana, mas igualmente a luz branca, que está presente na tela do computador, do celular e também na iluminação de ambientes com lâmpadas LED. O uso saudável das telas implica mudança de hábito. Quanto mais os adultos utilizam o celular, mais as crianças tendem a utilizá-lo. Além de causar distúrbios de sono, estudos apontam que a exposição excessiva às telas afeta diretamente os olhos, pois os músculos permanecem contraídos por longas horas, o que resulta na fadiga ocular e, até mesmo, no desfoque da visão.

Assim como o sal, ser luz é igualmente um convite para fazer a diferença no mundo. Como levar a luz às pessoas em situação de sofrimento e injustiça? Como ser luz em meio a tantas dúvidas e conflitos? O próprio Cristo nos oferece a sua luz quando diz: “- Eu

sou a luz do mundo; quem me segue nunca andará na escuridão, mas terá a luz da vida” (João 8.12). O testemunho da fé através de atitudes concretas é uma forma de promover a luz de Cristo. Na visão do reformador, o sentido do discipulado de Cristo não é a promoção da luz própria, mas o serviço ao próximo. “Esse é o segundo aspecto do ministério do qual ele incumbe os amados apóstolos: que sejam chamados de luz do mundo (...). Isso, também, é necessário porque Cristo não quer que esse ministério seja exercido às escondidas ou, somente, em determinado lugar, mas que seja levado publicamente pelo mundo afora” (Martim Lutero).

Ser sal e luz é um chamado para ser instrumento de Deus no mundo. As duas imagens remetem para a necessidade de haver equilíbrio tanto no anúncio da palavra quanto no testemunho concreto e diário dela. Sejamos, pois, sal e luz como extensão das bênçãos de Deus no mundo.

REFERÊNCIAS

REIS, Ana Isa dos. Auxílio homilético de Mateus 5.13-20. In: HOFELMANN, Verner (Coord.). Proclamar Libertação. São Leopoldo: Sinodal, 2016. v. 42, p. 81-86.

Martinho Lutero - Obras Seleccionadas. Interpretação do Novo Testamento, Mateus 5-7 - 1 Coríntios 15 - Timóteo. São Leopoldo, RS: Sinodal, vol. 9, 2017. p. 68-69.

Nossa Fé – Nossa Vida. Guia da vida comunitária na IECLB. 8ª edição. Nova edição revista e ampliada. 2011. Uma publicação da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB.

2. Atividades para a Educação Infantil

Profª Maira Weyrich Sträher

TEMA 1: O SABOR QUE FAZ A DIFERENÇA

Para desenvolver as atividades, sugerimos que você leia a introdução geral sobre o tema e lema, elaborada pelo P. Valdemar Schultz.

Material necessário:

Pipoca e um pouco de sal.

Desenvolvimento da atividade:

a) Convidar as crianças para sentar num círculo para um momento de espiritualidade. Iniciar a conversa perguntando: vocês gostam de comer comida sem sabor? Que tal comer uma maçã sem sentir o gosto dela? E uma melancia sem qualquer sabor? E que tal uma sopa sem sal? Ou uma massinha com carne sem nenhum sabor? Será que vocês iriam gostar de comer algo sem o gostinho que vocês estão acostumados a sentir?

b) Contar a história a seguir.

Certo dia a pequena Lara chegou da escola cheia de fome! Ela estudava de manhã e quando chegou em casa, na hora do almoço, sentiu um cheirinho delicioso de feijão.

- Hummm...,o feijão da mamãe é muito bom! - pensou ela.

Após lavar as mãos, Lara sentou à mesa, serviu uma pratada de feijão e

colocou uma colherada na boca mas, logo sentiu algo estranho: o feijão estava sem gosto! Lara não precisou dizer nada, pois seus pais logo se deram conta de que algo estava faltando no feijão. Foi aí que sua mãe exclamou:

- Oh!!! Esqueci de colocar sal no feijão! Estava muito distraída!! Que cabeça a minha!!!

Bastou sua mãe acrescentar um tanto de sal e mexer novamente o feijão, que seu sabor voltou a ser delicioso! Sem querer, naquele dia, Lara percebeu que um pequeno detalhe que faltava no feijão fazia uma grande diferença no sabor!

c. Convidar as crianças para um momento de culinária em que farão pipocas. Pode ser na panela ou no micro-ondas, mas é importante que seja pipoca natural, sem sabor. Prepare uma porção, convide as crianças a provar e pergunte: qual o sabor que estão sentindo? É doce? É salgada? Está gostosa?

Depois, colocar sal na mesma porção, deixe que experimentem novamente e pergunte: sentiram diferença no sabor? Está salgada? Poderia ter mais sal? Vocês preferem com sal ou sem sal?

d. Relacionar a história com o texto de Mateus 5.13, dialogando: Vocês sabiam que Jesus, um dia, pediu aos seus discípulos para que eles fossem

o “sal da terra”? Pessoas sendo como o sal! O que será que Jesus quis dizer com esta afirmação? Ele quis dizer que as pessoas podem fazer a diferença no mundo, assim como o sal faz a diferença no alimento. Por exemplo: quando alguém está triste, você pode tentar deixar essa pessoa mais feliz. Ou se alguém se machucou, você pode ajudar essa pessoa e cuidar dela. Pode acontecer de alguém do seu lado estar nervoso, e seu jeito de agir com essa pessoa pode fazer a diferença e acalmá-la. É isso que Jesus espera de nós, que a gente possa dar um gostinho especial para a vida de alguém sendo amigo, amiga, ajudando, fazendo o bem e sendo legal!

TEMA 2: A LUZINHA QUE FALTAVA

Material necessário:

Velas artificiais de pilha ou lanternas de pilha, cacos e restos de velas (pedir que os pais já esmigalhem em casa), um pote de geleia ou outro, um pavio grosso para vela.

Desenvolvimento da atividade:

- a) Contar a história a seguir em um ambiente com pouca luminosidade. Caso a sala não proporcione a escuridão, podem-se trazer lençóis e cobertores e construir uma barraca para todas as crianças se reunirem debaixo dela.

Cadu era um menino de seis anos, que adorava brincar e se divertir. Curtia pegar um cinema, tinha amigos e amigas, gostava da escola e adorava comer banana e polenta frita. Ele tinha alguns medos, mas o pior de todos era o medo de escuro! Só para vocês terem uma ideia, teve um dia, no cinema, em que Cadu precisou ir ao

banheiro, só que tinha um problema: as luzes que iluminavam os degraus das escadas do cinema não estavam funcionando e ele ficou desesperado com aquela escuridão. Mesmo de mãos dadas com o pai, andar no escuro lhe causou muita insegurança! Tanto, que ele nem quis voltar para assistir ao final do filme. Após alguns dias Cadu e sua família foram jantar na casa da sua tia Tati, mas o que Cadu não sabia, era que naquela noite sua vida iria mudar!

Depois da janta, os adultos ficaram conversando na sala enquanto Cadu e seu priminho de três anos foram brincar no quarto. Os dois estavam se divertindo à beça quando, de repente, acabou a luz de toda casa e a escuridão tomou conta do quarto. Cadu começou a suar frio, não enxergava nada e seu priminho se agarrou em suas pernas! E agora? O que iria acontecer? O que Cadu e seu primo poderiam fazer? Como sair daquela situação? O que vocês fariam, crianças? (Ouvir as ideias das crianças).

Foi aí que Cadu teve coragem de observar à sua volta e percebeu que havia uma luz piscando no chão: era de um brinquedo luminoso, tipo uma lanterninha. Imediatamente Cadu a pegou para iluminar o ambiente e naquela hora percebeu que aquela pequena luz já permitia que ele conseguisse enxergar as coisas ao seu redor. Isso o encorajou a proteger seu priminho, segurar sua mão e iluminar o caminho até a sala onde estavam seus pais.

- b. Dialogar com as crianças:
 - E você, também tem medo de escuro?
 - O que você faz quando fica no escuro?

- c. Experienciar luz e sombra: Convidar as crianças a acenderem as suas velas de pilha ou lanterninhas. Deixar que se observem. Depois, pedir que façam sombra no cobertor, usando as mãos.
- d. Dialogar sobre Mateus 5.14: Às vezes temos medo da nossa própria sombra que se forma quando está escuro. Mas a sombra é só uma sombra, que não faz mal a ninguém! No entanto, há casos de pessoas que sentem como se a sua vida toda fosse escuridão. Quando bate a tristeza, sentem saudade, têm uma doença ou outro problema, essas pessoas ficam muito abaladas, se sentem como cacos sem valor e têm sentimentos ruins, igual ao sentimento que Cadu sentia quando ficava com medo do escuro.

Nessas horas essas pessoas precisam de ajuda, que pode ser a companhia de alguém, um abraço, uma música, uma palavra de apoio, uma oração. Essas ajudas funcionam como uma luz na escuridão, elas iluminam a vida das pessoas em sofrimento. Cada um e uma de nós pode ser luz na vida das pessoas quando temos atitudes de ajuda, de solidariedade, de amizade.

Uma história da Bíblia, escrita em Mateus 5.14, conta que Jesus foi conversar com os seus discípulos e disse a eles o seguinte: - "Vocês são a luz do mundo". Depois ele ainda explicou que a luz não pode ficar escondida debaixo de uma mesa, mas precisa ficar em cima, para iluminar todo o ambiente.

Jesus comparou a luz de uma lâmparina, de uma vela, de um abajur com as pessoas. Todos nós devemos

ser como a luz sobre a mesa, que ilumina tudo ao seu redor, dando alegria, coragem e segurança para as pessoas.

- e) Confeccionar uma vela da turma: Convidar as crianças a colocarem os cacos de vela que trouxeram de casa dentro do pote. À medida que vão colocando, amassar para que os restos fiquem bem firmes e acomodados dentro do pote. Antes de completar até o gargalo, colocar o pavio no meio. Depois, acender a vela e dialogar com elas:

Falamos que muitas pessoas se sentem como cacos e vivem como se estivessem sempre na escuridão. Quando essas pessoas recebem atenção, quando a sua vida novamente faz sentido, voltam a ter luz própria, assim como esta vela. Os cacos de vela, sozinhos, não tinham mais como dar luz, mas todos os cacos juntos, formaram uma nova vela, que está iluminando toda a nossa barraca. Jesus quer que cada um de nós seja "a luz do mundo", porque juntos podemos melhorar a vida de muitas pessoas.

- f) Realizar a dinâmica do "Guia e do Cego": Formar duplas. Uma criança imitará uma pessoa cega, que deverá vedar os olhos com uma tira de pano, e a outra terá a função de guia. Inicialmente deve ser explicado o trajeto pelo qual devem caminhar. A criança guia deve segurar uma ou as duas mãos da "criança cega" e a guiará pela sala, cuidando para que não esbarre em coisas ou outras crianças pelo caminho. Andam desta forma por aproximadamente 2 minutos. Depois trocam de função.

No final do jogo, conversar com as crianças sobre as sensações, sobre as dificuldades e os medos que sentiram. Relacionar com andar no escuro e a importância de ter alguém em quem confiar, sendo como luz para quem não enxerga.

- g) Cantar uma música: Para encerrar, escolher uma música que fale de sal e luz e cantar com as crianças.

3. Atividades para o Ensino Fundamental - Anos Iniciais

Cat. Edson Márcio Reginaldo

TEMA: MEU TEMPO NO MUNDO

a) Texto orientador

A passagem do tempo é relativa para cada pessoa, pois depende de como nos ocupamos nele. Expectativas, desejos, objetivos e os mais variados sentimentos ou emoções podem fazer com que a sensação seja de que ele esteja passando mais depressa ou mais devagar. Para cada momento, pode haver um “tempo” diferente.

Para as pessoas adultas, diante de tantos compromissos, normalmente o tempo voa. Os momentos marcados pelo relógio, muitas vezes ficam apertados no tempo do dia. Para as crianças, especialmente quando esperam ansiosas por algo, o mesmo tempo pode dar a sensação de ser interminável. Diante destas constatações é importante pensarmos a partir de duas perguntas: o que eu, você, nós fazemos no tempo de que dispomos? Como podemos usar o tempo que temos para fazer do mundo um lugar melhor?

No Evangelho de Mateus 5.13-16, Jesus dá sinais de como podemos agir no mundo em que vivemos. Somos chamados e chamadas a ser sal e luz. Isto significa que cada um e uma de nós tem a tarefa de fazer a diferença na sociedade, assim como o sal realça o sabor dos alimentos e a luz clareia em meio à escuridão. Jesus nos convida para, através dos nossos dons, colocarmos em prática os seus ensinamentos o tempo todo e em todas as etapas da vida seja enquanto

estudantes, no trabalho, em casa, nos encontros ou no lazer.

b) Encontro com as crianças

Preparar um ambiente acolhedor. Se possível, disponibilizar almofadas ou tapetes para que as crianças possam se sentar no chão, formando um círculo. No centro, colocar um relógio em destaque sobre uma toalha, junto ao cartaz do Tema do Ano.

Acolhida: Olá, crianças! Sejam bem-vindos e bem-vindas. Que bom podermos estar juntos e juntas neste momento! Agradecemos a Deus pela sua presença entre nós, certos de que Ele está conosco sempre.

Introdução à história: Fazer referência ao relógio que está colocado no ambiente. Perguntar para que ele serve, em que situações é usado, 'se sabem ler as horas, o que o relógio marca, porque ele é importante...

História do livro: 'O menino e o tempo'
– Fabiana Guimarães (contar a história ou acessar o vídeo , abaixo)



Aproxime seu celular do QR-Code ao lado e veja o vídeo "O Menino e o Tempo"

A hora é um pedacinho de tempo para fazer as coisas. Zito vivia perdendo a hora de ir para a aula, de fazer as tarefas, de almoçar, de tomar banho... Sua mãe ficava brava e ele ficava triste por nunca alcançar o tempo. Os dois passavam o dia inteiro em uma conversa sem fim, sempre falando sobre o tempo.

– Filho vai se arrumar, se não vai acabar não dando tempo de você ir ao Parque do Cocó.

– Mãe, fala aí com o tempo pra ele me esperar um pouco.

– Filho, tempo não espera.

– Mãe, por que o tempo corre tanto? Pra onde ele vai?... Pro trabalho é?... Tempo trabalha em quê?... Ele viaja com o papai pra Quixadá e pra Crato? Mãe, quando o pai volta, o tempo vem com ele?

– Tempo trabalha muito e vai pra muitos lugares... Por isso tem tanta pressa.

– Mas de noite ele não dorme?...

– Tempo não dorme, filho.

– E não se cansa mãe?...

– Não sei, mas ele não para nunca...

Zito já achava que o tempo não queria ser amigo dele.

– Por que o tempo não me espera, mãe?...

– Tempo é cavalo que corre como um avião. A gente monta nele e sai voando pela vida... Vai ao Crato, Icapuí, Baturité... Para todo lugar que quiser...

– Se ele voa, deve ter asa, né?

Zito queria encontrar o tempo, conversar com ele e ser amigo dele. Mas como fazer para encontrar o tempo?! ...Pensou... Pensou... E teve uma ideia:

– Já que o tempo vive correndo, vou correr atrás dele até alcançá-lo...

Correu para todo lugar, mas não conseguiu pegar o tempo... Sua mãe já estava irritada com tanta correria, e dizia:

– Para com isso, menino! Pra que tanta correria?...

– Pra pegar o tempo, mãe. Quero conversar com ele... já te disse...

– Você vai acabar caindo...

Cansado de tanto correr sem pegar o tempo, Zito resolveu parar e começar a andar. Andou pra todos os lados a procura do tempo. E nada desse tempo parar para conversar. Cansou também de andar e resolveu chamar pelo tempo. Chamou o tempo de todas as formas: em segredo, bem baixinho, no ouvido dele, gritando. E o tempo nada de responder... Sua mãe já estava irritada com tanto grito e reclamou:

– Para com essa gritaria, menino.

– Ah mãe, deixa eu chamar o tempo pra ver se ele me escuta...

Já estava quase rouco de tanto chamar, sem receber um ‘oizinho’ do tempo. Daí, resolveu amarrar o tempo no pé da sua cama por um instante.

– Mas como fazer para amarrar o tempo?...

Depois de muito pensar, pegou um pedaço da corda do varal de sua mãe, fez um laço e começou uma longa e silenciosa espera. Ficou muitos dias quietinho (bem escondido), para pegar o tempo de surpresa.

Muitos dias se passaram... até que Zito, aos poucos foi aprendendo os ritmos do tempo (dentro dele). Descobriu que ritmo é velocidade de andar montado no tempo, que é cavalo, que voa como o avião. Zito descobriu como apressar e diminuir o passo, para voar no tempo...

Desde esse dia, o tempo ficou amigo dele, e nunca mais ele perdeu a hora de fazer as coisas...

c) Atividade 1:

a) Dialogar com as crianças sobre a história que ouviram. Lembrar das perguntas que Zito fazia à sua mãe e refletir sobre o que ele aprendeu sobre o tempo. Pensar com as crianças sobre a forma como usamos o nosso tempo. Compartilhar exemplos de como ele pode ser bem aproveitado (tempo para brincar, ir à escola, fazer tarefas, passear, descansar, se alimentar, ajudar as pessoas...).

b) Fazendo uso do cartaz, apresentar o Lema do Ano às crianças: ‘Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo’ (Mateus 5.13-14). Relacionar a história ‘O menino e o tempo’ ao tempo de que dispomos para realizar boas ações na nossa vida e na vida das outras pessoas. O que Jesus quis dizer ao afirmar que nós somos “sal da terra” e “luz do mundo”? Questionar as crianças sobre a função do sal (dar sabor, preservar os alimentos) e da luz (iluminar o ambiente, possibilitar a vida).

c) Citar exemplos de como podemos fazer isto acontecer no dia a dia junto às pessoas: auxiliar os/as colegas nas tarefas, sermos prestativos, amigáveis, bondosos... Deixar as crianças responderem.

d) Atividade 2:

a) Comentar brevemente sobre a história e ouvir o que as crianças têm a dizer sobre o tempo. Perguntar como elas dividem o seu tempo no dia a dia (o que fazem, como aproveitam, a que horas acontece cada coisa).

b) Ouvir ou cantar a canção: 'Cada dia o dia inteiro' (Edson Ponick) – Hinos do Povo de Deus (HPD) - 455. Lembrar algumas passagens da canção que mostram o cuidado de Deus para conosco. Exemplo: 'Deus protege os passarinhos, e enfeita as lindas flores. E se Deus cuida das plantas, e pra's aves dá o ninho, cuidará também da gente, com amor e com carinho!'

c) Com base no cartaz, citando o Lema do Ano, fazer relação com a última parte da canção: 'Amparados desta forma, Deus espera que a gente, faça o mundo mais bonito, mais humano e mais contente'. O que significa sermos 'sal da terra e luz do mundo' no decorrer do tempo que Deus nos dá?

e) Atividade 3:

a) Preparar uma mochila escolar contendo vários objetos (cadernos, livros, régua, estojo, copo, casaco, brinquedo).

]

b) Numa roda de conversa, perguntar às crianças como elas arrumam a sua mochila para virem à escola. Os pais ajudam? O que carregam? É preciso tudo que está nela? Como escolhem o que vai dentro? Quanto tempo levam para arrumá-la? É pesada?

c) Diante da turma, retirar cada objeto perguntando sobre a utilidade e a necessidade de cada um. Comparar com o que disseram, avaliando com as crianças o que é mais ou menos importante. Lembrar que é preciso distribuir o peso de forma equilibrada.

d) Pensar sobre o que nós levamos conosco, como se fossemos uma "mochila". O que está "dentro de nós"? Lembrar dos nossos dons, do que falamos aos

colegas, do quanto ajudamos as pessoas, do que precisamos, às vezes, deixar guardado, do que é importante fazer bom uso a cada dia (atitudes, sentimentos, postura). Frisar que Jesus disse para sermos 'sal da terra e luz do mundo', mas, com dosagem equilibrada de cada elemento. Como podemos usar o nosso tempo para isso?

4. Atividades para o Ensino Fundamental - Anos Finais

Cat. Edson Márcio Reginaldo

TEMA: SAL E LUZ NA DOSE CERTA

a) Texto orientador

Ao consultarmos o dicionário, identificamos, de forma breve, o sal como sendo um cloreto de sódio, cristalino, de cor branca, usado na alimentação. Já a luz é a claridade proporcionada pela radiação eletromagnética visível aos nossos olhos. Jesus não tinha a intenção de falar dos conceitos físicos do sal e da luz, mas de usar estes elementos para comparar os seus efeitos com a vida das pessoas. No sentido em que Jesus os usou, podemos dizer que o sal significa graça, vivacidade e luz significa brilho, fulgor.

A afirmação “Vocês são o sal da terra. Vocês são a luz do mundo” encontra-se dentro de um texto maior, conhecido como “Sermão da Montanha” (Mateus 5). Jesus fala aos discípulos junto a uma multidão de pessoas sobre as chamadas bem-aventuranças, ensinando sobre a verdadeira felicidade daqueles e daquelas que creem. Somos chamados e chamadas a sermos sal e luz do mundo colocando sinais da graça de Deus entre as pessoas para que juntos e juntas possamos brilhar e, desta forma, encontrar plena felicidade no reino que Jesus Cristo anunciou.

Não podemos esquecer que, tanto o sal quanto a luz precisam ser usados com equilíbrio. A quantidade de sal pode deixar um alimento insosso ou salgado. A falta de luz pode fazer com que não enxerguemos o suficiente e o excesso pode ofuscar e até cegar. Por isso, a medida certa para cada situação é o melhor caminho para levarmos uma vida

com qualidade, sem exageros, mas plena em nosso agir e servir.

b) Atividade 1:

- a) Promover com os e as estudantes uma breve pesquisa / coleta de informações sobre as características do sal e da luz buscando identificar os benefícios que ambos trazem para a nossa vida.
- b) Ler o texto bíblico de Mateus 5.13-16 e fazer uma comparação com o que Jesus disse aos seus discípulos, de que devemos ‘ser sal e luz para a humanidade’.
- c) Elaborar um cartaz que expressa ações positivas em favor das pessoas.

c) Atividade 2:

- a) Ler o texto bíblico do “Sermão da Montanha”, em Mateus 5.3-11. Reescrever os versículos com palavras de fácil compreensão, apontando situações da sociedade nas quais podemos ‘ser sal da terra e luz do mundo’. Exemplo: Felizes as pessoas que cuidam da natureza, pois elas deixarão um planeta melhor para se viver...
- b) Expor as frases na escola, em local de circulação de pessoas.

d) Atividade 3:

- a) Dialogar com os/as estudantes sobre

o significado de “ser sal” e “ser luz”, apontando possíveis ações a serem realizadas junto às pessoas.

- b) Pensar no que precisamos para ter uma vida saudável: boa alimentação, sono com qualidade, bom relacionamento social são elementos fundamentais para que o nosso corpo e nossa mente se desenvolvam bem. Citar exemplos de como estes elementos podem influenciar de forma positiva e o que é preciso para mantermos o equilíbrio físico e emocional.
- c) Realizar uma breve consulta pelo celular, buscando o significado das palavras “sal” e “luz”. Pensar o que Jesus quis dizer ao fazer esta comparação com as atitudes da nossa vida. Lembrar do uso do celular e das redes sociais: procuramos a luz e o sabor para a nossa vida a partir das relações virtuais? Através delas, conseguimos deixar mensagens de esperança, de paz, de amor ao mundo, ou seja, conseguimos “ser sal e luz”?
- d) Criar uma nuvem de palavras na plataforma Mentimeter, usando o celular. As palavras deverão elucidar como podemos ser sal na dose certa e luz que ilumina o caminho na direção de um mundo mais equilibrado, feliz e digno para todas as pessoas. Breve partilha sobre os resultados.

5. Atividades para o Ensino Médio

P^a Bianca Daiane Ücker Weber

Tema 1: Sal - SEJA a diferença!

Refletir sobre a importância da ação para a transformação. Para o sal fazer diferença no alimento, ele precisa estar livre de embalagens que o aprisionam; ele precisa se envolver inteiramente para contribuir no sabor. Assim como o sal não existe para si mesmo, também as pessoas não existem para si mesmas, podendo contribuir para a construção de um mundo mais justo e solidário quando se libertam das embalagens que as aprisionam.

Desenvolvimento da atividade:

- a. Realizar a leitura do seguinte parágrafo: “A cada dia que vivo, mais me convenço de que o desperdício da vida está no amor que não damos, nas forças que não usamos, na prudência egoísta que nada arrisca e que, esquivando-nos do sofrimento, perdemos também a felicidade”. Carlos Drummond de Andrade.
- b. Apresentar o cartaz do Tema do Ano, dando ênfase à seguinte parte do lema bíblico: “Vocês são o sal da terra”. (Mateus 5.13). Esta foi uma afirmação que Jesus fez aos seus discípulos. O sal faz diferença quando é utilizado, dá sabor ao alimento. (Realizar a reflexão sobre o sal com partes do texto da introdução geral, elaborado pelo P. Valdemar Schultz). Como diz Carlos Drummond de Andrade, o desperdício da vida está em não arriscar, não doar, não se envolver.

Somos pessoas desafiadas a fazer a diferença nos espaços da escola, em casa, na sociedade. Diante das situações da vida precisamos decidir qual atitude tomar. Serei indiferente, me protegendo com as minhas “embalagens”? Irei me envolver parcialmente, guardando na minha “embalagem” aquilo que eu tenho de melhor? Ou me envolverei a ponto de fazer a diferença real?

- c. Demonstrar os efeitos do sal. Materiais necessários: 3 copos transparentes com água, 3 saquinhos pequenos com sal e uma colher. Sobre uma mesa, visível a todos estudantes, coloque os 3 copos com água. Ao lado de cada copo, coloque o saquinho com sal. No primeiro, deixe o saquinho de sal na frente do copo. No segundo, coloque o saquinho de sal fechado dentro do copo. No terceiro, misture o sal com a água do copo.
- d. Pedir para os estudantes formarem grupos e dialogarem sobre o que perceberam com a demonstração do sal. Solicitar que elaborem uma apresentação para o grande grupo, encenando a demonstração do sal com situações vividas, apresentando a indiferença, o envolver-se parcialmente e o envolver-se a ponto de fazer diferença real. O que a “embalagem” representa no dia a dia?
- e. Finalizar com a frase “Seja você a diferença que você quer ver no mundo” – atribuída Mahatma Gandhi.

Tema 2: Luz - É pra lá que eu vou!

Esta atividade tem o objetivo de refletir com os estudantes sobre os lugares que eles buscam para dissipar as dores e medos que surgem no período da juventude.

Desenvolvimento da atividade:

- a. Na canção "O sol", o autor afirma que a dor e o medo perdem poder diante da luz do sol; por isso, "É pra lá que eu vou"! Pedir aos estudantes para refletirem sobre os seus medos e dores. Apresentar a canção "O sol", de Antonio Julio Nastácia, lindamente interpretada por Jota Quest e Milton Nascimento Jota Quest - O Sol (Acústico) ft. Milton Nascimento
- b. Solicitar aos estudantes para que se organizem em trios e dialoguem sobre os medos e dores que os rondam no período da juventude. Em seguida, pedir para que um estudante de cada trio escreva, numa das extremidades do quadro ou de uma cartolina, quais são estes medos e dores.
- c. Refletir com eles utilizando os apontamentos do quadro ou da cartolina no seguinte texto: O período da adolescência e juventude é marcado por muitas coisas novas, também por dor e medo (citar os apontamentos), pois mudanças grandiosas acontecem no corpo e na mente da pessoa. Transformações físicas, paixões, amadurecimento, pressão, pergunta pelo seu lugar no mundo, pergunta sobre o que fazer ou não fazer, insegurança sobre a identidade, futuro, aceitação própria, aceitação no grupo e tantas outras coisas. Neste período, muitos jovens são seduzidos para o caminho da escuridão, deixando-se levar por drogas,

bebidas, relacionamentos passageiros, ficando deprimidos por não serem correspondidos com likes nas redes sociais. Na hora da dor e do medo - escuridão, para qual lugar você vai? Em qual lugar você encontra a "luz do sol", que ajuda a dissipar a escuridão, a dor e o medo?

- d. Pedir para um estudante desenhar "O sol" na outra extremidade do quadro ou da cartolina. Solicitar que retornem ao trio e conversem sobre esse lugar de "luz" para o qual eles vão. Vão para onde? Para quem?
- e. Repetir a apresentação da música e solicitar que os estudantes representantes apresentem as respostas, registrando-as extremidade do "sol".
- f. Finalizar este momento realizando a seguinte leitura: A luz dissipa a escuridão, espanta o medo. A luz fortalece a coragem, possibilita o movimento. Quem é a luz? Em qual lugar posso encontrá-la? Posso estocá-la, para não viver a escuridão? Deus é a LUZ. Encontro seu brilho na família, na fé, na verdadeira amizade. Não posso estocar a luz, pois existe para todas as pessoas. Ela vence toda e qualquer escuridão. Por isso, "é pra lá que eu vou!"

Tema 3: Brilho - Cada pessoa com a sua luz

Esta é uma proposta para um breve momento de meditação com os e as estudantes. O objetivo é ajudar na compreensão da importância da sua luz no mundo.

- a) Acolhida: Que a graça, a paz e o amor de Deus estejam com vocês. Amém.
- b) Reflexão: No Evangelho de Mateus 5.13-14, Jesus declarou aos seus se-

guidores: “Vocês são a luz do mundo”. (Realizar a reflexão sobre a luz com partes do texto da introdução geral, elaborado pelo P. Valdemar Schultz).

- c) Realizar a leitura do texto “O mundo”, de Eduardo Galeano.

“Um homem da aldeia de Neguá, no litoral da Colômbia, conseguiu subir ao céu. Quando voltou, contou. Disse que tinha contemplado, lá do alto, a vida humana. E disse que somos um mar de fogueirinhas.

- O mundo é isso - revelou. - Um montão de gente, um mar de fogueirinhas.

Cada pessoa brilha com luz própria entre todas as outras. Não existem duas fogueiras iguais. Existem fogueiras grandes e fogueiras pequenas e fogueiras de todas as cores. Existe gente de fogo sereno, que nem percebe o vento, e gente de fogo louco, que enche o ar de chispas. Alguns fogos, fogos bobos, não alumiam nem queimam; mas outros incendiam a vida com tamanha vontade que é impossível olhar para eles sem pestanejar, e quem chegar perto pega fogo.

- d) Reflexão: Cada pessoa tem o seu jeito de brilhar, e o menor brilho já consegue fazer diferença na escuridão. Nosso mundo é marcado por injustiça, corrupção, mentira e morte. Mas assim como uma pequena luz ajuda a iluminar o que está ao redor, assim também pequenas ações de justiça, verdade e vida fazem a diferença. O importante é deixar essa luz brilhar em todos os lugares.
- e) Oração – dinâmica “falar com as mãos e ouvir com os olhos”: Em círculo, todos os e as estudantes se dão as mãos e ficam em silêncio. Cada pessoa

pensa algo bom que queira transmitir ao colega do lado esquerdo, enquanto fica olhando para as mãos dadas do lado direito. Definir quem começa. A primeira pessoa pensa em algo bom que queira transmitir e aperta, levemente, a mão da pessoa à sua esquerda, sem falar nada. Na sequência, a pessoa que recebeu o leve aperto pensa algo bom para a próxima pessoa e aperta a mão de seu colega do lado esquerdo. Assim se segue até voltar ao primeiro, que avisa quando recebeu o leve aperto.

No final, podem dialogar com quem está ao seu lado direito e esquerdo para saber o que transmitiram em pensamento.

- f) Cantar “Minha pequena luz”: Pode ser preparada por um grupo musical da escola. Existem versões em português e inglês. Minha Pequena Luz This Little Light of Mine | Caleb + Kelsey ou “This Little Light of Mine”
- g) Bênção: “Deus, todo-poderoso, como num ritmo envolvente, quero sentir tua luz ao meu redor; o teu amor me envolvendo; a tua força me protegendo; a tua presença sobre mim. Ali onde estou, tu estás. Amém.” (P. Iára Muller).

Celebração com Professoras e Profeszsores

P. Eloir Weber

MEDITAÇÃO 1: VOCÊS SÃO A LUZ DO MUNDO

Atividade preparatória:

1. Fazer uma caixa totalmente escura por dentro (pintar de preto internamente a fim de que nada seja visível) e deixar uma pequena abertura por onde as pessoas possam olhar. Equipar a caixa com uma luz interna, que será ligada durante a meditação, e um pequeno cartaz interno com a frase “Vocês são a luz do mundo”.
2. Quando da chegada dos participantes, pedir que olhem dentro da caixa. Pedir para não falarem aos outros participantes o que viram (ou não viram).

Acolhida:

“[Meu Deus], fazes resplandecer a minha lâmpada; o Senhor, meu Deus, derrama luz nas minhas trevas.” Salmo 18.28

Poema:

Vós sois o sal da terra
e do mundo a clara luz,
Sol que dá à vida o sabor,
Luz que mostra o caminho do amor!

Se há fraternidade,
é porque a nossa luz brilhou,
Se há comunidade, nosso sal
o evangelho conservou!

Onde existe a partilha,
é porque a nossa luz brilhou,
Se é unida a família,
nosso sal o evangelho conservou!

Se estamos reunidos,
é porque a nossa luz brilhou,
Dando graças ao Deus vivo,
nosso sal o evangelho conservou!

Quando todos forem sal e luz
no mundo, as guerras, as mortes
e todos os males causados
pelas mãos humanas desaparecerão,
e todos gozarão de plena paz,
amor e fraternidade!

(Com adaptações da Liturgia Diária - <http://musicasdailda.blogspot.com/2014/02/sal-e-luz-do-mundo.html>)

Reflexão:

(a reflexão deve ser feita
em forma de diálogo)

- O que tem dentro da caixa? (Como ninguém sabe, pois não conseguiram enxergar, irão surgir especulações. Dar vazão à imaginação e conduzir o grupo para falar sobre escuridão nas mais diversas significações.)

A escuridão existe ou ela é somente consequência da falta de luz? “O escuro não é uma coisa. Ele é só a ausência de luz. Portanto, na letra fria das leis da física, o escuro não pode ter uma velocidade. A luz é composta por partículas, chamadas fótons. E o preto é o jeito com o qual o seu cérebro avisa que um objeto (ou um local) não está emitindo nem refletindo fótons” (*Super Interessante* 14/07/2021).

Leitura bíblica: Mateus 5.13-16

- O presente texto vem imediatamente depois das bem-aventuranças. No início do

Sermão do Monte, Jesus faz uma lista de bem-aventuranças, que podem ser compreendidas como “felicidades”. Essa expressão é simples e profunda. A felicidade que é proporcionada pelas ações e posturas de fé não é passageira, pois é fundamentada e provém de Deus. Jesus inverteu valores sociais ao dar honra às pessoas pobres, às que choram, às humildes e às perseguidas. Então, na medida em que ele diz que os discípulos - e também a nós - “somos luz”, ele está apontando para a direção na qual precisa estar focada a nossa ação. As pessoas bem-aventuradas (nós) são chamadas para a responsabilidade real e social – a educação nos proporciona inúmeras oportunidades de bem-aventuranças. Pedir para o grupo falar delas.

- Jesus diz: “Vocês são”! Não diz “devem ser” nem que “têm que se converter em luz”. “Vocês são” é identidade e expressa que a vida toda da pessoa seguidora de Jesus, em qualquer circunstância e tempo, está voltada para ser luz (ou sal).

(Acender a luz dentro da caixa e pedir que olhem novamente para dentro dela.)

- O que viram dentro da caixa (“Vocês são a luz do mundo”)? Deixar falar.

- Qual a sensação ao ler essa frase? O que ela diz para você, neste momento?

- “Ter luz” ou “ser luz”? Qual a diferença?
De que forma ser professor ou professora é ser luz? Etimologicamente, a palavra “aluno” vem do latim, onde “a” corresponde a “ausente ou sem” e “luno” deriva da palavra “lumni”, que significa “luz”. Neste caso, o aluno quer dizer sem luz, sem conhecimento.

No entanto, tudo depende do ponto de vista. Na verdade, a palavra “aluno” vem do latim *alumnus*, “criança de peito, lactente, menino” e, por extensão de sentido, “dis-

cípulo”. Segundo Paulo Freire, toda criança traz consigo uma bagagem, portanto, ela não é um papel em branco onde o professor irá escrever novos conteúdos.

Falar sobre os dois conceitos. Pedagogicamente, e como cristãos e cristãs compreendemos que toda pessoa é chamada por Jesus a “ser luz”.

Oração e Pai Nosso:

Palavra de Bênção:

Bênção de São Patrício:

*Que a fortaleza de Deus os proteja,
Que o poder de Deus os preserve,
Que a sabedoria de Deus os instrua,
Que a mão de Deus os sustente,
Que o caminho de Deus os dirija,
Que o escudo de Deus os defenda,
Que a luz de Deus os transforme em luz,
Agora e sempre. Amém.*

(Atribuída a São Patrício, Irlanda, século V. Tradução e adaptação de Eloir Weber. Igrejinha, 22 de julho de 2003.)

MEDITAÇÃO 2: VOCÊS SÃO O SAL DA TERRA

Atividade preparatória:

Fazer 3 pães: 1 sem sal, 1 salgado no ponto, 1 super salgado. Cortar os pães em cubinhos, deixar separados em três pratos para mais adiante servir aos participantes. Nos pratos colocar a frase: “Vocês são o sal da terra”. Deixar em um lugar visível desde a chegada.

Acolhida:

“Que a palavra dita por vocês seja agradável, temperada com sal, para que saibam como devem responder a cada um” (Colossenses 4.6).

Poema:

Sal da vida, sal da terra

As águas lavam a terra,
ou é a terra que toma banho nas águas?
Mas, todas as águas deságuam no mar,
levando sabores e saberes da terra.

Azul, cinza, verde ou esmeralda,
é muito bom banhar-se,
esbaldar-se no mar!
Mas também receber alimentos do mar:
que guardam essências da terra,
memórias da terra.

Sal da vida, sal da terra, sal do mar:
Alimenta o nosso corpo,
nossa alma,
nosso espírito!
Sal da vida, sal da terra, sal do mar:
adoça nossos corações,
nossa paz,
nossas esperanças!
Afim, somos todos UM.
Conceição Trucom

Reflexão:

Deve ser feita em forma de diálogo.

Passar as bandejas de pão e pedir para cada pessoa pegar e comer um cubinho de cada um dos pães. Qual a diferença no sabor? O sal faltou, foi suficiente ou foi demais?

Leitura bíblica: Mateus 5.13-16.

O presente texto vem imediatamente depois das bem-aventuras. No início do Sermão do Monte, Jesus faz uma lista de bem-aventuras, que podem ser compreendidas como “felicidades”. Essa expressão é simples e profunda. A felicidade que é proporcionada pelas ações e posturas de fé não é passageira, pois é fundamentada e provém

de Deus. Jesus inverteu valores sociais ao dar honra às pessoas pobres, às que choram, às humildes e às perseguidas. Então, na medida em que ele diz que os discípulos - e também a nós - “somos sal”, ele está apontando para a direção na qual precisa estar focada a nossa ação. As pessoas bem-aventuradas (nós) são chamadas para a responsabilidade real e social - a educação nos proporciona inúmeras oportunidades de bem-aventuranças. Pedir para o grupo falar delas.

Jesus diz: “Vocês são”! Não diz “devem ser” nem que “têm que se converter em luz”. “Vocês são” é identidade e expressa que a vida toda da pessoa seguidora de Jesus, em qualquer circunstância e tempo, está voltada para ser luz (ou sal).

Vocês são o sal da terra. O que Jesus quis dizer? (deixar o grupo falar).

Jesus diz aos discípulos que eles “são sal”. Com isso ele indica que a vida e o testemunho cristãos dão sabor e valor para a humanidade.

O que faz o sal? Ele purifica, cicatriza, dá sabor, preserva, conserva.

No judaísmo, a criança recém-nascida era lavada e esfregada com sal. Acreditava-se que isso fortaleceria a sua pele. Para os romanos, o sal era um alimento divino: uma dádiva de Salus (a deusa da saúde).

Ser professor e professora é ser sal. Qual a relação que se pode fazer com o cotidiano da educação?

“...se o sal ficar insípido...” (v. 13) O que fazer para não ficar insípido como professor ou professora? Ou, ainda, o que faz com que o gosto na boca de um professor ou de uma professora fique insípido (perder o gosto pela sala de aula/escola)?

Oração e Pai Nosso:

Palavra de bênção:

*O Senhor derrame sobre ti a sua paz.
O Senhor te dê sensibilidade
para perceber os dons ofertados a ti.
O Senhor te ensine a amar
sem esperar recompensa.
O Senhor te ensine a servir
com justiça e misericórdia.
O Senhor te acalme
quando estiveres sobrecarregado.
O Senhor te ofereça segurança e fé.
O Senhor te carregue
quando estiveres cansado.
O Senhor seja tua fortaleza e porto seguro
nas horas de dor, dúvida e sofrimento.
O Senhor seja a fonte de alegria
da tua vida e a razão para servi-lo.
O Senhor seja contigo em todos
os teus caminhos, para todo o sempre.
Assim te abençoe o Pai, e o Filho,
e o Espírito Santo. Amém.*